



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE AUDIOVISUAL**

KAIROS

Campo Grande
JUNHO/2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



09/07/2025, 14:47

SEI/UFMS - 5690664 - Ata



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Kairos"

Acadêmica: Julianne Borges Silva de Souza

Orientador: Ramiro Giroldo

Data: 27/06/2025

Banca examinadora:

1. Régis Orlando Rasia.
2. Paulo Cesar Antonini de Souza

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca elogia o empenho em criar uma narrativa complexa que lida de maneira criativa com as convenções do gênero fantasia.

Campo Grande, 27 de junho de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Ramiro Giroldo, Professor do Magisterio Superior**, em 04/07/2025, às 02:26, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Régis Orlando Rasia, Professor do Magisterio Superior**, em 04/07/2025, às 05:06, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Cesar Antonini de Souza, Professor do Magisterio Superior**, em 04/07/2025, às 10:04, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



3

09/07/2025, 14:47

SEI/UFMS - 5690664 - Ata

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Tomaz Zan, Professor do Magisterio Superior**, em 07/07/2025, às 09:55, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5690664** e o código CRC **B0F4AD8F**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM AUDIOVISUAL (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015726/2025-41

SEI nº 5690664



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



4

JULIANNE BORGES SILVA DE SOUZA

KAIROS

Bíblia de pitching apresentada como requisito parcial para banca de defesa para conclusão de curso de graduação em Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande
JUNHO - 2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



5

*“Preciso da minha coroa de mágoa dourada, da minha
espada sangrenta para brandir, dos meus corredores
vazios para ecoar com uma grandiosa auto-mitologia”*

— Florence + The Machine, “King”



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, que me incentivou a abraçar esse projeto e me orientou sobre o melhor formato de realizá-lo, que me ajudou a lapidar minhas ideias e me deu sugestões enriquecedoras. E obrigada pela matéria de transmídia, que foi onde tudo começou!

Agradeço aos meus pais, que sempre apoiaram minhas paixões e ouviram cada texto, conto ou poema que eu escrevi ao longo da vida; por terem me dado um suporte emocional e intelectual inestimável para me ajudar a descobrir o que me faz feliz. À minha mãe que quando não sabia que eu amava ler, me colocava de castigo para ler algum livro, sem saber que estava alimentando as primeiras chamas da minha vocação.

À minha prima Júlia, com quem tive a oportunidade de crescer e chamar de irmã, juntamente à minha tia Zi e meu tio Alcindo, que acompanharam e me deram suporte durante minha trajetória para ingressar na universidade e sempre me acolherem como filha.

À minha melhor amiga Natália, com quem tenho oportunidade de compartilhar inspirações e cuja as conversas sobre esse projeto me ajudaram imensamente e permanecerão inestimáveis para mim, por ter sempre acreditado em mim e nessa história, principalmente nos momentos em que não consegui fazer isso.

Aos meus amigos, Memphis e João, com quem passei o último ano conversando sobre esse projeto e me deram suporte para realizá-lo.

Agradeço aos meus mentores e guias, que estiveram comigo durante todo o processo de realização desse projeto, me amparando. Junto deles, agradeço ao meu amigo Danilo, que não se encontra mais nesse plano, mas que foi a primeira pessoa a saber e me apoiar em relação ao meu amor por cinema e escrita, a primeira pessoa com quem tive a chance de compartilhar o desejo incessante de se doar pelo que ama.

Por fim, agradeço, com o coração cheio, a cada professora e professor que cruzou meu caminho durante a faculdade. Suas aulas foram mais do que repasses de



conteúdo: foram convites à reflexão. Foi através de cada um de vocês que compreendi que não era errada por ver arte em todos os âmbitos da vida. Ao contrário, aprendi que essa sensibilidade é uma forma legítima — e necessária — de existir no mundo.

Tudo isso agora está anexado a mim — e também a este projeto — de maneira viva e pessoal. Carrego comigo não apenas teorias e técnicas, mas formas de ver, pensar e sentir. Obrigada por me ensinarem que a educação pode ser também um gesto de cuidado e de liberdade.



SUMÁRIO

1.	Gênero, target, logline	7
2.	Mundo inconfundível	8
3.	Pontos fortes da proposta	9
4.	Bio das personagens	11
5.	Sinopse	15
6.	Escaleta dos episódios da primeira temporada	16
7.	Roteiros dos episódios da primeira temporada	56
8.	Fundamentação teórica	365
9.	Referências	377
10.	Considerações finais	378



Gênero: Fantasia

Target: Adulto



Logline

Uma jovem dotada de poderes antigos embarca em uma jornada para salvar seu reino, sem saber que as maiores ameaças podem vir não dos inimigos que enfrenta, mas das verdades ocultas em seu próprio caminho.



2. Mundo inconfundível

Lethe é um reino de fantasia medieval marcado por uma geografia diversa e por uma convivência tensa entre múltiplas espécies mágicas cuja coexistência frágil ecoa conflitos ancestrais. Nesse universo místico e politicamente instável, a protagonista Deyanira, espiã da corte e nobre de linhagem, desencadeia uma inesperada manifestação mágica durante um interrogatório, evento que a impulsiona a uma jornada ao lado do enigmático bruxo Soren. A travessia pelo reino revela não apenas paisagens encantadas, mas também os múltiplos povos de Lethe e os segredos da magia que carrega, ao mesmo tempo em que se aproxima de Soren. No horizonte, uma força sombria cresce silenciosamente, ameaçando o reino. À medida que os presságios se concretizam, o tempo torna-se um fio delicado entre o que pode ser salvo e o que está destinado a ruir.



Figura 2 - [ARTISTA DESCONHECIDO]. [s.d] Disponível em:
<<https://br.pinterest.com/pin/5840674511066891/>>



3. Pontos fortes da proposta

A proposta se destaca por subverter a tradicional jornada do herói, estrutura narrativa amplamente difundida, porém cada vez mais previsível diante das complexidades e contradições do sujeito contemporâneo. Em vez de reproduzir o arco heroico clássico, a narrativa assume como protagonista a figura da Sombra — arquétipo junguiano associado ao inconsciente, àquilo que é reprimido e à individuação — propondo um deslocamento simbólico que questiona os binarismos maniqueístas entre bem e mal, vilão e herói. O espectador é induzido a acreditar que assiste à salvação de um reino, quando na verdade acompanha, ainda que de forma velada, a ascensão de um plano maquiavélico. Essa torção narrativa impede que o longa caia em clichês, e provoca uma experiência profunda de espelhamento, desconstrução e revelação interior, desafiando as expectativas heróicas tradicionalmente projetadas.

No Brasil, infelizmente a produção de filmes com temática de fantasia, especialmente aqueles investidos por grandes produtoras, ainda é escassa, salvo raras exceções em plataformas de streaming. A maioria das obras nacionais do gênero não alcança o reconhecimento necessário, o que alimenta a percepção popular e equivocada de que “o Brasil não produz esse tipo de filme”. O projeto em questão não só afirma o contrário, como incentiva, estimula e potencializa a produção audiovisual nacional dentro do gênero fantasia, propondo uma obra autoral, simbólica, conceitualmente complexa e inovadora, capaz de dialogar com públicos variados e fortalecer esse campo criativo no cenário nacional.

Esteticamente, o roteiro combina elementos clássicos da fantasia épica com uma abordagem sensorial, poética e profundamente arquetípica, articulando referências explícitas e simbólicas aos Arcanos Maiores do Tarô — como Torre, Diabo e Enforcado — para expressar visualmente os processos de colapso, sacrifício, libertação e



transformação. Politicamente, a inversão dos papéis tradicionais de vilão e herói tensiona as estruturas narrativas patriarcais que ainda dominam as representações midiáticas, permitindo refletir criticamente sobre a construção do feminino, a figura da bruxa e os processos de redenção espiritual e subjetiva.

Inspirado por pensadores como Carl Gustav Jung, Joseph Campbell, Marion Woodman e fundamentado nos princípios da doutrina espírita, o projeto entrelaça mito, psicologia, espiritualidade e narrativa, contribuindo de maneira significativa para o debate contemporâneo sobre o audiovisual como agente de transformação subjetiva, cultural e simbólica. Ao reconfigurar o conceito de heroísmo a partir da travessia da alma e da integração da sombra, esta proposta oferece uma experiência estética densa, poética e necessária, que expande o repertório da fantasia nacional e provoca um diálogo profundo com as complexidades do ser humano e seus processos evolutivos.



4. Bio das personagens

Deyanira



Figura 3 - VELNART (2025). [Imagem de Arte Digital]

Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/DFKzTRkKifm/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA>

Deyanira é uma jovem de 25 anos. Ela mora em Callisto, capital de Lethe, e trabalha como espiã-mestre para o Rei Nótus. Ela é a única sobrevivente de sua linha de nobreza, pois seus pais foram assassinados quando ela era criança e mais tarde seu irmão mais novo, Kallias, morreu afogado. O Rei Nótus se compadece da solidão de Deyanira e a cria como sua filha, oferecendo estudos especiais sobre o reino e treinamento militar. Sua melhor amiga é a Rainha Camila, segunda esposa do Rei Nótus. Deyanira é uma mulher forte, com humor sarcástico e é teimosa. Se apresenta como alguém racional, que demora para aceitar e compreender a magia dentro de si. Ao embarcar na jornada com Soren, Deyanira mostra não confiar no mago, mas com o tempo essa estranheza é quebrada e um romance surge entre os dois. Como Espiã-Mestre, aprendeu a manipular, esconder e sobreviver — mas por dentro, é inquieta. Há nela uma fome de sentido, de poder, de origem. À medida que sua magia



desperta, Deyanira oscila entre controle e caos, entre a ilusão de ser heroína e o reconhecimento de sua verdadeira natureza. Seu charme é magnético; sua presença, inquietante. É uma mulher em guerra consigo mesma — e essa guerra é o que a torna perigosa e fascinante. Ela quer, enfim, compreender quem é — e talvez, nesse processo, destruir o que for preciso.

Soren

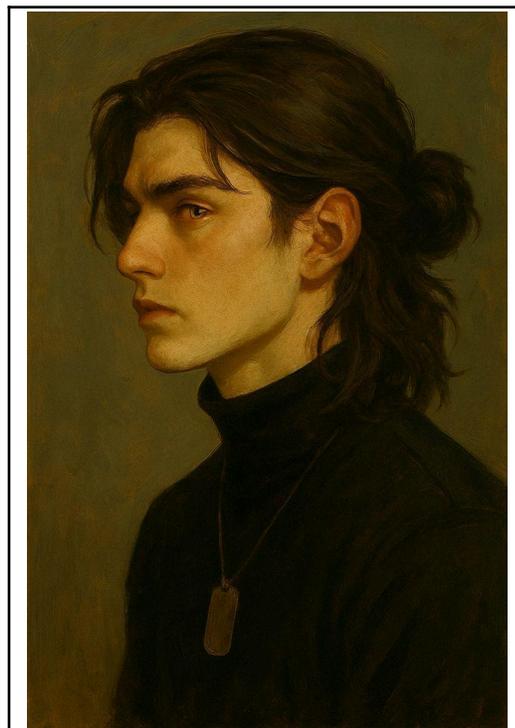


Figura 4 - CAPULUCIOUS. [Imagem de Arte Digital] Disponível em: <<https://pin.it/38IS5xLer>>

Soren é um mago com a aparência de um jovem de 27 anos, apesar de estar vivo há muitos séculos. Ele trabalha como pesquisador independente, viajando pelo reino em busca de aventuras. Soren é convocado pelo Rei Nótus para levar Deyanira até o Templo de Anika, onde ele diz haver outras feiticeiras que poderão ajudar Deyanira a entender seus poderes. Na verdade, Soren se chama Caedros, e foi amaldiçoado por



Nxythra, sua antiga amante, para reencontrá-la em cada encarnação que ela tiver e matá-la, até que ela o mate, e é isso que pretende fazer com Deyanira. A dor que Soren arrasta pelos séculos, sendo obrigado a matar seu amor diversas vezes o transformou em alguém rígido, misterioso e silenciosamente trágico. Ao longo do tempo, seu senso de dever, que outrora foi sua maior virtude, se torna um peso que o arrasta para o inevitável e o molda em um contido e intropesctivo. Há nele uma melancolia antiga, a tristeza de quem não evolui, apenas repete. Soren é compassivo, mas incapaz de verdadeira empatia: apesar de amar Deyanira, ele a olha com os olhos de um destino que não sabe mudar. Sua força está na persistência, mas seu trágico fracasso está na recusa em se transformar.

Nxythra



Nyxthra é a primeira encarnação de Deyanira. Ela é a origem do caos, a feiticeira ancestral; cuja magia rompeu os limites do tempo e da alma. Ela representa o poder bruto e o instinto de dominação. Deyanira é o mesmo espírito séculos depois: a



conclusão da jornada iniciada por Nxythra, a integração da sombra. Elas não são opostas, mas complementares. Deyanira não rejeita Nxythra, ela a reconhece. Carrega sua memória, sua dor e sua força. Ao invés de apagá-la, busca atravessá-la.

Nyxthra foi a destruição, Deyanira é a consciência. Ambas são o mesmo ser em estágios distintos de evolução. Soren é o espírito encarregado de destruir Nyxthra em todas as vidas. Selado por Nyxthra, Soren é a repetição, a evolução de Caedros.



5. Sinopse

Deyanira é uma jovem nobre que possui o trabalho secreto de espiã-mestre do rei. Sua vida consiste de missões e festas, mas, um dia sua vida toma um novo rumo ao, durante um interrogatório, descobrir que possui poderes. Então, enquanto uma força sombria ressurgue e ameaça a paz do reino, a mulher se vê obrigada a embarcar em uma missão com o mago Soren para entender e controlar sua magia.



6. Escaleta dos episódios da primeira temporada

EPISÓDIO 1 - RAPINA

1 EXT. TEMPLO EM RUÍNAS

- Soren está de costas, olhando para dentro do templo;
- Ele está sujo de sangue e com as roupas queimadas;
- Ele olha para trás, para a câmera;

TÍTULO

2. EXT. CALLISTO - DIA

- A capital, Callisto, é apresentada. Cenas da cidade são mostradas para ambientação de onde a história se inicia;
- Um homem, Crockworth, passeia em uma feira, Deyanira o observa, escondida no alto de um prédio;

3. EXT. QUARTEIRÃO EM CALLISTO - DIA / 4. INT. TEMPLO SECRETO - DIA

- Deyanira o segue até um Templo escondido;
- Eles lutam. Deyanira enfrenta monges feitos de areia. A Guarda Real chega como reforço e prende Crockworth;

5. EXT. CORREDOR DO PALÁCIO - FIM DE TARDE

- Deyanira anda pelo palácio e encontra Anya, sua amante. Elas conversam sobre o objeto que Deyanira recuperou;

6. INT. SALA DO TRONO - PÔR DO SOL

- Deyanira encontra o Rei Nótus e a Rainha Camila na sala do trono. Eles conversam sobre a origem do objeto, um amuleto com o símbolo de um deus antigo;



- Quando Deyanira e a Rainha Camila saem, o Rei Nótus chama um dos guardas e pede para convocar alguém, no caso Soren, mas ainda não é revelado ao público;

7. INT SALÃO DE JANTAR - NOITE / 8. INT SALÃO DE JANTAR - NOITE

- Deyanira, Rei Nótus e Rainha Camila apreciam um jantar junto de Sigbert, Mavros e Morcand, nobres de um condado do reino que estão em Callisto para negociações de guerra;

9. EXT SACADA DO SALÃO DE JANTAR - NOITE

- Deyanira e Rainha Camila estão na sacada do salão de jantar, bebendo. A Rainha diz como é cansativo ser destrutada pelo marido. Deyanira não tem a oportunidade de responder, pois Mavros aparece e a chama para a reunião com os outros nobres;

10. INT SALÃO DE JANTAR - NOITE

- Deyanira e Mavros flertam no caminho até a reunião;
- A reunião acontece de forma tensa, com Deyanira discordando do posicionamento dos convidados;
- Deyanira é chamada para realizar o interrogatório de Crockworth;

11. INT. CORREDOR PARA MASMORRA - NOITE

- Deyanira anda pelo corredor que leva para a masmorra;

12. INT. CÂMARA DA MASMORRA - NOITE

- Ao chegar na masmorra, Deyanira briga com os guardas que estão a provocando e entra na cela de Crockworth;
- Durante o interrogatório, Crockworth provoca Deyanira sobre a morte de seu irmão mais novo, o que a faz perder a paciência;



- Uma explosão de luz verde emana da mulher, que demonstra não entender o que está acontecendo e é levada para ver o Rei;

14. INT. ESCRITÓRIO REAL - NOITE

- No escritório real, Deyanira é acalmada pela Rainha enquanto Rei Nótus e seu conselheiro, Anis, revelam que a mão de Deyanira era uma feiticeira de um templo distante que foi enviada como oferta de paz para Callisto;
- Anis conta que existe uma força sombria ameaçando o reino, mas que ainda não sabe o que é;
- O Rei e Anis mandam Deyanira em uma missão para descobrir a origem dessa ameaça;
- Deyanira discute e diz não querer ir, principalmente porque não entende sua magia e nem como controlá-la. No fim, ela cede e vai arrumar suas coisas para a viagem;

15. INT. QUARTO DE DEYANIRA - NOITE

- Em seu quarto, Deyanira conversa com Rainha Camila, ela diz estar apreensiva e a Rainha encoraja a amiga;
- No momento em que vai sair do quarto, Anya entra no recinto. Camila se retira para deixar as duas a sós;
- Anya começa uma discussão com Deyanira, dizendo que a espiã sempre se ausenta sem avisar. Anya também confessa sentir algo mais profundo por Deyanira;
- Deyanira se desculpa por não corresponder os sentimentos de Anya e se retira do cômodo, deixando Anya sozinha;

16. INT. CORREDOR - NOITE

- Deyanira caminha pelo corredor que leva ao escritório real;



- Ela escuta vozes conversando no escritório. Ao se aproximar para espiar, Deyanira sem querer empurra a porta e assim, decide entrar de uma vez;
 - Lá dentro estão o Rei Nótus, Anis e um jovem que Deyanira não conhece, Soren.
- FIM DO EPISÓDIO.



EPISÓDIO 2 - FATA VIAM INVENIENT

1. INT. ESCRITÓRIO DO REI - NOITE

- Deyanira entra no escritório e Rei Nótus a apresenta a Soren, um bruxo, que permanece em silêncio;
- Anis diz que eles estão decidindo o percurso da viagem;
- O Rei conta que Soren irá acompanhar Deyanira na jornada. A espiã se revolta, afirmando não precisar de auxílio para a missão. Ela se cala após Anis rebater dizendo que Soren entende de magia muito mais do que Deyanira poderá entender pela próxima década;
- Todos começam a planejar a rota. Soren diz para irem pelo continente por ser seguro, já Deyanira quer ir pela costa por ser mais rápido;
- Nesse momento, Deyanira descobre que a rota que prefere está interdita e que o Rei havia cedido para os nobres convidados da noite anterior, Sigbert e Morcand;
- Deyanira tenta começar novamente uma discussão, mas é silenciada por Anis;

2. EXT. ESTÁBULO - AMANHECER

- Já no estábulo do palácio, Deyanira conversa com Dario, o cavaleiro, e apresenta Soren.
- Soren e Dario apostam que Deyanira mudará de opinião sobre o bruxo ao longo da viagem;
- Deyanira pede seu cavalo e entra com Dario para buscá-lo, deixando Soren sozinho;
- Soren observa o nascer do Sol e um corvo pousa em uma gárgula perto dele. Eles se observam;
- Deyanira passa, já montada em seu cavalo, se despede de Dario e antes que Soren pudesse terminar sua frase, ela sai trotando pelo jardim, deixando o bruxo falando sozinho;
- Soren se despede de Dario, sobe em seu cavalo e segue Deyanira;



3. EXT. ESTRADA EM FLORESTA - MANHÃ

- Deyanira e Soren estão em uma estrada perto da floresta. Soren tenta conversar com Deyanira, que o ignora;
- Deyanira começa a interrogar Soren, querendo saber quem ele era e como havia chegado tão rápido na capital;
- Soren conta que estava em uma cidade próxima e diz que recebeu um bilhete de sua superior mandando-o ir até Callisto. Ele entrega o bilhete para Deyanira;
- Soren diz que estava na cidade de Elodin investigando uma aparição demoníaca e o desaparecimento de um demonólogo;
- Eles conversam sobre a magia de Deyanira e Soren instiga a memória da mulher para entender o que pode ter acontecido para ela ter a explosão;
- Deyanira começa a se irritar e a brigar com Soren;
- Ao ouvir Soren falar de seu irmão, Deyanira o derruba do cavalo e sai cavalgando pela estrada;

4. EXT. HOSPEDARIA - NOITE / 5. INT. HOSPEDARIA - NOITE

- Já de noite, Soren entra em uma hospedaria. Ele está completamente molhado;
- Soren pede um quarto para o atendente e eles conversam um pouco, até que Soren ouve uma voz familiar ecoando no salão;
- Ele vê Deyanira rindo e jogando cartas em uma mesa, então ele vai até ela e começa a gritar, dizendo que ela convocou uma tempestade que o seguiu pelo restante do dia;
- Deyanira finge não conhecê-lo;
- Soren se afasta, ainda com raiva;

6. INT. QUARTO DA HOSPEDARIA - MADRUGADA



- De madrugada, Soren vai ao banheiro e, ao voltar para seu quarto, após fechar a porta, é encurralado por Deyanira, que segura uma faca contra o pescoço do bruxo;
- Ela diz que não sabe como fez magia, mas que achou muito bem feito para todos os que sofreram por isso e diz que não vai mais falar sobre o próprio passado;
- Deyanira finca a faca na parede de madeira, rente ao rosto de Soren e se retira do quarto;

7. INT. SALÃO DA HOSPEDARIA - MANHÃ

- Na manhã seguinte, Soren interrompe o café da manhã de Deyanira e diz que ele não vai se deixar ser tratado daquela maneira por ela, que ele iria seguir a viagem como planejado e tanto faz se ela o seguisse ou não;

8. EXT. PÂNTANO - DIA

- Eles seguem viagem pelo pântano;
- Soren diz que eles irão passar a noite lá. Assim que Deyanira começa a implicar, Soren já a rebate, dizendo que não é a sua primeira vez naquela região;
- Eles conversam sobre a estadia de Soren com o Povo da Água Lodosa e sobre como o reino deixa essa região de lado quando se trata da segurança;
- Após essa conversa, eles percebem algo estranho no ambiente, um silêncio pesa no ar. O vento cessa, os pássaros se silenciam e até a água parece se aquietar;
- De repente, Soren e Deyanira são atacados por um Soprador, uma criatura feita de animais, plantas e pessoas em decomposição, como um detrito orgânico vivo;
- Com a combinação entre combate corpo a corpo de Deyanira e a magia de Soren, eles derrotam a criatura;

9. EXT. PÂNTANO - DIA

- A dupla se aproxima da beira de um lago e Soren diz que eles chegaram ao destino;



- Soren começa a entrar na água e desaparece por uma barreira invisível;
- Mesmo hesitante, Deyanira o segue e atravessa a barreira;

10. EXT. GRIMNASH - DIA

- Deyanira e Soren chegam em Grimnash, uma vila onde criatura mágicas do pântano residem;
- Um troll, Vrogg, se aproxima deles e cumprimenta Soren;
- Soren apresenta Vrogg a Deyanira e diz que o troll é um velho amigo;

11. EXT. GRIMNASH - DIA

- Vrogg leva Soren e Deyanira pela vila, para que possam se instalar;
- Ao andar pela vila, Deyanira vê uma barraca que chama sua atenção, ao se aproximar, vê Ilanis, uma dríade que vende poções;

12. EXT. GRIMNASH, BARRACA - DIA

- As duas têm uma conversa sobre a magia de Deyanira que deixa a espiã desconfortável, por fim, Ilanis entrega um frasco com um líquido verde para Deyanira, que o deixa na barraca e vai até onde Soren e Vrogg estão;

13. EXT. GRIMNASH - DIA

- Deyanira, Soren e Vrogg param em frente a uma cabana, de onde sai um gripli chamado Mugg, também amigo de Soren;
- Mugg abraça Soren e o chama de Endri, Soren diz não conhecer esse nome;
- Mugg se apresenta para Deyanira e os quatro trocam cortesias;
- Mugg diz que precisa voltar ao trabalho;
- Soren chama Deyanira para começar a praticar sua magia;



14. EXT. PÂNTANO - FINAL DO DIA

- Ao entardecer, Deyanira e Soren estão sentados em uma pequena clareira no pântano;
- Deyanira tenta fazer um graveto flutuar e falha;
- Ela se irrita;
- Soren começa um debate sobre autocontrole e medo com Deyanira, na tentativa de fazer com que a espiã se abra um pouco mais;
- Deyanira consegue fazer o graveto flutuar, mesmo que com dificuldade;

15. EXT. GRIMNASH - NOITE

- Mais tarde, durante o jantar, perto de uma fogueira, Ilanis se aproxima de Deyanira e ambas travam uma conversa enigmática sobre os poderes de Deyanira;
- Ao sair, Ilanis deixa o frasco com líquido verde perto de Deyanira;

16. EXT. GRIMNASH - NOITE

- Do outro lado da clareira, afastado, Soren bebe em silêncio e observa Deyanira;
- Mugg aparece e questiona Soren se Deyanira sabe da verdade;
- Soren e Mugg discutem sobre o passado misterioso de Soren, deixando a entender que o bruxo sabe mais do que aparenta;
- Mugg se afasta e Soren volta a observar Deyanira;

FIM DO EPISÓDIO.



EPISÓDIO 3 - NASCENTES MORIMUR

1. EXT. GRIMNASH - NOITE

- É tarde e Grimnash está silenciosa, os moradores estão dormindo;

2. EXT. GRIMNASH, INTERIOR DA CABANA DE SOREN - NOITE

- Deyanira Soren dormem na cabana de Soren, ela na cama e ele no chão;
- Uma névoa começa a se espalhar pela cidade, entrando pelas janelas na cabana de Deyanira;
- A espiã acorda assustada, olhando ao redor;
- Ao ver que Soren dormia, ela sai da pequena casa e vai até a varanda;

3. EXT. GRIMNASH, VARANDA DA CABANA DE SOREN - NOITE

- Ela quebra um galho da árvore mais próxima e fecha os olhos, com o objetivo de fazer o galho flutuar;
- A voz de Soren ecoa atrás de Deyanira, ela se assusta e o galho cai;
- Soren diz que vai ensinar um truque para canalizar a magia dentro de si e pede para Deyanira fechar os olhos;
- Ela obedece;
- Deyanira sente algo afiado em sua garganta e, ao abrir os olhos, vê que Soren segura uma adaga contra seu pescoço. Ela tenta se soltar, mas vinhas e cipós prendem seus braços;
- Ela diz que se for uma vingança pela hospedaria não era engraçado e Soren a ameaça;
- Deyanira usa sua magia e faz o galho levitar e atravessar o olho do bruxo, que a solta;
- Ela então corre para dentro da cabana e vê Soren ainda dormindo;
- Confusa, ela se vira e também vê Soren, rindo e com o galho ainda atravessando o olho;



- Deyanira entende se tratar de uma projeção, alguma criatura que tomou a forma de Soren;
- A criatura cerca Deyanira e a afasta da cabana;
- Após ameaçar e derrubar Deyanira, a criatura começa a sugar o ar de seus pulmões de forma mágica;
- Um som corta a noite, fazendo a criatura virar o rosto. Seu outro olho é atingido por uma vinha florida, que atravessa sua cabeça;
- Ilanis aparece no campo de visão de Deyanira, que agora consegue respirar novamente;
- Ilanis fala um encantamento antigo e abre um frasco redondo, a criatura é sugada para dentro do pote que em seguida é fechado;
- As luzes das casas ao redor começam a se acender e Vrogg aparece, querendo saber o que aconteceu;
- Ilanis diz que foi um Vitralis, um espectro que toma a forma de outras pessoas;
- Soren sai da cabana, confuso. Ao ver Deyanira, ele corre em sua direção, mas se detém no meio do caminho;
- Ele pergunta como Deyanira está e ela o acalma;
- Soren fica sem jeito e sai com Vrogg para fortalecer as barreiras da vila;

4. EXT. GRIMNASH, VARANDA DA CABANA DE SOREN - MANHÃ

- É a manhã seguinte, Deyanira está parada na varanda, observando a água;
- Soren aparece, fechando a cabana. Ele pergunta se Deyanira está pronta e ela confirma;
- Soren e Deyanira caminham pela vila em direção ao centro, onde a comoção aconteceu na noite anterior;
- Eles conversam sobre Ilanis estar acordada no momento do ataque;
- Soren revela o passado traumático de Ilanis com o Vitralis que possuiu a irmã e forçou Ilanis a matá-la;



5. EXT. GRIMNASH - MANHÃ

- Eles vão até Ilanis, Vrogg e Mugg;
- Despedidas emocionadas: Vrogg abraça Soren e beija a mão de Deyanira;
- Ilanis dá um pequeno cristal verde para Deyanira;
- Mugg avisa que irá guiá-los até “O Beco” e diz que eles precisam deixar os animais, pois o caminho é perigoso;
- Apesar da resistência inicial, Deyanira aceita e parte a pé;

6. EXT. PÂNTANO - MANHÃ

- Travessia pelo pântano: troncos, musgo, fumaça saindo da água;
- Chegam ao local chamado “O Beco”, um buraco estreito entre rochas;
- Mugg anuncia que sua missão termina ali;
- Deyanira agradece Mugg e pula primeiro no buraco;
- Silêncio, até ela gritar de lá de dentro para Soren seguir;
- Troca de olhares cheia de subtexto entre Soren e Mugg (algo não explicado ao espectador);
- Soren pula atrás dela;

7. INT. O BECO - MANHÃ

- Soren sai do buraco, caindo rápido;
- Ele olha ao redor e vê uma gruta escondida, pedras cinzentas e feixes de luz;
- Deyanira está observando raízes nas paredes;
- Soren se aproxima e diz que aquele local era uma rota antiga de comércio, que foi abandonada com o tempo e virou refúgio de facções e fugitivos;

8. INT. LAGO DO BECO - MANHÃ

- Soren leva Deyanira para a beira do lago;



- Chegam ao lago de água escura, a água possui organismos bioluminescentes que emitem uma luz azulada;
- Soren conjura um orbe de luz azul, revela o teto cheio de estalactites;
- Deyanira toca a água, fascinada;
- Soren diz que era um paraíso cultural escondido, usado por comerciantes e trupes;
- Deyanira aponta para um barquinho velho, pergunta se vão usá-lo;
- Soren confirma, se levanta e sobe no barco;
- Após pular algumas vezes, brinca que a madeira ainda aguenta;
- Deyanira se aproxima e exige que ele a ajude a subir no barco;

9. INT. RIO DA GRUTA - DIA

- Eles começam a navegar;
- A correnteza os puxa devagar;
- Após alguns minutos de silêncio, Soren vê que Deyanira está segurando o cristal de Ilanis e diz que ela gostou de Deyanira;
- De repente, o barco começa a acelerar e a raspar em pedras, Deyanira acha que Soren está controlando a velocidade de barco e pede para ele ir mais devagar;
- Soren diz que não está fazendo nada e que não consegue diminuir a velocidade do barco;
- Deyanira pergunta pela corda, mas ela ficou no cais;
- O barco acelera mais e é levado até uma cachoeira subterrânea, de onde ele despenca;
- O barco se quebra pelo impacto com as rochas, Deyanira e Soren são lançados para longe;
- Deyanira começa a se afogar. A cena se mescla com flashes entre ela e uma criança se afogando na praia;



- Imagens mescladas, desespero crescente enquanto Deyanira tenta nadar e chamar por Soren;
- Deyanira perde a consciência;
- Tela escurece;

10. EXT. OASIS - DIA

- Deyanira abre os olhos, sente areia e água na boca, tosse;
- Sua visão entra gradualmente em foco. O azul frio das cavernas virou laranja do deserto;
- Ela está deitada perto da água, a correnteza os arrastou até o oásis;
- Deyanira tenta se levantar, mas não consegue. Ela sente um peso em seus membros e ao olhar para baixo se vê presa por correntes;
- Deyanira olha para o lado e vê Soren desacordado e preso;
- Ela olha ao redor e percebe que está cercada por guerreiros bárbaros;
- Rhaska, uma guerreira, pergunta para Deyanira o que eles estavam fazendo naquela região;
- Soren geme e tenta se arrastar até Deyanira, ela vê que eles está ferido;
- Guerreiros levantam Soren, Deyanira tenta reagir, é contida.
- Um draconiano dourado, Vaerith, pondera se eles devem deixar o mago à própria sorte;
- Outro guerreiro, Kaelis; expressa desconfiança em relação aos magos;
- Vaerith reforça que seria útil eles entenderem “o que ele é”, não apenas se ele vive;
- Rhaska chama Sha’zel, curandeira draconiana, para tratar Soren, mas diz para tratá-lo lentamente, para ver se ele luta pela vida;
- Os bárbaros decidem levá-los como prisioneiros;
- Rhaska chama Deyanira;
- Deyanira encara, desafiadora;



11. INT. CELA - DIA

- Deyanira está em uma cela, deitada em uma cama de madeira velha, olhando para o teto;
- Sha'zel entra, vê que Deyanira não comeu;
- Deyanira pergunta por Soren;
- Sha'zel responde que ele está acordando e se recuperando, mas que Deyanira só poderá vê-lo depois;
- Sha'zel sai e Deyanira a segue hesitante;

12. EXT. CIDADE ESCAVADA NAS ROCHAS - CORREDOR - DIA

- Deyanira segue algemada e cercada por dois guardas por um corredor, onde ela observa entalhes na rocha que contam sobre a cultura e mitologia desse povo;
- Ao longo do corredor, alguns habitantes da cidade observam em silêncio. Eles sussurram entre si em uma língua gutural, enquanto outros encaram Deyanira de modo feroz;
- A passagem se alarga, revelando o centro de uma cidade que se estende por níveis entalhados na rocha do desfiladeiro;
- Deyanira se encanta e comenta com Sha'zel que eles são muitos avançados para um povo bárbaro, Sha'zel logo retruca, dizendo que a capital é a verdadeira comunidade bárbara porque não cuidam da própria história e memória;
- Elas passam por outro corredor e entram em uma grande biblioteca;

13. INT. BIBLIOTECA ANCESTRAL - DIA (CONT.)

- Deyanira passa o olhar pelos nichos e estantes, observando os livros e as relíquias neles presentes;



- Sha'zel se aproxima de um altar de pedra negra no meio do ambiente e começa a questionar Deyanira seu poder;
- Após uma conversa, Sha'zel entrega para Deyanira um pergaminho;
- Deyanira o abre e lê, em seguida olha para a draconiana, assustada;

14. INT. ALA HOSPITALAR - DIA

- Sha'zel leva Deyanira até a ala hospitalar para ver Soren;
- Deyanira tenta se aproximar dele, mas Rhaska a impede;
- Sha'zel mandar Rhaska sair do caminho e a guerreira, ainda que relutante, obedece;
- Soren geme de dor. Deyanira se aproxima e observa o mago;
- Ela passa a mão na testa de Soren, verificando a temperatura. Com isso, o mago abre os olhos lentamente;
- Logo em seguida, se lembrando de todo o ocorrido, ele se sobressalta, mas Deyanira o segura pelos ombros e diz que estão seguros;
- Deyanira conta para Soren que perderam apenas uma noite e que o problema do barco foi uma armadilha. Que ela acordou já no oásis com os bárbaros os cercando;
- Deyanira se senta na cama e Soren percebe as ataduras na mão da espiã, que desvia do assunto e afirma se tratar apenas de arranhões leves;
- Deyanira inventa uma história falsa para explicar porque estavam no Beco;
- Sha'zel se aproxima e diz que Soren precisa de dias para se recuperar;
- Soren tenta argumentar que precisam partir logo, mas Sha'zel não cede e diz que eles deverão ficar por lá durante um ciclo lunar inteiro;
- Nesse momento, um homem adulto entra na ala hospitalar carregando uma menina de mais ou menos sete anos nos braços, ele chama por Sha'zel, dizendo que a criança não respira;
- A draconiana vai até ele e faz um ritual e assopra fumaça para dentro das vias respiratórias da criança, fazendo ela recuperar o fôlego;



- Sha'zel fala com o homem, mas a conversa não é audível;
- Rhaska conta para Deyanira e Soren que existe uma praga adoecendo e matando as crianças da cidade. Ela diz que ainda não sabem o que é e nem a cura;
- A menina passa por eles em uma maca em direção a outro quarto;
- Soren diz que a doença se chama Sombra Vínica;
- Rhaska se revolta, dizendo que essa é uma doença que foi erradicada;
- Sha'zel confirma, dizendo não haver um caso da doença há séculos;
- Soren faz um trato com Sha'zel: ele garante que pode curar essas crianças com os ingredientes corretos, se ele conseguir, estarão livres para ir embora;
- Sha'zel aceita e firma o acordo com um Pacto de Cinzas, o que revolta Deyanira, já que isso significa que se Soren não cumprir o acordo, ele morre;
- Sha'zel e Rhaska saem, deixando Deyanira e Soren a sós;
- Ela senta novamente ao lado dele na cama e pergunta se Soren pode realmente ajudar;
- Soren diz que agora precisa conseguir e ri, mas Deyanira não gosta da piada;
- Ao ver a preocupação da mulher, ele explica que a receita do elixir e da pomada é instável, mas ele tem o conhecimento necessário;
- Após um tempo, o clima entre os dois se alivia e Deyanira questiona Soren sua idade, mas ele não revela;
- Deyanira revela que Sha'zel a testou, identificou uma força nela, e quer ajudar a treiná-la;
- Soren fica relutante, mas cede com a condição de acompanhar o treinamento, mesmo estando fraco;
- Deyanira percebe que está segurando a mão de Soren e tenta se afastar, mas ele entrelaça os dedos nos dela;
- Ele conta como a encontrou presa nas pedras no Beco e a salvou quando ela estava desacordada;



- Deyanira fica emotiva, mas logo rompe o momento e ri nervosamente enquanto limpa as lágrimas que se acumulam em seus olhos;
- Ela se despede e diz que Soren precisa descansar;
- Deyanira sai da ala hospitalar às pressas;

15. INT. BIBLIOTECA - DIA

- Deyanira volta para a biblioteca, onde Sha'zel a espera;
- Sha'zel ameaça não ajudar mais Deyanira após a intromissão de Soren no assunto da epidemia;
- Deyanira a desafia e diz que Sha'zel não vai fazer isso;
- Sha'zel levanta a mão e evoca névoa negra sobre a pedra do altar;
- Ela pega uma pequena taça de metal e enchendo-a com uma substância sombria, entrega para Deyanira;
- Deyanira bebe o líquido e por um momento nada acontece, até que o espaço muda: a biblioteca escurece, as prateleiras se alongam e as sombras se movem. Névoa sobe ao redor de Deyanira, a realidade parece distorcida;
- Por um instante, algo negro e profundo brilha dentro de Deyanira, como uma sombra ancestral. Ela sente vertigem, tropeça dentro de si mesma, mas logo se recompõe;
- Sha'zel observa fascinada, olhos brilhando, mas Deyanira não percebe, acha que foi só um delírio passageiro;
- Sha'zel se aproxima e diz que vai ajudar Deyanira;
- Após Deyanira questionar o porquê, Sha'zel diz que é isso que se faz diante do inevitável

FIM DO EPISÓDIO.



EPISÓDIO 4 - FILHA DA TORMENTA

1. INT. BIBLIOTECA - FINAL DE TARDE

- Deyanira está na biblioteca, tentando conjurar um feitiço enquanto Sha'zel a observa. Chamas verdes tremulam em suas mãos, mas se desfazem antes de tomarem forma;

2. INT. SALA DE ESTUDO - DIA

- Em uma sala de estudos, Soren lê um livro e traça símbolos no ar. Sua mão treme de dor, e ele pressiona o abdômen machucado. Deyanira, passando por ele, vê sua frustração;

3. INT. SALA DE ESTUDO - NOITE

- No mesmo cômodo, agora de noite, Soren prepara ervas sob um fogo;
- Ele tenta levantar um caldeirão, mas ainda está fraco;
- Deyanira passa e o ajuda a levantá-lo;

4. INT. ALA HOSPITALAR - DIA

- Soren inclina-se sobre uma criança doente e testa um medicamento;
- Deyanira, ao fundo, observa preocupada;
- A criança recua um pouco e um adulto ao seu lado faz menção de avançar em direção a Soren, que o lança um olhar calmo;

5. INT. BIBLIOTECA - DIA

- Deyanira tenta novamente um feitiço;
- Um jato de faíscas escapa e Soren, que estava lendo um livro, conjura uma barreira para se proteger;
- Sha'zel suspira, frustrada;



6. INT. SALA DE ESTUDO - DIA

- Soren prepara uma nova infusão de ervas;
- Deyanira entra e observa Soren trabalhando;
- Ela estica o braço para pegar um frasco e Soren dá um tapa de leve em sua mão;
- Deyanira mostra a língua para Soren, pega um livro, bate na cabeça do mago e sai;

7. SALA DE ESTUDO - NOITE

- Deyanira tenta conjurar um fogo, mas falha;
- Soren verte um líquido em um frasco e ele borbulha;

8. INT. BIBLIOTECA - DIA

- Sha'zel acende uma vela e manda Deyanira repetir a ação;
- Após ver Deyanira falhar, Sha'zel joga um frasco para a espiã;
- Deyanira sente o frasco esquentar em sua mão, mas não o solta;

9. EXT. PÁTIO DE PEDRA - DIA

- Sha'zel desenha um símbolo no ar;
- Deyanira tenta repetir, mas seu fogo sai explosivo as chamas sobem demais;

10. EXT. PÁTIO DE PEDRA - FIM DO DIA

- Deyanira está lutando contra dois draconianos;
- Soren a observa;
- Deyanira percebe e se aproxima, provocando Soren, que fica sem graça e desvia do assunto;

11. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE



- Uma criança draconiana pega a mão de Soren enquanto ele verifica sua temperatura;

12. EXT. DUNA DE AREIA - DIA

- Soren observa Deyanira de longe enquanto ela treina com Sha'zel;

13. INT. BIBLIOTECA - DIA

- Deyanira observa Soren estudando feitiços;

14. INT. APOSENTOS DE DEYANIRA - DIA

- Deyanira é retirada de sua cela e movida para um quarto grande e decorado com tecidos, velas e tapeçarias;

15. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE

- Deyanira e Soren distribuem uma nova poção para as crianças doentes;
- Um guerreiro dá um aceno curto para Soren como agradecimento;

16. EXT. DUNA - NOITE

- Deyanira e Soren estão sentados sob um céu estrelado, compartilhando uma garrafa de bebida;

17. EXT. PÁTIO DE PEDRA - DIA

- Um jovem draconiano erra um feitiço, lançando um jato de magia sobre outro jovem;
- Deyanira se interpõe e conjura um escudo de chamas para protegê-lo;
- Sha'zel aprova sua atitude;



18. EXT. PÁTIO DE PEDRA - AMANHECER

- Deyanira treina com sua espada enquanto Soren tenta acompanhá-la;
- Ele desvia com dificuldade, e quando ela muda de lado rapidamente, ele quase cai;
- Deyanira o segura e ri;

19. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE

- Soren inclina-se sobre uma criança febril, testando uma infusão;
- Deyanira, ao fundo, observa preocupada;

20. INT. SALA DE ESTUDO - NOITE

- Deyanira encontra Soren dormindo sobre os livros;
- Ela pega uma das velas e a apaga com a mente;

21. INT. BIBLIOTECA - AMANHECER

- Deyanira desperta com o cheiro de chá;
- Soren entrega uma caneca para ela, os dedos deles se encostam por um instante;

22. INT. ALA HOSPITALAR - DIA

- Soren cuida de uma criança, que está visivelmente melhor;
- Um guerreiro entrega uma pulseira para Soren;

23. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE

- Dez crianças não conseguem dormir;
- Soren começa a cantar baixinho para elas;



24. EXT. CENTRO DA CIDADE - DIA

- As crianças curadas correm pela cidade;

25. EXT. PÁTIO DE PEDRA - DIA

- Deyanira desenha runas no ar;
- Soren se aproxima e a desafia para um duelo;

26. EXT. ENCOSTA DE PEDRA - ENTARDECER

- Deyanira e Soren estão sentados conversando;
- Eles falam sobre os momentos vividos nos últimos tempos;
- Deyanira se abre com Soren: ela conta que seu irmão morreu afogado pouco depois da morte de seus pais e que isso foi um gatilho quando eles estavam no Beco e o barco naufragou;
- Soren a conforta;
- Barish, um dos moradores da cidade se aproxima e informa que uma festividade se iniciará logo;

27. INT. TENDA DE DEYANIRA - NOITE

- Deyanira termina de se arrumar;
- Soren entra e se encanta com a visão da espiã arrumada;
- Ele a entrega uma flor e a prende no cabelo de Deyanira;
- Duas crianças espiam dentro do cômodo, rompendo o momento romântico;
- Eles saem;

28. EXT. FESTA SOB O LUAR - NOITE

- Deyanira e Soren caminham até um vale por uma trilha iluminada pelo fogo e decorada com folhas e cristais;



- Eles chegam ao centro da festa e se deparam com os moradores os aguardando;
- No centro do vale pode-se ver uma pira acesa;
- O casal vai até um palanque onde Sha'zel, Vaerith, Ko-rinn e Balasar (grãos-senhores) e suas duas filhas;
- Ko-rinn e Balasar discursam sobre a criação do Reino de Lethe e saúdam Deyanira e Soren;
- Deyanira e Soren bebem de dois cálices cerimoniais e todos ao redor comemoram;
- Deyanira está sozinha perto de uma mesa, comendo;
- Ko-rinn e Sha'zel se aproximam e a Grã-Senhora agradece Deyanira pela ajuda com a epidemia. Ko-rinn também revela que Sha'zel é sua mãe;
- Deyanira e Sha'zel conversam e a draconiana aconselha Deyanira;
- Mais tarde, Soren, que está conversando com um grupo de pessoas, vê Deyanira sozinha observando o fogo e se aproxima;
- A conversa entre eles começa descontraída, mas Deyanira começa a provocar Soren;
- Quando ele se aproxima para tocá-la, ela se afasta e vai até um grupo de mulher, onde pega uma espada cerimonial;
- Uma nova música se inicia e Deyanira começa a dançar manuseando a espada;
- Vaerith se aproxima de Soren e explica que a dança é um tipo de rito de passagem das feiticeiras da cidade;
- Soren se hipnotiza pela dança;
- Vaerith diz que vários homens tentaram ter algo com Deyanira, mas que nenhum obteve sucesso;
- Com o fim da dança de Deyanira, uma tempestade se forma no horizonte;
- Soren vai até Deyanira e elogia a dança;



- Um jovem se aproxima e diz que a festa será movida para o subsolo por conta da tempestade;

29. INT. CENTRO DA CIDADE ESCAVADA - NOITE

- Deyanira e Soren chegam no centro da cidade, onde os moradores já estão arrumando novamente a festa e acendendo tochas;
- Soren puxa Deyanira para um corredor;

30. INT. CORREDOR - NOITE

- Eles passam pelo corredor estreito de mãos dadas;

31. EXT. SACADA - NOITE

- Eles chegam em uma sacada e se acomodam;
- O casal fala sobre a tempestade;
- A tensão entre os dois surge novamente;
- Soren puxa Deyanira para si e a beija;
- Deyanira sorri e gui Soren para a saída da sacada, de volta para o corredor;

32. INT. TENDA DE DEYANIRA - NOITE

- Eles se beijam e fazem confissões de amor;
- Eles se deitam e se entregam um para o outro;

33. INT. TENDA DE DEYANIRA - MADRUGADA

- Deyanira dorme nos braços de Soren;
- Ele está acordado, uma lágrima escorre em seu rosto.

FIM DO EPISÓDIO.



EPISÓDIO 5 - CORVUS OCULUM NON EURIT

1. EXT. JARDIM DO PALÁCIO EM CALLISTO - DIA

- Crianças correm pelo jardim do palácio;
- Kalias, o irmão mais novo de Deyanira, com uns 6 anos, chora;
- Deyanira, com uns 10 anos, o acalma;
- Um outro garoto, Tristan, da idade de Deyanira, puxa os cabelos da garota;
- Ele começam a brigar fisicamente;
- Um guarda aparta a briga e manda Tristan ir embora;
- O guarda acalma Deyanira e diz que ele não a treina para puxar briga;

2. INT. TENDA DE DEYANIRA - MANHÃ

- Deyanira acorda sozinha na cama;
- Ela olha ao redor, procurando por Soren, que está arrumando a mesa de café da manhã;
- Eles trocam carícias e se arrumam para partir;

3. EXT. VALE NO DESERTO - MANHÃ

- Soren e Deyanira caminham de mãos dadas até o local onde ocorreu a festa na noite anterior;
- Lá encontram Sha'zel, Vaerith, Ko-rinn, Balasar e mais três sacerdotisas os aguardando;
- Todos trocam cumprimentos de despedida;
- Antes de irem embora, Balasar fala sobre crenças em relação a morte e a ressurreição;
- Sha'zel, Ko-rinn e as três mulheres formam um círculo e começam a entoar um feitiço;
- Deyanira entra em transe e grita de dor;
- Um buraco se abre no chão, de onde sai uma pata de animal;



4. EXT. VALE NO DESERTO - MANHÃ (cont.)

- De dentro do buraco sai um esqueleto de dragão “vivo”;
- Soren se assusta, mas Deyanira se aproxima do animal, que responde ao seu chamado;
- Soren e Deyanira montam o animal e saem voando;

5. EXT. DIVERSAS PAISAGENS - DIA

- Deyanira e Soren voam nas costas do dragão;
- O casal passa por várias paisagens incluindo lagos, montanhas, vales e o mar;
- Deyanira está animada, aproveitando a vista;
- Soren segura firme em Deyanira e parece assustado;

6. EXT. THALDRIN - FINAL DO DIA

- Deyanira e Soren chegam voando até Thaldrin, a província élfica;
- O dragão sobrevoa um lago em círculos, Deyanira diz que eles precisarão pular na água para descer;
- Deyanira pula rindo, Soren xinga e pula a contragosto;

7. EXT. THALDRIN - FIM DO DIA

- Deyanira e Soren atingem a água e nadam até a superfície;
- Eles nadam até a margem do grande lago, onde dois elfos, Eldarion e Swagron, esperam com uma expressão séria;
- Deyanira e Soren os cumprimentam e os elfos os tratam com indiferença, dizendo que eles devem se limpar para o jantar;

8. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

- Deyanira e Soren entram no salão decorado que está cheio de elfos;



- Eles vão até a mesa principal, onde se encontram cinco homens e seis mulheres nobres;
- Cerridwen, uma das nobres, filha de Eldarion, despreza o casal e leva uma reprimenda do pai;
- Eldarion diz para Deyanira e Soren se sentarem e indica assentos em lados opostos da mesa;

9. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

- Deyanira conversa animadamente com Sagan e Ruel, dois nobres;

10. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

- O jantar fora recolhido, agora todos estão apenas bebendo;
- Deyanira conta alguma história sobre suas missões passadas;
- Os governadores élficos riem e gradualmente se simpatizam com Deyanira;
- Soren, do lado oposto da mesa, observa Deyanira ganhar a nobreza pela lábia;
- Eldrith e Vanor, dois conselheiros, conversam sobre as defesas de Thaldrin com Soren e pedem uma sugestão para fortalecer a proteção do reino;
- Soren usa magia para exemplificar uma barreira protetora. O ato chama a atenção de todos na mesa;

11. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

- Todos agora estão em pé, conversando em grupos distintos e circulando pelo salão;
- Deyanira e Swagron estão em uma roda de conversa com outros nobres, sendo eles: Draven, Ehrix, Elswyth e Luntian;
- Eles discutem sobre a política e os territórios do reino;
- Deyanira vence o debate;
- Ela vê Soren e se aproxima dele;



- Eles conversam e dançam;

12. INT. SALÃO SOLAR, CALLISTO - DIA

- A cena acontece no passado, Deyanira possui 16 anos;
- Ela está em um salão no palácio, tendo aula com outros jovens da nobreza;
- Thana e Auren, seus tutores, ensinam modos de etiqueta para os jovens;
- Alguns nobres debocham das regras;
- Deyanira é chamada para exemplificar uma norma de etiqueta, isso faz os outros jovens rirem dela;

13. INT. SALÃO SOLAR, CALLISTO - DIA

- A aula terminou e os jovens saem em fila;
- Deyanira fica sozinha e senta em uma poltrona, folheando um livro;
- Seus professores se aproximam e conversam amigavelmente com Deyanira;
- O Rei Nótus entra no salão;
- O Rei e Deyanira conversam sobre linhagem e poder;
- O Rei presenteia Deyanira com um broche de família;

14. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

- Soren e Deyanira dançando pelo salão;

15. EXT. SAÍDA DO BAILE - NOITE

- Deyanira e Soren saem do salão de festas;
- Deyanira abraça o corpo ao sentir o vento gelado e sem seguida Soren a abraça;
- Soren avista um grupo de sete jovens sentados ao redor de uma pequena fogueira, conversando;



16. EXT. FOGUEIRA - NOITE

- Soren e Deyanira se aproximam e se apresentam para o grupo;
- Um dos jovens, Sildarion, se apresenta e convida o casal para se juntar ao grupo;
- O casal se senta e descobre que o grupo está contando lenda antigas;
- Dois jovens, Aeltharion e Vaeloria discutem sobre qual mito seria o próximo;
- Deyanira inventa um mito qualquer e conta para o grupo;
- Depois da história de Deyanira, Vaeloria pede para contar um mito chamado “Conto Lunar”;
- Os jovens discutem, pois alguns têm medo dessa história;
- Vaeloria a conta mesmo assim;
- A lenda conta a história de Vaelyss, uma rainha humana do mundo antigo, e Caedros, um bruxo, cujo amor proibido desafiou reinos e pactos, levando Vaelyss a abandonar sua humanidade. Caedros, sedento por mais poder, traiu a confiança de Vaelyss, sacrificando-a para ascender ao poder. Antes de morrer, Vaelyss ouviu dele que todo sacrifício serve à ascensão de outro, e a lenda diz que Caedros, ainda vivo, busca trazê-la de volta à vida, mas para isso, precisará de um coração puro;
- O clima pesa na roda, alguns jovens fazem sinais de proteção;
- Soren fica tenso e Deyanira se ausenta da conversa, ambos sentindo o peso da lenda de maneiras distintas;

17. INT. APOSENTOS DE SOREN E DEYANIRA - NOITE

- Soren acorda assustado, com Deyanira jogando um envelope em sua direção e se vestindo;
- Deyanira grita com Soren e joga mais papéis no bruxo;
- Deyanira questiona o real motivo da viagem e da missão;
- Soren vê que seus pertences estão abertos e espalhados pelo quarto, ele fecha os olhos;



- Deyanira não o deixa se explicar. Ela continua gritando e fazendo mandando Soren falar a verdade;
- Deyanira diz que Soren é o bruxo do mito, Caedros, porque no pântano ele usou a mesma frase de Caedros;
- Deyanira acusa Soren de querer matá-la para reviver sua amada;
- Deyanira pega a mochila e sai do quarto;

18. MONTAGEM

- Deyanira atravessa os corredores do palácio élfico, trovões soam no fundo;
- Ela monta em um cavalo e cavalga tempestade adentro;
- Soren está no quarto, ele amassa as cartas, as joga no fogo. Explosões de magia vermelha saem de seus punhos, derrubando móveis;
- Soren grita;
- O dia amanhece, Deyanira para em um riacho para beber água;
- Ela observa seu reflexo na água. Ao lavar o rosto, suas mãos tremem;

19. EXT. PERTO DO TEMPLO - DIA

- Deyanira chega a uma terra escassa, cinzenta;
- Seu cavalo dá passos lentos, ela toma cuidado com espinhos;
- Deyanira passa por uma trilha abandonada, guiando seu cavalo com cuidado;
- Em certo momento o cavalo para, se recusando a seguir viagem;
- Após tentativas frustradas, Deyanira desiste de fazer o animal se mover e desce da sela, seguindo a pé;
- Deyanira passa pelos últimos galhos secos e olha para cima, assustada com o que vê em sua frente;

FIM DO EPISÓDIO.



EPISÓDIO 6 - ETERNORA

1. EXT. TEMPLO - DIA

- Um velho templo ergue-se a alguns metros de onde Deyanira está;
- O clima está nublado, trovões rugem no céu;
- Deyanira se aproxima do templo e sobe a escadaria principal, olhando ao redor;
- Deyanira passa pelo portal em ruínas, chega ao naos do templo e vê os escombros de uma escultura;
- Deyanira ouve um barulho, o som de algo caindo. Ela se vira, mas não encontra nada;
- Soren aparece. Ele encara Deyanira e anda em sua direção;
- Deyanira recua;
- Deyanira abre a boca para gritar, mas é interrompida por mãos que a seguram por trás e um pano com ervas em seu nariz, que a faz perder a consciência;

2. EXT. TEMPLO - FINAL DO DIA

- Deyanira acorda, seus olhos estão tampados;
- Ela tenta se mexer, mas está amarrada nos escombros da grande escultura;
- A voz do Rei Nótus ecoa no vazio;
- Deyanira congela por alguns instantes e depois vira o pescoço lentamente para frente, em choque;
- Ele retira a venda de Deyanira;
- O Rei Nótus revela que o tempo todo a viagem era um plano para matar Deyanira, mas não revela o motivo;
- Deyanira manda Soren falar a verdade, tenta argumentar com Nótus que Soren está mentindo, mas não adianta;
- Soren está afastado, apenas observando;
- Deyanira olha através das lágrimas para Soren, que se aproxima, trêmulo;
- Soren segura firme uma adaga;



- Deyanira tenta se soltar;
- QUando Soren faz menção de cravar a adaga em Deyanira, ela ri;
- Soren se assusta;
- A voz de Deyanira ecoa no meio do templo. Deyanira está parada, livre, onde momentos antes não havia ninguém;
- Nótus empunha a espada e ataca, Deyanira entorta a espada com a mão e empurra o rei para longe;
- Nótus tenta outra investida;
- Deyanira se vira rapidamente e com um único movimento enfia a mão no corpo do rei e a retira se coração;
- Soren e Deyanira lutam, misturando magia e combate físico;
- Deyanira grita com Soren e diz que o plano dele falhou, que ela finalmente era a mais poderosa ali;
- Deyanira inicia um feitiço de necromancia, mas Soren o finaliza, tomando o controle dos corpos para si;
- O chão treme e racha, e então os corpos começam a se erguer. Corpos de mulheres com aparências e roupas distintas;
- Deyanira luta com cada uma delas e as derrota;
- Deyanira prova que está mais forte que Soren poderia imaginar;
- Soren recua um passo instintivamente;
- Deyanira agora tinha os olhos e têmporas delineados por veias escuras;
- Ela ergue a espada do Rei e mentalmente a desentorta;
- Soren tenta se defender, mas é tarde. A lâmina voa e se finca em suas costas;

3. INT. SALA DE ANIS - NOITE

- Anis está na pequena sacada de seu escritório, bebendo chá;
- A porta se abre com força e a Rainha Camila entra, exigindo saber onde está seu marido;



- Anis pede para ela se aproximar;
- A mulher se aproxima, a contragosto. Ela se apoia na sacada;
- Anis pousa a xícara na sacada e se senta em uma pequena poltrona;
- Ele indica para que Camila faça o mesmo e se sente na poltrona atrás dela;
- Anis começa a contar a história de Nythra e Caedros;

4. EXT. CAMPO DE BATALHA - DIA (*flashback*)

- Guerreiros gritam e se matam;
- Dax, o Primeiro Rei, monta em um cavalo e lidera um exército formado por diversas criaturas mágicas que lutam contra seres elementais;
- Uma pessoa cai do dragão que sobrevoa o campo;
- Soren pousa no chão graça, quase flutuando. Ele sorri, a expressão vívida;
- Uma mulher se materializa ao lado de Soren, Nyxthra;
- Os dois começam a lutar contra os elementais usando magia;
- Ela derruba e destrói grupos de homens de uma vez só, transforma-os em pedra e os reduz ao pó;

5. INT. BIBLIOTECA REAL - DIA

- Dax está no centro de um círculo;
- Ele discursa para seres de espécies variadas: draconatos, humanos, anões, trolls, etc;
- Nxythra e Soren estão juntos;
- Dax estende a mão até Nxythra, que se aproxima sorrindo;

6. EXT. TEMPLO - DIA

- É o templo onde acontece a batalha entre Soren e Deyanira. O local está novo;
- Sacerdotisas passeiam e conversam;
- Nyxthra está treinando luta com Caedros. Ela ri e se diverte;



- Nyxthra o derrota;
- Ela ajuda Caedros a se levantar;
- Caedros é Soren, mas seu cabelo está mais curto, a expressão mais leve. Ele está rindo;
- Eles riem e ele a gira nos braços, terminando com um beijo;

7. EXT. LAGO - DIA

- Nyxthra e Caedros estão na beira de um lago, lendo;
- Nyxthra fala sobre sua preocupação com o futuro do reino;
- Caedros não concorda com suas colocações;

8. INT. SALAS DE REUNIÕES, JANTARES, CORREDORES, ETC. - DIA

- Nyxthra em vários locais do palácio conversando furtivamente com nobres de várias espécies, menos a humana;

9. INT. ESCRITÓRIO DE NYXTHRA - NOITE

- Nyxthra está em seu escritório estudando;
- Ela mexe em poções e revira livros;
- Ao se olhar no espelho, observa pequenas veias se destacando sob sua pele;

10. INT. ESCRITÓRIO DE NYXTHRA - NOITE

- Nyxthra discute com Caedros;
- Ele descobre que Nyxthra está planejando um golpe de estado;
- Nyxthra pede apoio, mas ele nega;
- Eles brigam;
- Caedros sai;

11. EXT. TEMPLO - NOITE



- Nyxthra chega e, ao passar pela pequena trilha, grita ao ver o jardim banhado em sangue e corpos de sacerdotisas espalhados;
- Ela corre pelas mulheres para ver se alguma ainda vive, mas é tarde demais;
- Nyxthra ergue o olhar, vê a porta do templo aberta e vai até lá;

12. INT. TEMPLO - NOITE

- Nyxthra passa pelo portal;
- Caedros vira o rosto para trás ao ver Nyxthra, lágrimas se misturam com sangue em seu rosto;
- Nyxthra começa a atacar Caedros;
- Eles lutam com magia;
- Mãos de guardas seguram Nyxthra e prendem braceletes de prata com runas em seus punhos, haviam tomado sua magia;
- Nyxthra grita e chora;
- Os guardas a levam para frente de uma estátua que as sacerdotisas haviam feito em sua homenagem;
- Dax a aguarda;
- Caedros fica paralizado;
- Ela é jogada de joelhos na frente do Rei;
- Eles discutem;
- Nyxthra é segurada de joelho pelos cabelos por um guarda;
- Ela observa Caedros se aproximar segurando a espada e começa a rir;
- Ele ergue a arma;
- Nyxthra começa a murmurar um encantamento;
- Caedros usa magia para tentar impedir, mas Nyxthra continua;
- Caedros cai no chão, fraco;

13. MONTAGEM



- Imagens de Caedros fugindo, se escondendo no pantano;
- Nxythra em suas diversas encarnações, mostrando seus rostos;
- Caedros matando a versão de Nxythra que utilizava uma túnica azul;
- Deyanira criança com seus pais;
- Deyanira criança na biblioteca estudando magia escondida;
- Morana, mãe de Deyanira com Deyanira criança em seus aposentos. As mãos ensanguentadas e o corpo do pai de Deyanira no chão;
- Morana enfiando uma faca em seu estômago e Deyanira observando;
- O Templo ruindo enquanto Nxythra lança a maldição;

14. INT. TEMPLO - NOITE

- A cada fala, uma espada surge e perfura as costas de Soren, que cai de joelhos e se arrasta;
- Deyanira olha Soren caído no chão;
- Com um abanar de mãos, as espadas somem;
- Deyanira observa Soren tentar se levantar;
- Deyanira pede uma última vez para Soren se juntar a ela, apoiar sua causa;
- Soren se recusa;
- Ela avança, e sua adaga perfura o peito de Soren;
- Ele engasga, olhos arregalados. Sangue escorre de sua boca;
- Eles se encaram e choram;
- Quando Soren cai, ela cai junto;
- Deyanira segura seu rosto;
- Eles se encaram por uma última vez, e então Soren fecha os olhos;
- O corpo do bruxo se reduz a cinzas;
- Deyanira fecha os olhos, engole o choro e, sem olhar para trás, deixa o templo;

15. INT. SALA DE ANIS - NOITE



- Anis suspira e bebe um pouco do chá, fazendo uma careta ao sentir o gosto da bebida já fria;
- Camila pergunta porque Anis está contando aquela história para ela;
- Anis dá uma resposta enigmática e ergue as sobrancelhas, deixando Camila com mais dúvidas;

16. EXT. ESTÁBULO - DIA

- Dario observa o jardim;
- Ele se levanta ao ver uma figura encapuzada chegar;
- Deyanira desce do cavalo em silêncio;
- Sem dizer nada, Deyanira entrega as rédeas do cavalo para Dario e se afasta do estábulo;
- Dario, ao abrir a mão, encontra quatro moedas em sua palma;

17. INT. SALA DO TRONO - DIA

- As portas se abrem e Deyanira, ainda encapuzada entra;
- Todos os nobres a olham;
- Ela começa a andar até o trono;
- Hector, um nobre, deseja saber onde está o Rei Nótus e o que está acontecendo;
- Deyanira o ignora;
- Ela vai até o trono e se vira, olhando para todos;
- Ela se senta no trono, provocando murmúrios suspiros indignados;
- A mulher tira sua bolsa da lateral do corpo e a abre;
- Num gesto rápido ela tira de dentro da bolsa a cabeça do Rei Nótus e a joga;
- A cabeça sai rolando pelo salão e para em frente aos nobres;
- Gritos surgem e a corte tenta fugir, mas as portas estão fechadas;
- Anis se aproxima de Deyanira lentamente e se curva;
- Deyanira tira o capuz, revelando os olhos com veias;



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



56

- Anis ergue o olhar.
- Deyanira sorri.

FIM DO EPISÓDIO.

FIM.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



57

7. Roteiros dos episódios da primeira temporada

Kairos -ep1 Rapina
um roteiro de Julianne Borges



1 EXT. TEMPLO EM RUÍNAS

Névoa, cinza e brasas tornam difícil discernir as imagens da cena. Em um templo antigo, com pilares altos e estátuas, heras crescem anormalmente rápido, como se o tempo passasse diferente ali. No interior do templo, Soren está parado de costas para a câmera, mas não se pode identificar sua identidade. Ele possui roupas chamuscadas e está ofegante. Apesar do templo ruir ao seu redor, ele permanece intocado, um elemento fora do lugar. O homem permanece quieto, como se esperasse algo acontecer. A CÂMERA se aproxima dele lentamente. Ao chegar perto o suficiente para enquadrar apenas uma parte de seu ombro e cabeça, o homem subitamente vira o rosto para o lado, como se percebesse a câmera o observando.

TELA PRETA

TÍTULO

2 EXT. CALLISTO - DIA

Um TRAVELLING revela diversos pontos de uma cidade costeira, como que voando pelo local. Durante o trajeto é possível ver seres de diferentes espécies em bares, lojas, conversando em calçadas e realizando diferentes atividades rotineiras. O dia é ensolarado e



a arquitetura do lugar remete a algo milenar, com construções de pedra e mármore, escadarias em partes do caminho e gravuras esculpidas nas paredes dos comércios.

Somos levados até uma praça pequena e antiga, onde uma feira local está acomodada, como se tivesse se assentado ali há anos.

Pessoas vão de uma barraca à outra buscando ouro, frutas, vestimentas e outros diversos produtos. No centro do ambiente há uma fonte pequena, onde crianças brincam de espirrar água umas nas outras enquanto esperam seus pais. O destaque vai para várias pessoas, mostrando o que cada uma está fazendo, até que paramos em CROCKWORTH, um mercenário. Ele é alto, com roupas gastas de um tecido grosso. Sua pele é manchada com verde e seu cabelo rente à cabeça.

O homem pega algumas frutas e as cheira, coloca novamente na barraca e sai, deixando um sorriso para a vendedora. Ele olha ao redor e segue por uma rua onde outras barracas estão posicionadas. Ele não demonstra pressa.

A CÂMERA deixa o homem e revela um prédio baixo alguns metros atrás dele. Um CONTRAPLANO revela que por trás de uma das pontas da construção uma pessoa está escondida, DEYANIRA, observando tudo. O espectador não pode identificar se é homem ou mulher.

Enquanto Crockworth segue seu caminho, a figura que estava escondida anda pelos telhados dos prédios, que continuam no entremeio de barracas. Ele parece completamente alheio ao ser que o segue. Ele continua por ruas estreitas até chegar em...

3. EXT. QUARTEIRÃO EM CALLISTO - DIA



... um quarteirão vazio, onde há anos poderia ter existido uma pequena comunidade, mas agora é apenas um espaço quadrado vazio e permeado por construções decadentes que outrora serviram de lares para pequenas famílias. O movimento na região é bem menor em comparação ao mercado de rua deixado para trás.

O homem olha ao redor, verificando se está sozinho, e segue por um pequeno conjunto de degraus que o levam até uma portinha estreita.

4. INT. TEMPLO SECRETO - DIA

Surpreendentemente, o local adentrado é um templo enorme. A parte de fora é uma fachada para esconder o tesouro que se vê. Deduz-se que as demais portas e janelas são falsas, a fim de não levantar suspeitas sobre o local.

O templo é amplo, com pilares de mármore acinzentado e um salão que vai até o altar, onde uma figura está esculpida diretamente na pedra: um homem com longos cabelos e aparência impune. A escultura equilibra uma ampulheta quebrada em suas mãos frias de mármore. Os olhos de pedra são buracos vazios e a areia escorre deles, graças a alguma espécie de mecanismo de reabastecimento.

O local é iluminado por uma quantidade limitada de luz natural, mas vê-se suportes para tochas. O templo como um todo tem um ar solitário. Até as demais estátuas decorativas parecem não ter companhia, e não se ouve nada além dos passos do homem no chão frio. Tudo amplo, alto e plano. Quem construiu aquele lugar



61

queria que o fiel se sentisse acuado pela divindade, não acolhido, como nos refúgios religiosos atuais.

O homem caminha até o centro do templo, sob uma redoma de luz fria no teto. Ele ajeita os ombros e tira um colar de dentro do colete, uma versão em ouro da amulheta quebrada. O artefato dourado reluz e o homem sorri.

CROCKWORTH

Achei que a lista de acesso desse lugar fosse mais restrita.

Atrás, na diagonal do homem vê-se uma estátua grande, onde um homem é segurado pelos cabelos e tem sua garganta cortada por uma mulher de cabelos longos e olhar carregado de fúria. Uma sombra se movimenta atrás da mulher e a figura encapuzada se revela. É a primeira vez que vemos o rosto da protagonista, Deyanira. Sua face fica momentaneamente em paralelo com a mulher esculpida e, então, ela segue em direção ao homem.

DEYANIRA

(A voz irônica ecoa pelo lugar.) Claro, até porque a casa está cheia hoje.

Os passos dela ressoam pelo chão.

DEYANIRA

Olha, a gente tem aqui duas opções: ou você se faz de difícil, me ameaça, tentar me matar e eu faço o que tenho que fazer e pego



essa gracinha aí na sua mão e acabo com você apenas o suficiente pra você ainda conseguir falar...

CROCKWORTH

(sacando um PAR DE ESPADAS MÉDIAS) Ou...?

Mas a resposta da mulher não chega, pelo menos não como ele parecia esperar. Com uma velocidade fora do normal, Deyanira ataca o homem de frente. Ela tenta alcançar uma das espadas de seu oponente, mas falha. Deyanira acerta um soco no rosto do homem, que por sua vez não sente muito o impacto, apenas virando o rosto.

DEYANIRA

Entendi... Sem aquecimento então.

Dessa vez o Homem a ataca, movendo as espadas em cortes bruscos e curtos, muito bem direcionados. Deyanira pega algumas lâminas de arremesso de seu coldre e dispara no momento que o homem investe contra seu tórax. O *timing* é perfeito e a lâmina se finca na mão direita do oponente. Ele grunhe de dor e uma de suas espadas cai. Deyanira a chuta para longe.

Crockworth vai em sua direção com a outra espada, mas ao invés de atacar, ele imobiliza Deyanira em um mata-leão.

CROCKWORTH

Qual o plano B? Se me dizer com carinho posso até reconsiderar te matar aqui mesmo ao invés de te entregar para o meu chefe.



Deyanira tenta se libertar do braço do homem, mas sem sucesso.

DEYANIRA

(Voz entrecortada pela falta de ar.) Vai ser muito decepcionante se eu te disser que nunca tive um plano B?

Crockworth ergue a mão direita, ainda com a lâmina atravessada, e faz um movimento de tapa em direção ao olho de Deyanira, com a intenção de cravar a lâmina (ainda em sua mão) no rosto da mulher.

PLANO DETALHE: Uma ADAGA sai de um esconderijo da manga de Deyanira.

Ela não perde tempo ao perfurar seu oponente na coxa, o que o faz soltá-la quase que imediatamente e rugir de dor. O homem consegue abaixar a mão perfurada a tempo, mas não sem antes arranhar o próprio rosto.

Deyanira aproveita a oportunidade para golpeá-lo, obrigando o Crockworth a ir para o fundo do templo cada vez mais. Toda investida dele é defendida por Deyanira, que agora possui uma expressão dura no rosto, olhos frios.

Ao final, ela esfaqueia o homem no apêndice e o chuta no tanque de areia aos pés da estátua maior do templo, onde a areia que cai de seus olhos é depositada.

Deyanira posiciona uma perna de cada lado de Crockworth e se abaixa, tateando em busca do amuleto. Depois de pegá-lo, ela encara o homem derrotado com um sorrisinho e dá dois tapinhas em seu rosto carrancudo.



DEYANIRA

Não se preocupe, amigão. Vai sobreviver, foi só o suficiente pro meu pessoal chegar e te levar. A gente ainda tem que bater um papo com mais calma.

CROCKWORTH

Seu pessoal, é? Não sei se eles chegam a tempo...

Antes que a mulher tenha chance de dizer algo, a areia no tanque começa a se mover. Ela observa enquanto rastros vão se dividindo e se espalhando pelo templo. Crockworth agora ri alto, claramente se divertindo.

CROCKWORTH

Ah, você tá fodida!

Deyanira recua dois passos para dentro do tanque e tromba em algo - não, alguém. Ao se virar, ela se depara com um monte de areia de quase dois metros lentamente se moldando. O ser gradualmente se transforma em um MONGE, com túnica da cor da própria areia, com um capuz cobrindo o rosto. As mãos do monge estão unidas, as mangas da veste se encontrando. Deyanira esfaqueia o monge, que não parece notar. Ela retira a adaga e ao invés de sangue, areia escorre do ombro da criatura.

DEYANIRA

O plano B realmente parece uma boa agora...



O monge a segura pelos ombros e a gira. Mais SEIS SERES ARENOSOS se postam em semicírculo no salão.

Deyanira é empurrada até o centro. Nesse momento, piras de fogo se acendem ao longo do espaço, o cheiro de óleo inunda o ambiente e mesmo com o fogo, a atmosfera se torna mais sombria e escura. Deyanira aguarda por alguns segundos, até que os monges ergam as mãos e comecem a entoar um canto antigo do qual ela não é capaz de traduzir.

O monge que a agarrou vai em sua direção, mas a mulher saca uma espada de suas costas e atravessa o ser, dividindo-o ao meio. O único efeito que isso surte é o monge se duplicar, surgindo um novo de cada metade.

Deyanira tenta fugir e uma perseguição começa. Ela corre entre os pilares e escala estátuas, mas os monges rastejam em seu encalço. Deyanira apesar de tudo, está encurralada. Ela se apoia na estátua com o formato de uma ninfa e espera pelo pior, mas ele não vem. A câmera mostra a protagonista de olhos fechados e luzes azuis refletindo em seu rosto. Ao abrir os olhos, ela percebe que está sozinha. Um CONTRAPLANO mostra a porta do templo, onde RAYLAND, um guarda, está parado em uma pose casual.

DEYANIRA

(Levantando-se)

Era *disso* que eu tava falando quando mandei você vir comigo.

RAYLAND



Eu estava buscando reforços. Senti a magia desse lugar e fiz o que precisava.

DEYANIRA

Você foi salvar sua bunda, isso sim. Vem cá, em que parte da patrulha você desviou o caminho?

Ambos agora se aproximam, enquanto guardas entram no Templo e fazem a varredura.

RAYLAND

(Dando de ombros) Na loja de chá.

DEYANIRA

Babaca medroso. Não esquece que eu não sei fazer essa coisa aí. (ela faz movimentos com as mãos, simulando magia) Podia ter pelo menos dado um sinal.

RAYLAND

Perdão, na próxima vou me atentar mais. (Pausa) Você conseguiu?

DEYANIRA

O que acha?

A mulher tira o amuleto do bolso e o observa com um sorriso triunfante.

DEYANIRA



Não brinco em serviço

RAYNALD

Eu que sei. (com um riso de ironia)

Crockworth é algemado pelos guardas e carregado para fora do tanque, até a saída. O homem é arrastado para fora, ainda enfraquecido pelos ferimentos, e Deyanira o segue. Eles param na porta, onde um dos oficiais a chama.

GUARDA 1

Sabe, você precisa manter as missões escondidas, não sei como consegue fazer esse tipo de bagunça.

DEYANIRA

Vocês tão se unindo pra me dar sermão hoje, é?

GUARDA 2

É que quem limpa a bagunça depois é a gente, Nira.

DEYANIRA

Quer uma ajuda varrendo essa areia pra fora?

GUARDA 1

(Rindo) Gracinha. Vai pra Torre, o Rei quer falar com você.

DEYANIRA

(Resmungando) Claro que quer...



GUARDA 1

(Segurando o prisioneiro pelo braço) Levo ele pra sala de espera?

DEYANIRA

Isso. Quero uma equipe fazendo varredura de um raio de 10 quilômetros e manda o time de rastreamento revirar esse lugar. Rayland!

Raynald, que ainda está próximo, olha em direção à mulher.

DEYANIRA

O time de rastreamento tá vindo, quero um relatório completo do nível de magia e a classe desse templo, revira tudo.

RAYLAND

Sim, senhora.

Deyanira se vira e começa a se afastar. Ela escuta um dos guardas reclamando de sua autoridade e retruca sem olhar para trás.

DEYANIRA

Arrogância sai do salário.



Deyanira ENTRA. Ela está em um corredor aberto, com vista para o mar, as pedras brancas formando colunas e abóbadas que possibilitam uma vista linda. A luz laranja do fim de tarde forma sombras no outro lado do corredor.

Deyanira é puxada pela cintura por um par de mãos. Ela arma um ataque, mas para ao perceber que é ANYA, uma das aias do castelo.

DEYANIRA

Anya, meu Deus... Já falei pra não fazer esse tipo de graça comigo!

ANYA

Desculpa, não consigo evitar... Te deixar irritada é meu entretenimento.

Anya puxa Deyanira para um vão entre duas esculturas no corredor. A aia se apoia na parede, enquanto a espiã se aproxima com um sorriso, beijando-a. Deyanira segura Anya pela cintura e a pressiona mais contra a parede, fazendo a outra mulher arfar levemente. Deyanira se afasta minimamente, mantendo suas testas unidas e um sorriso de divertimento nos lábios.

DEYANIRA

A minha preocupação... É que seu entretenimento acabe te ferrando um dia. Você sabe que minha primeira reação é atacar.

ANYA

Então eu sou uma das suas preocupações?!



Deyanira revira os olhos.

ANYA

(Com um olhar esperançoso) O que você pegou dessa vez?

Deyanira inclina a cabeça para o lado, surpresa com o interesse da outra em seu trabalho. Hesitante, ela retira o AMULETO DE AMPULHETA do bolso interno do sobretudo. O objeto reflete a luz do sol, emanando um brilho dourado e fazendo ele parecer dez vezes mais valioso do que no templo.

Anya o observa, maravilhada. Quando estica a mão para tocá-lo, Deyanira recolhe o braço.

ANYA

Ah, é sério?

DEYANIRA

Desculpa, meu bem, a gente ainda não sabe como funciona e nem o que é direito. Não quero correr o risco de danificar e nem de te machucar. Só pessoal autorizado.

ANYA

Você tá segurando.

DEYANIRA

Eu sou pessoal autorizado, tenho minhas proteções.

ANYA



Você é uma chata, isso sim.

Anya diz isso languidamente, passando os dedos pelo colarinho do sobretudo de Deyanira e a puxando para outro beijo.

ANYA

Você já pensou o quanto essas coisas valem? Tudo isso que você traz pra ele.

DEYANIRA

Lógico que já, mas a questão aqui não é valor. Cada um dos objetos que recupero possuem uma propriedade que pode ajudar ou ferir o reino, é minha responsabilidade trazer o que for em segurança para ser estudado devidamente.

ANYA

Eu sei.. É só que, sei lá, vender e pegar o dinheiro, fugir! Você nunca pensou como pode ser a vida fora de Callisto? Tudo o que a gente pode conseguir pelo reino?

Deyanira sorri e segura o queixo de Anya.

DEYANIRA

Tudo o que eu quero está dentro desse castelo, nesse exato momento.

Anya baixa o rosto, corada. Deyanira dá um último beijo rápido na outra.



DEYANIRA

Poucas pessoas sabem o valor das coisas do velho mundo, é necessário trazer esses tesouros à luz!

ANYA

E você vai fazer isso, é?

DEYANIRA

Já estou fazendo, querida.

DEYANIRA

Preciso ir, o grandão tá esperando.

Ela não aguarda uma resposta completa de Anya e começa a se afastar.

ANYA

Me encontra depois do jantar?

DEYANIRA

(Virando-se para a outra, mas ainda se afastando com passos para trás.) Depende do que me mandarem fazer, mas de qualquer jeito te mando um sinal.

Com essa declaração, a espiã se vira para frente e continua pelo corredor.



6 INT. SALA DO TRONO - PÔR DO SOL

O salão é grande e arejado, encimado por abóbadas prateadas e um teto pintado por constelações e um modelo do sistema solar pendendo como lustres em cordões invisíveis. O cômodo parece deslocado do resto do palácio, como se pertencesse a outro reino, ou até mesmo a outro governante.

Deyanira caminha pelo local, passando por janelas amplas intercaladas por portas que levam até uma sacada ao lado direito, onde é possível ter um vislumbre do oceano. O Sol está cada vez mais baixo, mas ainda forte o suficiente para iluminar os vitrais em tons frios. Nos vitrais, cenas históricas, desde a Guerra dos Archerontes, com o Primeiro Rei, Dax, triunfante e seus aliados ao seu redor, os tratados sendo selados; até cenas religiosas, com deidades gentis recebendo oferendas ou seres frios lançando maldições.

No fundo do salão, há dois tronos centralizados em um palanque alto, o acesso sendo possível apenas pelos degraus frontais. Assim como o restante do lugar, os tronos são banhados em prata e jóias azuis e violetas, com entalhes de estrelas. No trono ligeiramente maior está um homem, REI NÓTUS, e ocupando o outro assento, A RAINHA CAMILA, uma mulher jovem, sorri para Deyanira, que agora está posicionada em frente aos degraus.

Rei Nótus é um humano de meia idade, o rosto marcado por em torno de 50 ou 60 anos. Ele carrega um olhar gentil, tão natural quanto a coroa em sua cabeça.



Deyanira ensaia uma reverência e ajeita a postura, aguardando. Rei Nótus ergue uma mão, indicando autorização para o relatório.

DEYANIRA

Majestade, a missão foi bem sucedida. Encontramos o alvo e recuperamos o amuleto. Devo adici...

REI NÓTUS

(Interrompendo-a) Encontramos? No plural...? Fui informado que o resgate do objeto foi inteiramente de responsabilidade sua.

DEYANIRA

Rayland desviou do percurso para buscar reforços, ele sentiu a magia e julgou necessário antes que eu fosse capaz de compreender o nível de ameaça.

REI NÓTUS

Pensei que fosse um saqueador.

DEYANIRA

Eu também, mas fui enganada pela sua habilidade medíocre de defesa.

Rei Nótus segura um sorriso e Deyanira solta um riso curto antes de continuar.

DEYANIRA



Mandei um time de análise e rastreamento mágico sob as ordens de Rayland para analisar melhor a situação, mas definitivamente foi algo maior que um saque ou uma entrega para mercenários.

Uma pausa. Deyanira olhou ao redor e a Rainha olhou para o Rei, que apenas aguardou.

DEYANIRA

(Em tom mais baixo.) Fui encurralada por monges de areia.

A Rainha prende a respiração e o Rei se mexe no trono, ajeitando a postura.

DEYANIRA

Eles surgiram de um tanque aos pés da escultura da entidade no Templo. Nunca tinha visto nada assim e, por mais que negue, Rayland estava apreensivo.

RAINHA

Não havia relatos desse tipo de magia desde...

REI NÓTUS

(Interrompendo sua esposa) Os Elementais, eu sei. (Pausa) Mas isso não é um motivo para alardes, uma magia de manipulação elemental não é nada hoje em dia.

DEYANIRA



Não teria tanta certeza. Eles não eram clones, eram... diferentes. Não tinha ninguém os manipulando e eles não se espelhavam, pareciam ter vontade própria. Realmente é precipitado abordar um Elemental, mas... Ah, tô perdendo tempo.

Deyanira alcança o amuleto em seu bolso e sobe os degraus, entregando-o para o Rei. Ele o segura e franze a testa, enquanto a Rainha se aproxima, quase se levantando do próprio trono. Rei Nótus ergue o olhar para Deyanira.

REI NÓTUS

É um amuleto...

DEYANIRA

Aham, Antares. Ele também estava esculpido no Templo, com os olhos arenosos e tudo. Porra, um Templo para um exilado escondido na cidade. Sabe-se lá quantos mais tem por aí!

REI NÓTUS

Nem eu já vi uma representação dele fora de livros... (Dirigindo-se para a Rainha, que parece perdida na linha de raciocínio dos outros dois) Ele era o general de um dos batalhões durante a Grande Guerra.

A Rainha assente firmemente e olha para Deyanira.

RAINHA CAMILA



Ele era parte da sub corte, certo? Aquela que nós tomamos lugar quando Dax ganhou a Guerra, foi um dos destronados... Quando eu era pequena lembro de dizerem que ele controlava o próprio tempo...

A Rainha olha fixamente para o medalhão. Seu transe é interrompido pelo Rei, que o guarda em suas vestes.

REI NÓTUS

Besteira. Um monte de papo pra assustar criança. Se fosse tão poderoso assim não estaríamos aqui.

Deyanira observa o desconforto do governante com cuidado e assiste ele guardar o colar de modo afobado. Ele parece muito nervoso.

DEYANIRA

Bom, o que podemos fazer agora é aguardar a varredura e mandar o colar para o Alquimista, mas creio que o senhor já sabe disso. O ladrão está aguardando interrogatório lá embaixo e recebendo as boas-vindas... Algo mais por agora?

REI NÓTUS

Não, não... (ele balançou a mão) Apenas o jantar com os visitantes dos arredores de Kenna.

RAINHA CAMILA



(Levantando-se) Então agora, já que é assim... (aproxima-se de Deyanira com um sorriso) Vestidos pra hoje, vamos! Chegaram umas peças lindas que você vai amar.

Deyanira revira os olhos, mas sorri. Ela se deixa ser puxada pela mulher e ambas saem rindo do salão.

A câmera mostra o Rei, que agora sinaliza para um guarda se aproximar. Ele retira o amuleto de seu bolso.

REI NÓTUS

(Sem erguer os olhos) É agora. Mande-o chamar.

7. INT SALÃO DE JANTAR - NOITE

A atmosfera é lúdica, bela e etérea, mas com a constante sensação de alerta ou desconforto. O salão de jantar é tão ornamentado quanto a sala do trono, mas mais iluminado. Pontos de luz flutuam pelo espaço acima das cabeças dos nobres. As mesas estão dispostas em U pelo espaço, com a mesa principal no fundo da sala, onde o Rei e a Rainha já ocupam seus lugares. Há um lugar vago ao lado da Rainha e mais três ao lado do Rei.

Todos os presentes bebem e conversam alegremente. Uma mãe limpa cuidadosamente o queixo de sua filha, e a mulher ao lado olha a cena com cautela. Homens cortejam mulheres e criados furtam pequenas garrafas ornamentadas de licor caro.

Nobres vestidos com roupas fluidas e elegantes passeiam e dançam pelo espaço. Crianças correm e roubam doces das mesas. Todo o



ambiente passa uma sensação artificial, o espectador deve se sentir levado pela claridade e refino arquitetônico, mas existe uma tensão no ar. Pessoas olham para os lados ao falar de algo arriscado e adultos encaram as crianças com cuidado.

Deyanira está apoiada em uma coluna, conversando com alguns jovens da corte. Ela está absorta em uma discussão e ri enquanto toma o vinho. O Rei se levanta e ergue os braços, isso faz com que todos ao redor se aquietem e se encaminhem para seus respectivos lugares.

Nesse momento vemos o VESTIDO DE DEYANIRA: uma peça longa preta de um veludo brilhante, ornada com ACESSÓRIOS METÁLICOS que parecem ter sido arrancados de armaduras reais, uma GARGANTILHA PRATEADA no pescoço e OMBREIRAS que se estendem em correntes pelas costas. Ao caminhar, ela tira olhares furtivos de homens de sua idade, por volta de 25 anos, e até mais velhos, por volta dos 50 anos. Os últimos ela devolve com um franzir de lábios desdenhoso.

A mulher contorna a mesa onde o Rei se encontra e se acomoda ao lado da Rainha, que sorri para a amiga.

As portas do salão se abrem e dois homens entram em cena, ambos altos e esguios, com um rosto semelhante ao de ratos. Atrás deles um homem forte e alto os acompanha, portando uma espada e vestindo uma armadura. Eles caminham até a mesa real e fazem uma reverência.



Siegbert, é realmente uma felicidade tê-los em Callisto. Nossa jornada se mantém sadia e virtuosa. Agora, sente-se ao meu lado e aproveite o banquete. Seus homens são bem-vindos.

SIEGBERT

De fato, Majestade. Tal honra não foi desperdiçada e a aliança é firme.

Com outra reverência, os três homens começam a contornar a mesa e a ocupar os assentos vazios ao lado do rei. O guarda que os acompanha deita os olhos sobre Deyanira, que por sua vez abre um sorriso e acena com a cabeça.

A Rainha dá uma cotovelada leve em Deyanira, fazendo-a sair do transe. A Rainha ri e sussurra.

RAINHA

Eu falei que essas peças iam ficar incríveis.

DEYANIRA

Realmente, dessa vez você se superou. Não quero tirar nada nunca! E o meu cabelo?! Essa noite tem que valer a pena.

RAINHA

Ah, te conhecendo bem, eu sei que você vai fazer valer.

DEYANIRA

Do jeito que você fala parece até que eu sou uma puta! Eu só sei me divertir.



RAINHA

É, nem me fale... Eu tô precisando de uma diversão, sabe, dar uma variada...

A Rainha segura um garfo e o direciona para baixo, fazendo uma curva e uma careta. Ambas seguram o riso.

8. INT SALÃO DE JANTAR - NOITE

SÉRIE DE PLANOS: jantar. Todos dançando e se divertindo. Deyanira dança com alguns nobres enquanto o Rei conversa com Siegbert e seus acompanhantes.

9. EXT SACADA DO SALÃO DE JANTAR - NOITE

Deyanira está sentada no parapeito da sacada, uma mão apoiada no mármore e outra segurando uma taça. Ela olha para o oceano abaixo. A Rainha está ao seu lado, apoiada na sacada. Seu olhar está voltado para a festa acontecendo no interior, as luzes quentes contrastando com a frieza da lua refletida na água. Um vento sopra o cabelo das duas e os tecidos dos vestidos parecem espectros esvoaçantes mal tocando o chão gélido. A Rainha mexe o pescoço para frente e bebe de sua própria taça, depois diz com a voz levemente enrolada.



RAINHA CAMILA

Não era pra ser justo.

DEYANIRA

(sem tirar os olhos do mar) O quê?

RAINHA CAMILA

Eu ser rainha, usar essa coroa, meus pais terem me vendido por status pra ele.

DEYANIRA

(agora olhando sua amiga) Ele não é tão ruim...

RAINHA CAMILA

Porque você é como filha dele, é diferente. Ele é um velho caindo aos pedaços, e eu sei que você é fiel a ele e tudo mais...

DEYANIRA

(Interrompendo a amiga.) Eu sou fiel ao meu reino. E sim, seus pais foram uns fodidos ao fazer isso, eu só acho que.. Sei lá, poderia ser pior.

RAINHA CAMILA

Eu deveria ser pior, isso sim. Ruim igual a primeira rainha dele. Aquela morcega se livrou da decadência desse homem. (Pausa) Ah, sabe, não é justo! Eu deveria ser livre igual você! Seguir meu caminho, tanta coisa nesse lugar pra ser melhorado.. Você viu como ele me tratou na sala do trono?! Como se eu fosse uma idiota que



não soubesse nada do próprio reino. Eu mando nesse lugar tanto quanto ele! Eu sabia muito bem quem (ela abaixa o volume da voz) quem Antares foi... Só sei lá... É exaustivo, e daqui a pouco vou voltar para ser exibida pro casal de roedores.

DEYANIRA

Deuses, eles realmente parecem ratos!

A tensão é quebrada e as duas riem alto uma para a outra.

Um homem surge no portal da sacada, o guarda que acompanhava os dois nobres. Ele apoia uma mão na espada, um costume, e se aproxima cautelosamente das duas mulheres, que parecem não notar sua presença.

MAVROS

Com licença, vossa majestade e...

Deyanira e a Rainha se recuperam rapidamente e voltam os olhares ao homem. Deyanira o analisa de cima a baixo, com um olhar presunçoso e um meio sorriso.

DEYANIRA

Deyanira.

Ela diz isso erguendo minimamente o queixo e o homem arruma a postura, quase desconfortável, percebendo para quem dirigia a palavra.



MAVROS

General Mavros (uma reverência). Vossa majestade pediu sua presença, milady. Estamos discutindo sobre o Canal.

RAINHA CAMILA

Boa sorte, joia da coroa número um.

Com um impulso, Deyanira se levanta do parapeito e ajeita o vestido. Ela toca o braço da amiga, que por sua vez bebe mais licor.

DEYANIRA

Vai ficar bem?

RAINHA CAMILA

Uhum, sempre. Agora vai! Estão te esperando.

A Rainha lança um olhar furtivo para Mavros, que educadamente finge não reparar. Com uma cotovelada de brincadeira, Deyanira se afasta da Rainha e pega a mão estendida do general.

10. INT SALÃO DE JANTAR - NOITE

Deyanira e Mavros caminham entre os convidados, seguindo para a mesa principal.

MAVROS



A senhorita dança?

DEYANIRA

Não diria que sou uma especialista, mas gosto de valorizar a música nos jantares.

MAVROS

Claro, até porque sua especialidade está guardada para outros setores. (rindo)

DEYANIRA

(surpresa e rindo) Falando desse jeito e a pessoa errada escutando eu seria vítima de um escândalo, Lorde Mavros! E minha especialidade não se restringe a apenas minha profissão.

MAVROS

Bom, eu adoraria descobrir essas outras especialidades, a dança, é claro.

DEYANIRA

Se nossos superiores não sugarem nossa energia com politicagem maçante, seria uma honra.

Ambos chegam em um semicírculo próximo à mesa, onde o Rei permanece sentado um patamar mais alto que os demais, os dois nobres estão apoiados na mesa casualmente. Todos param a conversa ao perceber a aproximação de Deyanira, que é recebida pelo Rei Nótus com um sorriso.



REI NÓTUS

Aí está ela! Minha joia do reino! Venha querida.

O Rei indica para que Deyanira se aproxime de seu lado, apenas um degrau abaixo dele, um acima dos homens. Ela faz uma reverência.

DEYANIRA

Senhor Morcand. Obrigada por ter vindo de longe até Callisto, espero que a viagem tenha sido agradável, mesmo com os atuais empecilhos.

Morcand, que parece o mais arrogante, segura a mão de Deyanira e a beija, devolvendo a reverência. Seu companheiro e provavelmente noivo, Siegbert, apenas sorri e se curva graciosamente.

MORCAND

É delicado de sua parte chamar de empecilho, milady, mas agradeço. Sim, a viagem foi tranquila, um pequeno desvio da Rota de Fogo, mesmo que ainda na região do Canal, os... demais... Não teriam coragem contra a frota que nos acompanhou.

DEYANIRA

Bom, tenho minhas dúvidas, já que uma rebelião consiste justamente em mostrar que o poder sedimentado por séculos de má regulamentação para com os, como o senhor chamou, "demais", não é tão inflexível assim.



O Rei a olha, não com censura, mas talvez surpresa e apreensão, como que dizendo "ok, iremos direto ao ponto, então". Morcand solta um suspiro sarcástico.

MORCAND

Uma visão um tanto simplória, não acha, milady? Uma rebelião como a que atualmente enfrentamos no Canal de Travessia não pode ser resolvida com frases e demandas curtas e práticas. A História é escrita agora por Elodie, não está transcrita em um livro perdido nas estantes.

DEYANIRA

E nisso eu concordo com o senhor, Lorde Morcand. A História está sendo feita e escrita nesse exato momento, Elodie rasga sua pele e usa seu sangue como tinta para marcar nossa conversa nesse exato momento. Por isso o senhor está aqui, ainda consegue mudar o curso da verdade para sair impune.

MORCAND

Ah- Como você se atreve? (vira-se para o Rei) Seus criados têm a liberdade de usar essa petulância? Nos meus domínios já estariam sendo açoitados e-

DEYANIRA

E ainda se questiona o porquê da revolta? (ri) Sou tão nobre quanto os senhores, meus pais com linhagens tão bem, senão mais, firmadas que a sua na nobreza. Meu sangue percorre essa corte há gerações, se estou nessa roda e vocês estão em silêncio me



ouvindo não é porque o Rei em sua bondade deu espaço para uma criada, mas porque eu pertencço à esse local, é meu.

O Rei Nótus ainda observa em silêncio e Mavros tem olhos arregalados, surpresos e maravilhados. Morcand permanece em silêncio, estupefato, se lembrando de sua posição.

DEYANIRA

O senhor assumiu um cargo de uma província pois estava na sua herança. Também sou nobre, mas sou tão general quanto o soldado armado que te acompanha. Pensa que meus homens não estão por aí, nos cantos mais populosos até os mais inóspitos de Lethe? Realmente acha que não chegou aos meus ouvidos, e conseqüentemente aos do Rei, suas medidas *extraoficiais* com seus prisioneiros?

REI NÓTUS

É... Estamos aqui para achar uma solução que agrade nosso lado e os rebeldes. Dito isso, não acredito que uma discussão baseada em exposições desconfortáveis trará algum benefício, ainda mais para com aliados tão leais.

Rei Nótus sorri gentilmente, em uma tentativa desesperada de mudar o rumo da conversa. Deyanira arruma a postura e faz menção de continuar, mas um olhar de censura do Rei a cala, frustrada. Morcand e Siegbert trocam olhares satisfeitos e Mavros olha para seus superiores levemente irritado.



SIEGBERT

Agradeço pela compreensão, Majestade. Realmente, o foco agora deveria ser a resolução e o controle de danos... A... *Limpeza*... Dos efeitos colaterais. Inclusive, gostaria de falar sobre os fundos para o evento de...

Siegbert é interrompido por um guarda, que chega em cena com uma reverência.

GUARDA 3

Com o perdão da intromissão, Vossa Graça.

O Guarda volta-se para o Rei Nótus.

GUARDA 3

O prisioneiro já foi... (um olhar aos nobres estrangeiros em hesitação) É... Preparado.

Deyanira sorri para os demais presentes e recebe um aceno em concordância do Rei.

DEYANIRA

Bom, é a minha deixa. Algumas coisas exigem minha presença e devo me retirar, mas acredito que vocês chegarão a uma solução pertinente. Para todos.



A última frase é dita com ênfase, olhando para Morcand. Com uma reverência e um sorriso discreto para Mavros, que o retribui, Deyanira segue o Guarda 3 para a saída do salão.

11. INT. CORREDOR PARA MASMORRA - NOITE

Deyanira toma a frente no corredor. Ela e o Guarda 3 seguem em silêncio.

O ambiente muda de acordo com o nível que eles descem até o subsolo do palácio. Todo o mármore e detalhes brilhantes são substituídos por paredes sem pintura alguma e os passos agora soam mais ocos no chão. O cimento das paredes vira pedra bruta, uma empilhada na outra e alguns blocos de madeira. As luzes claras e pálidas viram tochas cada vez mais esparsas ao longo do corredor. A pedra ocasionalmente vira metal, indicando uma porta, algumas entreabertas e outras com pesados cadeados e correntes. Ouve-se alguns murmúrios e gemidos baixos, indicando prisioneiros esquecidos. O corredor varia entre linhas retas, curvas e degraus, um labirinto.

Deyanira chega no final dele.

12. INT. CÂMARA DA MASMORRA - NOITE

O corredor se abre em uma câmara escura, com grades e masmorras menores, onde criminosos aguardam o julgamento. Vigias estão posicionados em silêncio e Guardas de alto calção conversam



distradamente, como se fosse apenas uma noite normal (porque para eles era).

Deyanira chega na câmara, seguida pelo Guarda 3.

DEYANIRA

Que folga hein meninos! Se estão assim acredito que já fizeram o querido ali dentro abrir a boca e só estão me esperando pra passar o relatório.

Os Guardas arrumam a postura e trocam olhares, tensos.

CONWORTH

Ah, sabe que não é assim Nira... O cara lá dentro disse que queria você como anfitriã.

Deyanira ri e se aproxima de Conworth, que por sua vez pega sua mão e a beija.

Deyanira para o movimento na metade e torce a mão do guarda com facilidade. Ele geme de dor e quanto mais ela força, mais ele se abaixa.

DEYANIRA

Na próxima vez que vier com "Nira" pra cima de mim eu arranco sua língua fora, já que não tá usando pra fazer seu trabalho de qualquer forma.

Ela solta Conworth e olha para os demais guardas, que riem entre si. Ao notar seu olhar sob eles, param abruptamente. Deyanira se



vira e entra por uma porta no canto esquerdo da câmara, feita de madeira e com apenas uma pequena grade de metal no centro.

13. INT. MASMORRA - NOITE

Deyanira atravessa a porta da masmorra. O lugar é feito de pedras escuras e o teto é sustentado por ripas de madeira grossa, com correntes pendentes. Pode-se ouvir o som de goteiras e o eco das botas de Deyanira no chão frio. A iluminação é feita de tochas presas nas paredes.

No centro da sala temos uma cadeira onde Crockforth está amarrado por cordas e correntes. Sua cabeça está pendendo para trás em um ar tedioso, mas podemos ver machucados recentes e suor em seu rosto.

CROCKFORTH

Boa noite, Vossa Alteza

DEYANIRA

Comandante já está bom. É... Crockforth, certo?

Deyanira anda em direção ao homem e segura seu rosto, analisando os ferimentos.

DEYANIRA



Pelo visto meus homens já deram uma aquecida no clima, né? (ela bate duas vezes levemente na lateral do rosto dele) Vamos direto ao ponto então.

Deyanira se afasta de Crockforth e vai até a parede rente à porta, onde LÂMINAS, ARMAS e VARIADOS EQUIPAMENTOS DE TORTURA estão expostos num mural e em uma mesa de madeira.

DEYANIRA

Normalmente eu começaria bem de leve, só pra sentir qual é a sua, mas preciso ser sincera Crocky, posso te chamar assim, né? Enfim... Eu fiquei na sua cola por umas semanas e realmente foi difícil descobrir qual era a sua.

CROCKFORTH

(com desdém) Ah, que honra saber que tive um encosto particular esse tempo todo.

Deyanira segura um instrumento por vez, analisando-os.

DEYANIRA

Foi um saco. Tavernas, putas, apostas... Todo o pacote de um mercenário medíocre sem criatividade de onde gastar o salário. Um homem sem a mínima perspectiva para investimento ou segurança financeira, que ganha e gasta porque sabe que não seria uma grande perda não ter um amanhã.



Ela pega um coldre e começa a encaixar um conjunto de lâminas curtas, depois veste o coldre, ainda de costas para Crockforth.

CROCKFORTH

Ai... (pausa) Mas se eu sou tão medíocre e miserável assim, por que demorou tanto? Por que não interveio antes do roubo e estragou os planos de vez?

Deyanira se vira e começa a caminhar lentamente até a frente de Crockforth.

DEYANIRA

Primeiro: eu faço as perguntas, mas boa tentativa. Segundo: eu nunca te chamei de miserável, palavras suas, não minhas. Terceiro: e perder a ação e a chance de você me levar para o cerne da operação? Nah-ah (ela balança uma lâmina).

CROCKFORTH

Acha que aquele templo meia boca era o centro da operação?

DEYANIRA

Um templo de Antares com projeções de monges de areia? Muita magia para uma distração.

CROCKFORTH

Talvez não seja muita magia pro meu chefe.

DEYANIRA



(sorrindo) Você sabe que temos uma lista de controle e registro de magia, certo? De tipo, uns 900 anos?

Crockforth ergue o olhar e Deyanira abre um meio sorriso.

CROCKFORTH

Eu posso estar dando uma explicação falsa para você seguir por outro raciocínio.

DEYANIRA

(ri) Não está, não. Não estaria se justificando assim se fosse isso. Kore! Vocês realmente são inúteis hoje em dia! Meu trabalho quase fica chato.

CROCKFORTH

Diz isso como se tivesse décadas de experiência... Você tem o que? Uns 17? 16?

DEYANIRA

25, escroto.

CROCKFORTH

Ah, claro. A filha de alma do Rei... Eu também sei sobre você.

Crockforth indica Deyanira com a cabeça quando diz isso. Ela o encara por alguns segundos e dá de ombros.

DEYANIRA



Pois bem.

Deyanira puxa uma cadeira de madeira simples e antiga do canto da masmorra e a posiciona em frente ao prisioneiro. Ela se senta frente a frente com ele e se inclina para frente.

DEYANIRA

O que você sabe sobre mim, então?

CROCKFORTH

Ah, só o que você deixa que saibam, você e os soldados espalham bem os rumores do seu treinamento. Espadachins forasteiros, que bebe doses diárias de venenos, que todo mundo que entra com você nessa sala aqui... Bom, nunca sai... Que...

DEYANIRA

Que eu sou uma bruxa cruel e impiedosa, basicamente. (ri)

CROCKFORTH

(rindo também) Eu não diria dessa forma, mas é... Basicamente.

Deyanira parece intrigada.

DEYANIRA

E como você diria, Crocky?

Depois de uma longa pausa, Crockforth responde.



CROCKFORTH

Seus pais morreram, né? Naquele massacre anos atrás. (ele olha ao redor) Não sei, você fez o que tinha que fazer pra não virar um canto de poeira da corte. Todo mundo sabe do... Probleminha do rei... Com fazer herdeiros, né? Você escalou até aqui, eu respeito isso.

DEYANIRA

Então é isso que falam no Forte Cassandra? Que eu sou uma batalhadora que superou os obstáculos da vida e atingiu o sucesso?

CROCKFORTH

Não, a gente só te chama de cobra de duas cabeças e cospe.

Deyanira se ajeita na cadeira e sorri lentamente, deixando Crockforth tomar o tempo dele.

O homem fica confuso por alguns segundos e sua expressão muda drasticamente quando percebe o que fez.

DEYANIRA

Foi *ótimo* te conhecer, Crocky! Ajudou muito, ia ser uma pena manchar essa roupa com sangue.

Crockforth começa a balbuciar e tenta corrigir sua fala, mas já é tarde e Deyanira o ignora.

DEYANIRA



(Bradando ordens) Queridos, eu tenho o que preciso! Mande esse pra guilhotina amanhã. Não vai nem sentir a diferença depois, de tão leve que a cabeça é.

CROCKFORTH

... irmão.

Isso é o suficiente para Deyanira parar no batente da porta e congelar. Ela vira apenas o rosto para o prisioneiro e ergue uma sobancelha em desafio.

DEYANIRA

O quê?

Crockforth arruma a postura e estica as pernas.

DEYANIRA

O que você falou?

CROCKFORTH

Do seu irmão, princesinha. Aquele lá que se matou. Quando foi mesmo? Na noite do casamento, né? Pelos meus cálculos você deveria ter uns 7... 8 anos? tsc... Casamento às pressas pra herdar o legado do pai, difícil né...

DEYANIRA

Como você..?



CROCKFORTH

Como eu sei? Se acha tão esperta com informações falsas e...

DEYANIRA

Isso é confidencial...

CROCKFORTH

... e tudo sobre como ele se encheu de veneno, ou foi...

DEYANIRA

Cala a boca

CROCKFORTH

...ele não pulou de um telhado...? Covardezinho real...

DEYANIRA

Não ouse falar dele...

Crockforth abre a boca para continuar, mas Deyanira perde a paciência, ela se exalta cada vez mais e se aproxima do homem. Sua visão fica turva e ela perde o equilíbrio, se apoiando na parede.

CROCKFORTH

...pelo casamento do bastardo do seu pai e a puta da sacerdotisa da sua mã-



100

Crockforth para de falar. A câmera está em Deyanira quando ela grita e uma luz verde irrompe de suas mãos, espalhando-se por toda a sala. Ela fecha os olhos e salta para trás. Os guardas abrem a porta e entram assustados. Deyanira os encara com lágrimas nos olhos. Ao erguer suas mãos, ela as vê tremendo e volta a olhar para os guardas.

CONWORTH

Chamem o Rei.

Ele se aproxima de Deyanira e ela se deixa ser levada pelos ombros para fora, em estado de choque. Ela chora compulsivamente e treme, balbuciando frases desconexas.

DEYANIRA

...ninguém sabe... e-eu tentei tanto... a água era gelada... tão gelada...

A CÂMERA rente ao chão e mostra Deyanira saindo do calabouço em foco. Uma mudança focal revela em primeiro plano os pés de Crockforth. Ele está caído, ainda amarrado na cadeira. Um TRAVELLING lateral leva até o rosto do homem, que está dividido por um machado cravado em sua face.

14. INT. ESCRITÓRIO REAL - NOITE

O local é reconfortante, apesar de opulento. Contém uma mesa próxima à janela, que está coberta por pesadas cortinas bordadas.



101

A lareira está crepitando e as paredes são cobertas por estantes, onde itens de decoração antigos e livros do acervo pessoal do Rei repousam. Deyanira está em uma larga poltrona, com as pernas encolhidas junto ao torso. Conworth está de guarda na porta. Deyanira possui um olhar vidrado direcionado ao fogo. A porta abre com um baque, fazendo Conworth pular. O Rei, a Rainha e ANIS, o conselheiro real, entram no cômodo. A Rainha corre para Deyanira e a abraça.

RAINHA CAMILA

Dey... O que aconteceu? Você está bem?

A Rainha se abaixa e toca nos braços de Deyanira, que permanece imóvel.

RAINHA CAMILA (para o Rei)

Ela está em choque. Meu bem, o que está acontecendo?

A Rainha segura o rosto de Deyanira com suavidade e a mulher volta seu olhar, ainda vidrado, para a amiga. Deyanira olha para a Rainha, mas não parece enxergá-la. O Rei se aproxima e pega na mão de Deyanira.

REI NÓTUS

Minha filha... Consegue me ouvir?

Deyanira olha para o Rei e o encara por alguns segundos, em silêncio.



REI NÓTUS

Tudo bem, no seu tempo.

DEYANIRA

E-ele sabia...

RAINHA CAMILA

Ele sabia sobre o quê, meu bem?

DEYANIRA

Ele sabia do Kallias, *que* o Kallias...

Deyanira engasga e lágrimas escorrem de seus olhos. Os governantes trocam um olhar e a Rainha se senta na poltrona, abraçando a amiga.

RAINHA CAMILA

Mas... Mas isso é confidencial. Ninguém sabe que ele, bom...

DEYANIRA

Alguém sabe. Sabe-se lá quantas pessoas. Isso veio de dentro, veio do castelo. Ninguém mais sabia que ele...

REI NÓTUS

Sim. Mas como? Nós mudamos os arquivos, no registro ele se foi de febre... Não faz sentido...



DEYANIRA

Alguém se passou por mim. É culpa minha, tudo isso.

RAINHA CAMILA

Não! Jamais!

DEYANIRA

É sim, Cami. Eu sou responsável pela segurança, eu deveria saber... Mantenho o reino a salvo, mas e o castelo...? Não, eu falhei, falhei muito... Perdão, meu Rei.

REI NÓTUS

Não... Não, não. Uma informação dessa saiu muito antes de você assumir qualquer coisa, não se culpe!

Anis pigarreia e todos o encaram. Ele é um homem alto e esguio, que traja usualmente vestes cinzas. Um homem em seus 50 anos, careca, com olhos delineados e brincos grandes e finos, como fios de prata. Sua voz soa como lousa sendo arranhada.

ANIS

Perdão, meu rei, interromper Vossa Majestade nesse momento de conforto, mas me foi informado que o prisioneiro foi deixado com um machado na face. E sabe, as sombras... Elas sussurraram que não foi pelas mãos de Deyanira. As mãos sensíveis ao toque, pelo menos.

Os governantes, Anis e até Conworth olham para Deyanira em busca de uma explicação. Ela os encara de volta em confusão.



DEYANIRA

Se eu disser que sei o que ocorreu, seria mentira. Eu senti algo, enquanto ele falava as coisas sobre meu irmão, mas era diferente de raiva. Eu queria machucá-lo e podia, sempre pude. Mas era quase... Instintivo...

REI NÓTUS

Ancestral.

O Rei olha para Anis. Deyanira parece não notar, entretida por sua própria fala.

DEYANIRA

Foi crescendo em mim, sabe? Morte pura. Eu pensei no machado e sabia o que queria fazer, mas aí... Eu não sei o que aconteceu, algo saiu de mim, das minhas mãos. (ela as esfrega) Uma luz verde muito, muito forte e então... Ele estava lá, com o machado. Mas eu não me movi, de verdade, não sei o que aconteceu comigo. Não sou burra, claramente uma manifestação mágica ou talvez um canalizador espectral, mas eu nunca demonstrei nada do tipo. Sou humana. Carne e pele e sangue.

O Rei volta a olhar Anis, que por sua vez balança a cabeça. Anis olha Deyanira de cima a baixo e volta a encarar o Rei.

ANIS

É a hora, digo mais, passamos da hora, estamos atrasados!



REI NÓTUS

Eu achei que-

ANIS

Achou errado! Perdeu tempo, eu avisei!

DEYANIRA

O que foi?

RAINHA CAMILA

Eu sei tanto quanto você.

O Rei balança a cabeça em negativo e olha para baixo. A sala é tomada por um momento de silêncio.

REI NÓTUS

Uma pena, realmente...

Ele volta a olhar Anis, que acena positivamente, o outro retribui o aceno e ajeita a postura.

REI NÓTUS

Deyanira, sabe que desde aquela noite terrível há muitos ciclos atrás, eu te vejo como minha filha. Além desse tempo, desde que minha amizade com teu pai era conectada por ambas as cordas nesse plano, que eu te considero uma filha. Mas é chegado o momento de



nos lembrarmos que além de filha do teu pai, você é sangue de sua mãe. Morana era... Bom, é sabido que ela veio como oferta de paz de um templo com o qual estávamos em conflito. Morana veio em um período obscuro para a nobreza. Eu tinha acabado de assumir o trono, seu pai o exército, dois garotos.

DEYANIRA

Minha mãe era curandeira aqui, dos nobres. Ela ganhou título a troco de seus serviços como sacerdotisa de cura, eu sei disso.

ANIS

Sabe o que lhe foi dito, o que lhe foi posto em memória, o que eu lhe ensinei. (pausa) Sua mãe, Deyanira, o templo de onde ela veio não era um simples templo de cura e meditação. Ora, se fosse algo tão irrisório assim não teríamos conflito, certo? (olhando para o Rei, que assente) Morana veio de uma linhagem de feiticeiras. O templo ameaçava se erguer em guerra e ela se ofereceu como presente para apaziguar os nobres, ofereceu seus serviços, uma mulher muito nobre.

DEYANIRA

Quê? (rindo) Não... Minha mãe era curandeira, uma humana curandeira. Que ridículo! Uma feiticeira!

Deyanira ri, mas ninguém a acompanha. A Rainha aperta o braço da amiga.

RAINHA CAMILA



Pensa, Nira, não faz nem um pouquinho de sentido? Você nunca conheceu seus avós... Nunca viu sua mãe trabalhando?

Deyanira olha para os presentes e divaga.

DEYANIRA

Já vi sim... Ela mexia com ervas e flores, só. Livros velhos às vezes, para buscar algo, mas magia...

ANIS

Abra a mente, criança.

Deyanira olha para as próprias mãos, incrédula.

DEYANIRA

Não faz sentido, eu nunca demonstrei nada disso, nunca quebrei um copo pra dar uma migalha de magia ao mundo. Por que agora?

ANIS

Os deuses, criança, gostam de virar moedas e decidir o tempo por nós. Eles nos chamam ao seu encontro quando lhes é conveniente. A pergunta não é "por que agora?", e sim, "por quem".

REI NÓTUS

Está confundindo a cabeça da garota.

ANIS



Pois explique você, seu frouxo! Conte da névoa e do pó que se instalará em nossos pulmões! Pare de cantar canções sobre o passado do mundo e grite sobre o agora!

Anis se recompõe e ajeita as vestes.

ANIS

Perdão, majestade, é só que estamos absurdamente atrasados.

RAINHA CAMILA

O que está acontecendo, Nótus?

O Rei suspira, cansado, e olha para as duas mulheres à sua frente. Ele se levanta e anda lentamente pelo espaço.

REI NÓTUS

Anis, como sabem, é versado de clarividência e ele e seu time me auxiliam na segurança do reino de modo, bom... Intangível, por assim dizer. Algo está chegando, algo forte e espesso.

ANIS

Ah, como me cansam esses rodopios em forma de frases. Senhoras, uma magia muito, muito escura se aproxima de Lethe. Uma magia antiga, tão antiga que foi esquecida pelas novas línguas.

DEYANIRA

O quê? Um deus?



ANIS

Não sei, é antigo demais para ver. Sua raiz vai mais fundo que as crateras onde os Elementais estão.

RAINHA CAMILA

É isso? Os Elementais estão reunindo forças?

REI NÓTUS

Não, minha querida. Trata-se de magia fina, estudada, nada bruto como os Elementais. Sabemos que é uma ameaça forte e refinada, como uma lâmina ao cortar a carne.

Anis revira os olhos.

DEYANIRA

E vocês querem o quê? Que eu vá atrás de saber quem ou o que está juntando forças?

Ela diz isso rindo com ironia e olha para a rainha, que não retribui o sorriso.

RAINHA CAMILA

Nira, eu acho que é exatamente isso que eles querem.

Deyanira para de rir abruptamente. Ela olha a Rainha, o Rei e Anis diversas vezes, procurando a piada.

DEYANIRA

Haha, não. Não.



Ela dá de ombros e repete a palavra várias vezes.

REI NÓTUS

Dey, é perfeito.

DEYANIRA se levanta da poltrona.

DEYANIRA

Não, é ridículo.

REI NÓTUS

Pensa bem, olha o tempo em que você despertou, foi como se...

DEYANIRA

Despertei?! Arremessar um machado na cabeça de alguém por telepatia é bem diferente dos despertares mágicos e cheios de mesura que eu passei a vida estudando! É absurdo! Querem que eu faça isso com o malvadão que tá chegando também? Vão dizer o que? Que magia é força de vontade, loucos!

REI NÓTUS

É nossa única chance de salvar o reino.

DEYANIRA

Se querem salvar o reino botem uma arma em minha mão, mas não contem com elas vazias, muito menos com algo intangível.



ANIS

Criança, preste atenção, pois direi uma vez apenas. Estamos entrando em um período que foge à vontade, agora a vida se escora em necessidade. Novamente, é *por quem*. Salve o reino por nós, pelas pessoas que você derruba sangue e icor protegendo. Se isso não é o suficiente, derrube essa ameaça por sua mãe, que caiu por uma causa maior que a espada do Rei. Causa essa que se revelará com o tempo. Nós sabemos para onde te encaminhar, agora é preciso saber: você irá? Por Lethe e pela memória que a terra carrega?

Deyanira sustenta o olhar com Anis, encarando o clarividente em desafio. Sua expressão lentamente se ameniza e ela olha em direção ao mapa de Lethe, bordado em tapeçaria perto de uma estante baixa. Deyanira parece ponderar e traçar planos em sua mente por longos momentos.

DEYANIRA

Está bem, eu vou. Mas pela minha rota, preciso de indicações de onde chegar para traçar um plano de viagem.

ANIS

Perfeito, assim que eu gosto de ver sua mente maquinar.

DEYANIRA

Uma pergunta: se eu vou usar meus... Poderes... Para investigar e enfrentar seja lá o que estiver vindo, como eu vou aprender a dominá-los? Até onde eu sei não existe um "De Espiã-Mestre a Feiticeira Para Quem Tem Pressa".



REI NÓTUS

Ah, não se preocupe querida, cuidamos disso para você já.

DEYANIRA

Quê? Quando? Nem sabiam se eu ia aceitar a missão.

ANIS

E existia alguma possibilidade de não aceitar?

Deyanira abre a boca para responder, mas logo se cala. Anis abre um sorriso.

ANIS

Vá arrumar uma mochila, vamos! Um guarda irá ao seu encontro quando for a hora.

Deyanira assente e vai até a porta. A Rainha se levanta abruptamente, chamando a atenção dos presentes.

RAINHA CAMILA

Ah- Com sua permissão, Majestade, eu gostaria de me recolher com Deyanira e aproveitar sua companhia até que tenha que se ausentar da corte.

REI NÓTUS

(acenando a mão com indiferença) Como quiser, querida...



A Rainha aguarda mais algum retorno do Rei, mas ao notar sua indiferença, ela ajeita a postura e sai junto de Deyanira, que já aguarda a amiga com a mão estendida.

Um contra-plano mostra ambas saindo do escritório.

RAINHA CAMILA

(Sussurrando) Quem dera eu tivesse poderes.

15. INT. QUARTO DE DEYANIRA - NOITE

Deyanira e Rainha Camila estão nos aposentos da espiã, que ajeita suas roupas em uma grande bolsa de viagem enquanto a Rainha fica sentada na cama, girando uma ADAGA e brincando com o reflexo da lâmina.

DEYANIRA

Não fale assim!

RAINHA CAMILA

Você sabe que eu tenho razão!

Deyanira sacode a cabeça e dobra uma blusa.

RAINHA CAMILA

É ridículo a esse ponto! Se fosse eu sendo mandada para uma missão mágica ele teria ao menos se dignado a me olhar nos olhos.. Puff.. É cansativo. Eu queria ser mais para o reino.



DEYANIRA

Você é algo pro reino, nossa rainha.

RAINHA CAMILA

A segunda rainha. Eu sou só um adereço pra ele, eu sei disso. Só queria que ele não agisse como tal...

Deyanira vai até a amiga e pega a adaga se sua mão.

DEYANIRA

Se serve de consolo... Você se veste bem melhor que a mocreia real número um.

Ela dá um beijo rápido na testa da Rainha e as duas riem. Deyanira ajeita seu coldre e encaixa algumas armas na veste. Ela vai até o espelho e prende seu cabelo com delicadeza, o gesto quase contrastando com o armamento em seu corpo. Ela olha seus diários e livros na penteadeira e suspira.

DEYANIRA

Acho que essa vai ser minha última missão.

RAINHA CAMILA

Cala a boca! Por que você diria isso?

Deyanira olha a Rainha pelo espelho.



DEYANIRA

Não, é sério... Eles não estão me contando tudo, eu sei disso, eu...

RAINHA CAMILA

Você sente?

DEYANIRA

(ajustando a postura) Sentir vai contra meu trabalho. Mas sim, eu sinto. Que loucura, porque eles esconderam isso sobre a minha mãe? É- eu não sei, mas realmente algo não se encaixa... Do que é que eles têm tanto medo? O que pode ser tão antigo pra fazer tremer uma relíquia como o Anis?

A rainha se levanta da cama e vai até Deyanira. Ela se aproxima da amiga e passa os braços pelos ombros da mulher, a envolvendo em um abraço. Eles sustentam o olhar uma da outra pelo reflexo por um momento.

RAINHA CAMILA

Eles fazem isso, é o que sempre fizeram. (suspiro) Bons reis vestem uma armadura e vão para a guerra, para o desconhecido até o além, se Urk assim exigir, pelo reino. Reis atravessaram esse mesmo chão com sangue até os joelhos para pousar uma bandeira na terra que hoje é Lethe. Mas Nótus não é assim, ele é um rei bom, totalmente o oposto. Você para ele é uma espada, a arma que ele nunca ousou empunhar, sabe disso não é?

DEYANIRA



Camila, eu...

RAINHA CAMILA

Ele quer que você vá, e essa vontade está além dos seus poderes. Ele quer que você vá pois ele mesmo não pode, ele não consegue.

Camila se afasta e caminha alguns passos para a porta.

RAINHA CAMILA

Ele precisa que você não só empunhe, como seja a espada que ergue nossas fronteiras. Você consegue, Nira? Consegue ser a espada de Lethe?

Deyanira encara a mulher em silêncio. O ar do ambiente pesa, como se uma moeda fosse jogada e um desafio lançado. A espiã sentiu algo se agitar em seu interior, uma força elétrica forçando caminho por suas veias. Impossível ela nunca ter percebido isso em si.

Deyanira abre a boca, mas nesse exato momento Anya bate na porta de madeira clara decorada com entalhes.

Camila olha para Deyanira e segura o riso, Deyanira olha para baixo.

RAINHA CAMILA

Essa é a minha deixa... Vou deixar vocês a sós.

A Rainha olha Deyanira por um momento, e, quebrando as honrarias, elas se abraçam fortemente.



RAINHA

Volte.

DEYANIRA

Sim, senhora.

Rainha Camila dá um sorriso simpático para Anya e SAI.
Anya escora no batente da porta e cruza os braços.

ANYA

Imagino que você ia se despedir, não é? Ou ia mandar um recado como da última vez?

DEYANIRA

Não foi planejado, tive um imprevisto.

ANYA

(revirando os olhos) Ah claro, assim como na missão para Raqshark dois meses atrás.

DEYANIRA

É o meu trabalho, tem muita coisa em jogo agora.

ANYA

Esse é o problema! Sempre tem muita coisa em jogo! Sempre existe uma missão, um artefato ou um mercenário para ser preso!



DEYANIRA

Anya, eu gosto muito de você, acho que nos divertimos muito juntas-

Anya a interrompe.

ANYA

Nos divertimos? Ah, claro!

DEYANIRA

Mas essa é a minha vida, e eu gosto disso. Eu nunca prometi nada. E não venha me cobrar de algo achando que não sei o que você faz enquanto eu estou longe! Eu pelo menos sou sincera, não prometi nada e nem irei, você poderia ter sido sincera também sobre o que buscava, assim não estaríamos tendo essa conversa.

Deyanira pega sua mochila e uma bolsa transversal. Ela as ajusta no corpo e vai até a porta, onde Anya está.

DEYANIRA

Não tem o direito de me cobrar nada, não importa quanto eu goste de você, assim como nunca te cobrei.

Anya abaixa o olhar.

ANYA

Talvez eu quisesse ser cobrada...



Deyanira suspira e franze as sobrancelhas. Após um momento, ela beija a testa de Anya.

DEYANIRA

Cuidado com o que deseja, querida. Quando desejar alguém novamente, faça isso mais alto, para que ela ouça claramente.

E assim, Deyanira SAI do quarto sem olhar para trás.

16. INT. CORREDOR - NOITE

Deyanira se encaminha ao fim do corredor estreito que leva ao escritório do Rei. A porta está com um lado semiaberto e uma fresta de luz ilumina o chão de pedra. É possível escutar vozes baixas discutindo assiduamente dentro do cômodo.

A mulher diminui a velocidade e se recosta contra a madeira da porta, espiando o interior.

A conversa é ininteligível, obrigando-a a se aproximar um pouco mais. Porém, a porta range um pouco, o suficiente para ser audível.

Deyanira fecha os olhos e suspira, decidindo finalmente entrar.

Ao empurrar a porta do escritório ela se depara com três figuras a esperando em volta da mesa: o Rei, Anis e SOREN, para ela é um homem desconhecido, parado atrás do sacerdote e analisando o mapa com grande interesse.

ANIS



Bem na hora, Serpente do Rei.

Deyanira fica parada na porta. Ela olha para o homem desconhecido dentro da sala. Eles se encaram.

FIM



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



121

"Kairos"
Ep 2 - "Fata Viam Invenient"
um roteiro de Julianne Borges



1. INT. ESCRITÓRIO DO REI - NOITE

Deyanira está parada no umbral da porta do escritório real. Ela está olhando para o homem desconhecido, Soren. O lugar possui uma iluminação amarelada e a lareira crepita suavemente.

ANIS

Bem na hora, Serpente do Rei.

Anis balança a mão cheia de anéis, indicando para que Deyanira se aproxime.

ANIS

Estamos decidindo a rota da missão.

Deyanira se aproxima em silêncio, observando o homem que agora desvia o olhar. O Rei olha para a espiã e para o convidado misterioso com um sorriso do que pode ser interpretado como curiosidade.

REI NÓTUS

Aham... Soren! Esta é Deyanira, é quem você deve acompanhar na viagem até Sacritis.

Soren, ergue o olhar novamente, como se notasse apenas agora a presença da mulher no ambiente. Deyanira o observou demoradamente, levemente encantada. Os olhos de Soren pesam sobre a mulher, que trava seu andar rapidamente ao sentir aquele olhar



profundo fincado em si. Ele a analisa em silêncio por alguns segundos, a olhando de cima a baixo, como se fizesse notas mentais.

Deyanira fazia o mesmo. Olhos afiados, cabelo na altura dos ombros, VESTES em sua maioria DE LINHO, com ALGUMAS PEÇAS DE UMA ARMADURA DE COURO DE DRAGÃO estrategicamente posicionadas. Não carrega nenhuma arma - aparente - mas possui um coldre vazio. Também usava um CINTO DE COURO com alguns pequenos frascos. Deyanira ergue as sobrancelhas em compreensão, como se dissesse "ah".

DEYANIRA

Vocês arranjaram uma babá bruxa? (Deyanira apontou para Soren e riu) Como ele chegou aqui? Tava escondido na masmorra?

Soren permanece com olhar fixo em Deyanira, já o Rei abana as mãos em protesto.

REI NÓTUS

É necessário.

DEYANIRA

É ridículo.

ANIS

Eu avisei que ela iria protestar.

DEYANIRA



Eu conheço Lethe melhor do que até mesmo você, é patético mandarem alguém comigo. Como você chegou até aqui?

Silêncio por alguns momentos.

REI NÓTUS

Soren... É um bruxo protetor, residente em Sacritis. Ele estava fazendo uma missão nas redondezas e foi enviado pelas Sacerdotisas para te acompanhar.

Deyanira abre a boca para protestar, mas é interrompida por Anis.

ANIS

Antes de dizer qualquer coisa, lembre-se de que ele entende de magia mais do que você poderá entender na próxima década, então leve isso em consideração.

A espiã aperta os lábios até eles virarem uma linha, ponderando. Ela olha para os três presentes e suspira.

DEYANIRA

Sem tempo pra isso. Onde fica o templo? Preciso planejar a rota.

SOREN

Vamos por dentro do continente. São duas semanas de caminhada se formos contornando o pântano em direção às terras élficas. Chegaremos ao templo sem interrupções.



Deyanira observa o bruxo com atenção. Ela o olha de cima a baixo como se ele tivesse dito algo absurdo.

Deyanira se aproxima de uma grande mesa de pedra no centro do escritório. É uma mesa de guerra, com réplicas esculpidas em pedra e jóias das principais cidades de Lethe. Rotas, relevos e rios estão gravados em um mapa no tampo na mesa.

Deyanira limpa a garganta.

DEYANIRA

Onde exatamente é o templo?

Soren olha para o Rei e Anis, que o encorajam a ir em direção de Deyanira. Os três se aproximam da mesa.

SOREN

Sudeste. Ele fica um pouco antes do Golfo de Novel.

DEYANIRA

Alta.

SOREN

Perdão?

DEYANIRA

Alta. O Golfo pertence à Alta.

Soren olha para Deyanira e ri.



SOREN

O tratado recém assinado constata que o Golfo agora é oficialmente de Novel. Alta nem deveria ser uma província, já que pertence ao território de Novel.

DEYANIRA

Porque Novel invadiu e fez Alta vítima de constantes saques até que-

REI NÓTUS

Não percamos o foco, sim? O que ia dizer, Soren? O templo fica no Sudeste?

Soren sorri para o Rei com complacência, mas não antes de dar um olhar de soslaio para Deyanira.

SOREN

Perfeitamente, Vossa Majestade. O Templo de Anika, onde as sacerdotisas irão nos receber para iniciar os estudos e investigações com Deyanira fica logo após as terras élficas, não mais que um dia de caminhada partindo de Thaldrin. Com licença.

Após um gesto encorajador do Rei, Soren pega um corvo em miniatura e a posiciona em um campo vazio no mapa, ao lado da Torre de Novel.

DEYANIRA



Duas semanas? Podemos chegar em cinco dias. Não há necessidade de contornar o pântano. Olhe.

Deyanira risca com o dedo uma rota entre a Capital e Anika, passando pela costa.

DEYANIRA

Muito mais rápido e *lógico* seguir pela costa. O máximo de problema que teremos se resume a aldeões supersticiosos tentando nos convencer de voltar.

SOREN

Seria a rota ideal, mas com os conflitos em Kenna não podemos arriscar.

DEYANIRA

Mas o cessar fogo foi assinado ontem. Nessa altura a notícia já foi entregue e estão tomando as medidas necessárias.

Deyanira se volta para o Rei e Anis, que desviam o olhar.

DEYANIRA

O jantar de ontem foi para isso, não foi?

ANIS

Na verdade, criança...

DEYANIRA



(Para o Rei) O que você fez? O que o rato do Siegbert fez?

REI

Agora não discutiremos esses...

O Rei começa a gaguejar e a olhar para Anis, buscando auxílio.

ANIS

(Incisivo) Não me interrompa, criança. Estou por aqui há mais tempo do que você pensa em segurar uma lâmina. O seu Rei fez o necessário para o reino, para a população. A Rota de Fogo está interdita até segunda ordem.

Deyanira sustenta o olhar de Anis. O silêncio prevalece por alguns segundos.

ANIS

Não existirá reino para mudar se não houver reino, garota. O que circunda Lethe é mais antigo que a tinta do primeiro livro desse cômodo. Vá. Você sabe o que te chama.

2. EXT. ESTÁBULO - AMANHECER

Deyanira chega nas portas de um estábulo e olha ao redor. Soren a segue. Deyanira avista um senhor de cabelos brancos e roupas sujas, DARIO. Ela sorri e ele vai até onde eles estão.



DARIO

Dia, dona Nira. Tá saindo pra trabalhá de novo?

DEYANIRA

Bom dia, Dario! Pois é, quando a gente acha que vai tirar umas férias...

Dario olha para Soren, que está parado atrás de Deyanira. Soren e Dario se encaram, Soren acena a cabeça, tenso.

DARIO

Quenhé o nervosin?

DEYANIRA

(Sorrindo) Soren, me deixaram de babá desse aí.

DARIO

É aprendiz?

DEYANIRA

Keyleth nos livre! Ele vai me ajudar na missão. (sussurra) Se der tudo certo ele nem volta comigo pra casa.

Dario se aproxima de Soren e estende a mão. Depois de uma breve hesitação, Soren devolve o cumprimento.

DARIO



Dá pra saber muito dum homem pelo aperto de mão. Cê num é nenhum pangaré não. Mas também não é nenhum alazão, num é? (ri) Boa sorte cum Dona Nira, o trabaio dela num é fácil não. Tem qui tê estômago.

Soren projeta um sorriso educado.

SOREN

Garanto que Lady Deyanira ainda me subestima, não a julgo. Mas aposto uma boa quantia que ela mudará de opinião sobre mim.

DARIO

Óia, cê num aposta não, que eu tenho sorte pra essas coisas.

SOREN

Quatro septeres?

DARIO

Dona Nira, cê num trate de fazer amizade com esse moço, se não ele vai levá todo meu dinheiro embora. Ou traz ele di volta pra me pagá.

DEYANIRA

(tom bem humorado) Não posso prometer nada, Dario.

DARIO

Num vô mais atrasá ocês. O seu é aquele pintado né? Já volto com ele e com a Ireneia.



Deyanira segue Dario para dentro do estábulo. Soren fica na entrada.

Ele observa o nascer do Sol. Logo sua atenção é roubada por um corvo que pousa em uma gárgula na entrada do jardim. Ele parece observá-lo de volta.

Ouve-se um cavalo trotando. Soren dá alguns passos para trás bem a tempo de Deyanira chegar montada em sua égua. Dario a segue levando as rédeas de outro cavalo.

Soren agradece com um aceno de cabeça.

DEYANIRA

Obrigada mais uma vez, Dario!

DARIO

Às ordens!

SOREN

Então, eu pensei em irmos primeiro em direção à Morween e de lá...

Deyanira não o escuta. Ela comanda a égua e sai disparada pelos portões de ferro. Soren, deixado para trás, olha para Dario, que apenas dá de ombros.

Com um revirar de olhos, Soren monta em seu cavalo e parte.

3. EXT. ESTRADA EM FLORESTA - MANHÃ



Soren e Deyanira cavalgam em uma estrada. A luz entra de forma entrecortada pelas árvores que se fecham sobre a trilha.

SOREN

Não precisava ter saído em disparada. Sorte que o Ahren aqui estava descansado para te alcançar.

Deyanira o ignora.

SOREN

Olha, eu sei que não é a rota que gostaria de fazer, mas é a mais segura que temos.

Deyanira continua o ignorando.

SOREN

Não pode ficar desse jeito a jornada inteira. Tem muito trabalho pela frente.

Deyanira vira o rosto em direção a Soren e o encara.

DEYANIRA

Quem é você?

SOREN

Bom, isso é melhor do que nada.

DEYANIRA



Falando sério, quem é você? Chega aqui na cidade como se nada, tem total confiança do Nótus e do Anis?

SOREN

Eu disse, sou mensageiro aprendiz no templo onde-

DEYANIRA

Sem falar que coincidentemente você estava aqui por perto justo no momento da jornada! Que maravilha!

Soren pigarreia e fica em silêncio, olhando para frente.

DEYANIRA

Que foi? Não inventou essa parte da desculpa?

SOREN

Eu sou um mago. Vai contra meus princípios mentir.

DEYANIRA

E eu sou a espiã-chefe. Meu objetivo principal é descobrir mentiras.

SOREN

Eu estava em Elodin quando recebi o chamado.

DEYANIRA

Mas isso é impossível. Elodin fica quatro dias galopando.



SOREN

Três com um cavalo excepcionalmente bom.

Soren alisa o pelo de Ahren.

DEYANIRA

O incidente ocorreu há apenas algumas horas, não faz sentido.

Soren diminui o ritmo e começa a mexer em uma das pequenas sacolas de couro acopladas na sela de Ahren. Ele retira um caderno de capa de couro e o abre. Dentro do caderno está um pergaminho pequeno. Ele o entrega para Deyanira.

SOREN

Eu estava em Elodin para averiguar uma aparição demoníaca. Normalmente não faço essas coisas, mas o templo tem passado por momentos de dificuldade... Muitos campistas estão morrendo ou simplesmente desaparecendo. Elodin foi um dos casos. Barryl, o demonólogo mestre estava na cidade pois juraram ter visto um Bastiel comendo um sem-teto. Um Bastiel é uma aparição consideravelmente rara, tanto que a maioria das pessoas o confundem com um lobo ou demônio menor. Mas devido aos últimos acontecimentos que Mestre Anis explicou, Barryl preferiu averiguar pessoalmente. Depois de duas semanas sem retorno me mandaram investigar. O encontrei apodrecendo numa choupana abandonada, completamente vazia. Minhas análises não identificaram nada, nenhum ferimento interno ou externo. Nenhum sinal de luta ou envenenamento. Ele estava ali, apenas morto.



Um silêncio se instaura na estrada, Deyanira não sabia o que dizer. Soren suspirou.

SOREN

Isso chegou nas patas de um corvo albino no dia em que partiria de Elodin, com intenção de retornar ao templo. Diz apenas "Vá para Callisto, Vossa Majestade o aguarda para observação". Não entendi o que exatamente significava. Cheguei no meio do caos e Anis me confessou suas previsões e me mostrou a correspondência trocada entre ele e Meryl, nossa Sacerdotisa Rubra. O plano inicial era que eu te observasse e detectasse alguma magia remanescente de sua linhagem, mas bem... Sabemos que meus serviços não foram necessários.

DEYANIRA

Não mesmo, fui esquentadinha demais e não pude esperar.

SOREN

Olhe, uma piada! Já é um progresso.

Eles continuam cavalgando juntos em silêncio por mais alguns instantes.

SOREN

Eu sei que está com muitas perguntas, que não apenas o futuro está em jogo, como suas memórias agora não passam de um véu cálido sobrevoando seu passado.



DEYANIRA

Puxa, isso foi dramático!

SOREN

Mas eu garanto que no templo tudo será respondido e esclarecido,
só mais uns dias.

DEYANIRA

É, eu sinto que vai.

SOREN

Nós poderíamos ir destrinchando as coisas, se quiser.

DEYANIRA

Prefiro que não.

SOREN

Vamos! Veja: sua magia foi acessada pela primeira vez, isso exige
um gatilho. O prisioneiro disse algo que desencadeou isso?

DEYANIRA

Não.

SOREN

Foi algum acontecimento no jantar?

DEYANIRA



Não.

SOREN

Na missão anterior talvez?

DEYANIRA

Não.

SOREN

Vai continuar respondendo "não" igual uma criança?

As palavras de Deyanira se prendem na garganta. Ela engole seco e ergue o queixo.

DEYANIRA

Eu não vou discutir isso com um estranho.

SOREN

Eu sinto te informar, mas a partir de agora todos que você encontrar pelo caminho serão estranhos. Se você não percebeu, não terá nenhum conhecido ou ex-amante seu no templo.

DEYANIRA

(tom sarcástico) Não tenha tanta certeza. Já vivi um bocado.

SOREN

Deyanira, eu preciso entender-



DEYANIRA

Você não precisa entender porra nenhuma. Apenas me diga o que fazer e eu farei. Irei acessar minha magia ou seja lá o que for e vou aprender esse bando de encantos e tudo o mais que precisar. Você não vai vasculhar o passadozinho sombrio e trágico da sobrevivente da linhagem. Ou pensa que não sei que esse é seu plano? Descobrir qual parafuso saiu do lugar durante o interrogatório? O que aquela bosta de prisioneiro disse pra me fazer explodir?

SOREN

Então foi o prisioneiro.

DEYANIRA

Se mata.

SOREN

O que ele falou? Sobre seus pais? Seu irmão?

Deyanira avança com o cavalo para cima de Soren. Seu cavalo recua e empina, derrubando o mago. Uma lufada de vento percorre as árvores e folhas são despregadas de seus galhos.

CONTRA-PLONGÉE: Deyanira observa Soren no chão e em seguida sai em disparada montada em Ireneia.

4. EXT. HOSPEDARIA - NOITE



Ambientação. Uma hospedaria grande, de três andares. Sua estrutura é de madeira e rochas, com heras subindo pelas paredes. Música toca dentro do local e as janelas estão iluminadas com uma luz quente e chamativa em meio ao bosque. O céu noturno é iluminado por relâmpagos esparsos.

5. INT. HOSPEDARIA - NOITE

A porta da hospedaria se abre e Soren entra no local. Suas vestes estão molhadas e sua tez está úmida de suor. Ele vai diretamente para o balcão e sinaliza para o ATENDENTE trazer uma água. Ele se senta em um dos bancos e suspira.

O local está razoavelmente cheio, a maioria das pessoas presume-se serem moradores de alguma vila local que costumam passar as noites ali bebendo e dançando. Estão usando roupas leves ou de trabalho braçal, ao invés de capas ou agasalhos de viagem.

O atendente se aproxima com um CANECO cheio de água e Soren acena com a cabeça em agradecimento.

SOREN

Vocês estão lotados ou ainda possuem algum quarto para pernoite?

ATENDENTE

Temos sim! Isso aí é na maioria morador da vila. Sabe como é, né? Dia-de-Guardis o pessoal fica mais desenvolto mesmo.



O Atendente se vira e pega uma chave de dentro de uma gaveta e coloca no balcão.

ATENDENTE

Três Crestas.

Soren abre um saquinho de moedas e as solta na mesa. O Atendente as pega e guarda no caixa.

Soren bebe alguns goles do caneco e estala o pescoço. Ouve-se uma risada alta vinda do salão (O.S.) e ele olha para trás, procurando desesperadamente a origem do som.

Soren vê Deyanira em uma mesa no canto do local. Ela está jogando cartas, bebendo e rindo com mais algumas pessoas, mulheres e homens.

Soren pega a chave, pula do banco e sai em uma marcha desengonçada até onde Deyanira se encontra. Ele para em frente à mesa, furioso.

SOREN

Você por acaso tem noção do que aprontou? UMA CHUVA! UMA CHUVA RIDÍCULA ME SEGUINDO PELO RESTO DO DIA! Você sai em disparada e some! Por meio dia de cavalgada! Poderia ter saído da rota! Poderia ter se metido em encrenca e morrido! Sua... Sem noção!

Toda a mesa ficou em silêncio. Soren está vermelho e ofegante. Deyanira o fita da cabeça aos pés, sorrindo.

DEYANIRA



Eu te conheço?

Ela diz isso com casualidade, como se realmente não fizesse ideia de quem Soren fosse.

Soren solta uma risada seca e incrédula. Ele aponta o dedo para ela.

SOREN

Sua...

Ele para, fecha os olhos (um deles está tremendo) e respira fundo, recobrando o autocontrole.

SOREN

Não. Eu não vou fazer isso. Nem pensar, de novo não.

Ele dá meia volta e sai em direção às escadas da hospedaria, dando passos pesados e largos.

Deyanira dá de ombros para as pessoas na mesa.

DEYANIRA

Tem tudo que é doido por aqui, não é? Deve ser a água. Ouvi dizer que o Rei mandou colocar algum composto alquímico na distribuição dos vilarejos, depois do que aconteceu em Alta... Ou às vezes é só pancada mesmo.

Todos riem e o ambiente recobra a leveza.



DEYANIRA

Agora me lembro bem... Eu estava reivindicando todos os Lunets do senhor Cob aqui!

6. INT. QUARTO DA HOSPEDARIA - MADRUGADA

Soren ENTRA em seu quarto, vindo do banheiro. O cômodo está à meia-luz com uma lamparina de viagem pequena que emana um brilho azulado, deixando o ambiente quase todo mergulhado em sombras. Soren se vira e fecha a porta.

Ao voltar para o restante do quarto, ele é surpreendido por uma figura que o empurra contra a parede e pressiona uma adaga em sua garganta. Ele dá um grito abafado pela mão da figura.

DEYANIRA

Quem você pensa que é, seu bostinha?

Soren está encarando de olhos arregalados. Ele balança a cabeça negativamente.

DEYANIRA

Na próxima vez que você sequer pensar em me cobrar algo ou tirar satisfação comigo daquele jeito você acorda sem as bolas, tá entendendo?

Soren balança a cabeça em concordância.



DEYANIRA

Eu não sei como fiz aquela porcaria de vento, de chuva e nem de onde veio a força pra aquele machado voar para a cabeça do prisioneiro, mas eu acho muito bem feito cada um desses acontecimentos. Sabe por que?

Soren não faz nenhum movimento. Deyanira pressiona mais a lâmina em seu pescoço e ele balança a cabeça em negativo enfaticamente.

DEYANIRA

Porque nessas situações algum intrometido tentou saber da minha vida. Então agora vai funcionar assim, gracinha: eu vou falar o que eu quiser, porque o passado é *meu*, e isso vai ser o suficiente para você me ajudar com a magia. Seu trabalho é o treinamento, a motivação eu cuido. E isso vai ser o suficiente para você, porque é a minha magia então vai ser do meu jeito. Conte-se com o seu querido roteiro de viagem, estamos entendidos?

Soren balança a cabeça em afirmação e Deyanira o solta, mas não sem antes fincar a ADAGA na parede de madeira, rente ao rosto do mago. Ele tosse algumas vezes e puxa o ar para os pulmões.

DEYANIRA

Que bom que conversamos! (ela abre um sorriso agradável) Agora vai descansar porque saímos amanhã bem cedinho!

SOREN



Como você entrou no meu quarto, sua maluca?

DEYANIRA

Eu estava no guarda-roupa.

Deyanira SAI, deixando para trás um Soren perturbado olhando seu guarda-roupa de modo desconfiado.

7. INT. SALÃO DA HOSPEDARIA - MANHÃ

Uma ADAGA cai na mesa onde Deyanira toma seu desjejum. Ela ergue o olhar e Soren está parado em frente a mesa. Ela dá um meio sorriso e faz sinal com a mão direita para ele se sentar. Soren senta e encara toda a comida na mesa.

SOREN

Como vai pagar por isso?

DEYANIRA

Esse povo de vila se impressiona facilmente, alguns Scepteres e dois Runares, para quando algum latoeiro chegar vendendo bugigangas místicas o hospedeiro ter uma moeda de troca, ao invés das Crestas que eles estão acostumados. Temos comida para a viagem também.

SOREN

Você tem dinheiro.



DEYANIRA

Eu não tenho acesso completo ao patrimônio da minha família até que eu me case, o que eu acho uma lei idiota, a propósito. Eles instituíram para evitar assassinatos de sangue, mas quem tem coragem de matar a família toda por ouro, um casamento arranjado não é nada! Mas enfim... Ser uma mercenária sindicalizada tem suas vantagens!

Ela sorri.

Soren meneia a cabeça.

DEYANIRA

O que é?

Soren serve café em uma CANECA e começa a cortar um pão.

SOREN

Você invadiu meus aposentos ontem e age como se não fosse nada.

DEYANIRA

Não sei do que você está falando.

Ela dá de ombros e morde uma torrada com geléia.

Soren aponta a faca em sua direção.

SOREN



146

(Soren mantém o tom de voz quase sóbrio, porém uma profundidade em sua voz soa como algo maior que um aviso, mas menor que uma ameaça.) Não. Chega. Por mais que você se ache superior a mim, e em títulos talvez seja, não vai fazer esse seu jogo comigo. Não sei como você, oh inteligente espiã, não percebeu, mas está em desvantagem. Não sabe se controlar, não sabe canalizar magia e a qualquer momento pode sofrer um ataque de uma força ainda desconhecida. A sua pose de mercenária toda poderosa está por isso aqui (aproxima o polegar e o indicador com a mão da faca) de cair por terra, e Eqnok sabe o quanto a minha vontade de ver isso acontecer vem aumentando desde que saímos de Callisto.

Deyanira o observa por alguns momentos.

DEYANIRA

Você está me ameaçando com uma faca de manteiga?

SOREN

Agradeça que seja só isso, por enquanto. Agora vamos.

Soren toma uma última dose de café e se levanta com o pãozinho na boca.

SOREN

(Enquanto se afasta da mesa, indo para as escadas) Vou sair em 30 minutos. Se quiser me acompanhe, mas fique à vontade para perder mais duas noites no carteadado e quando satisfeita procurar o templo sozinha, pouco me importa.



Deyanira fica para trás fitando-o. Ela pega a ADAGA caída na mesa e a gira entre os dedos, pensativa.

8. EXT. PÂNTANO - DIA

Deyanira e Soren cavalgam lentamente pelo Pântano. O ambiente é quente e estagnado, com apenas alguns raios de sol conseguindo passar por entre as árvores. O silêncio é pesado e se mistura com a terra densa e semi lamacenta abaixo. Os cavalos permeiam poças d'água e lagoas escuras.

DEYANIRA

Quanto tempo até sairmos daqui?

SOREN

Por que a pergunta? Está com medo? Teme que algum kelpie puxe seu pé durante o acampamento?

DEYANIRA

Nós vamos passar a noite aqui? Você tem algum problema? Não conhecemos a região!

SOREN

(Interrompendo-a) Você não conhece a região. E, pelos deuses, você sabe fazer algo além de reclamar?



DEYANIRA

Perdão se nunca fiz uma missão nesta área.

SOREN

Não que falte oportunidade. Seu governo não olha para esse lado do reino.

DEYANIRA

O que está sugerindo?

SOREN

Pode ficar ofendida se quiser, mas precisa concordar que a proteção do Reinado é seletiva. O Povo da Água Lodosa ficou em maus lençóis com algum velho rei e foram expulsos para cá.

DEYANIRA

Eles foram isolados. Por justa causa.

SOREN

Aquela megalomaniaca com guelras da Rainha do Mar decretou ostracismo para um povo quase marginalizado por não ter a beleza élfica, uma comunidade de feéricos considerados inferiores e seu Rei não faz nada para reverter isso, é isso que estou dizendo.

DEYANIRA

Tem noção do absurdo? Como pode ter tanta certeza assim? Eles são isolados, o Povo da Água no geral, quase ninguém tem acesso aos detalhes de sua história.



SOREN

Passei um tempo aqui. Um período uriano inteiro, para ser mais exato.

Soren vê o início de uma pergunta para se formar nos lábios de Deyanira, mas continua.

SOREN

Foi quase um retiro. Pesquisa de novas ervas e propriedades do solo, a terra aqui é muito rica, entende? Muitas transformações químicas acontecem aqui, muita coisa que não temos acesso.

DEYANIRA

(Tom mais curioso do que o mordaz usual) E não correu perigo?

SOREN

Ah, claro que corri. Quase morri diversas vezes! Até que durante uma colheita de musgos encontrei um homem chamado Bog. Bem, não um homem, um musgo-vivo. Acontece que eu sem querer estava tirando um pedacinho de suas costas durante seu banho de Sol. (ele ri) Ele me levou para a comunidade, onde entrei em contato com diversas vidas e seres inestimáveis. Foi um período muito agradável da minha jornada.

DEYANIRA

Parece mesmo... Surpreendente.



SOREN

Você acha?

Ele parece realmente surpreso.

DEYANIRA

Claro! É surpreendente que alguém consiga suportar sua companhia por um período uriano inteiro!

Deyanira ri e Soren a acompanha a contragosto.

SOREN

Essa você me pegou, não tenho o que falar.

DEYANIRA

Falando sério, deve ser um grande aprendizado viver por aqui. O Povo da Lama é muito reservado, seria incrível conhecê-los e desmistificar algumas superstições.

SOREN

Está com sorte. Nosso acampamento essa noite é lá.

DEYANIRA

Jura?

Soren confirma com um aceno de cabeça e olha para Deyanira. Os olhos da espiã quase brilham de animação e ela sorri discretamente. Seus dedos batucam a sela de Ireneia.



SOREN

Gostou da minha rota?

Deyanira revira os olhos e sorri.

DEYANIRA

Talvez não tenha sido um plano tão ruim quanto fiz parecer.

SOREN

Se me lembro bem você a chamou de ilógica e desgovernada.

Os dois riem por um momento.

DEYANIRA

Pensei sobre isso ontem. Percebi que fiquei satisfeita com a rota, na verdade. Eu estava, ainda estou, com muita coisa na cabeça e acabei processando os sentimentos e informações pela metade.

SOREN

Tudo bem, não é como se fosse ficar mais fácil agora.

DEYANIRA

Definitivamente não estou contando com isso, mas é bom poder esclarecer certas coisas. Foi difícil também admitir que preciso de uma babá mágica.



SOREN

Ora, cale a boca! (rindo) Se me permitir, vai perceber que sou uma companhia agradável. E estou aqui para ajudar. Eu sou mais velho do que aparento, Deyanira.

DEYANIRA

Eu supus isso. Vocês envelhecem diferente do resto dos humanos.

SOREN

E agora você também.

Deyanira o olha de sobressalto, percebendo esse fato naquele momento. Ela vira para frente e fica pensativa.

SOREN

Eu vejo potencial em você, Deyanira. Eu sei que isso não é muito, até porque quem sou eu, mas neste momento sou o que você tem. E por mais que você odeie admitir, às vezes precisamos desse apoio.

DEYANIRA

Obrigada. Há anos que trabalho sozinha, vai ser interessante ter alguém agora.

SOREN

Espero honrar a posição.

Deyanira sorri e abre a boca para dizer algo, mas Soren a silencia.



SOREN

Shhh...

Ele coloca o indicador nos lábios e para o cavalo. Ele olha ao redor e Deyanira o acompanha com o olhar, parando Ireneia. Os dois ficam em silêncio e observam os arredores. O silêncio pesa. Soren recobra a postura.

SOREN

Deve ter sido algum ser menor ou animal, só estou sendo paranóico.

Ele ameaça voltar a se mover, mas Deyanira o impede com a mão em seu peito, ainda olhando ao redor.

DEYANIRA

Não... Tem algo errado mesmo. Ouça.

Soren se concentra, mas não ouve nada.

SOREN

(Em sussurros.) Não tem som nenhum.

DEYANIRA

(Também sussurrando.) Exatamente.



Deyanira sinaliza o ambiente com as duas mãos e depois de uma breve confusão Soren finalmente percebe. Silêncio. Nada podia ser ouvido, nem o farfalhar das folhas, ou o som da água lodosa atingindo as pedras ou algum animal mergulhando. Sapos, aves e insetos haviam cessado sua canção. Até os cavalos estão em silêncio. Soren ergue o olhar assustado para a mulher e aperta os lábios. Deyanira balança a cabeça e sua mão vai lentamente para a espada em sua cintura.

SOREN

Cacete.

Com um único impulso, Soren pula de seu cavalo e voa em direção de Deyanira, derrubando-a de Ireneia no exato momento em que a criatura ataca.

Deyanira grita exasperada e ambos rolam ao atingir o chão. Soren se levanta rápido e ajuda Deyanira, que ainda está atordoada, não pela queda, mas pelo que se prostra diante dela.

Uma criatura duas vezes o tamanho de uma pessoa os encara. Sua pele era uma mistura de escamas, cascas de árvore, fungo e animais em variados estágios de decomposição. A criatura respira de maneira ofegante.

SOREN

Um soprador.

DEYANIRA

Não haviam sido extintos?



SOREN

Nos registros pode até ser, mas é difícil extinguir uma massa de matéria orgânica que se alimenta de tudo que vive.

DEYANIRA

Qual o plano então? Eu lido melhor com humanos.

Deyanira faz menção de pegar sua espada.

SOREN

Essa coisa não morre, mas podemos fatiá-la pra dar tempo de fugir e ir pra território seguro.

DEYANIRA

Improvisar, então.

SOREN

Não, veja bem...

Ele não termina a frase. Uma raiz se enrosca em seu pé e puxa o mago para cima, de cabeça pra baixo. Deyanira observa o movimento.

DEYANIRA

Improvisar então.



Deyanira corre na direção da criatura. Do alto, Soren pega sua espada e corta a raiz. Ele cai no chão e logo se recupera. Deyanira pula na perna do SOPRADOR, mas um tendão se desprende da criatura e a arremessa para longe.

Deyanira avança novamente, lâminas em punho. Seu corpo se move com precisão, a respiração controlada. Atrás dela, Soren observa com olhos atentos, seus dedos começam a faiscar com uma luz vermelha.

Ela salta, girando no ar, as lâminas rasgando o torso putrefato da criatura. O golpe é certeiro, mas o Soprador se regenera, cipós, cogumelos e músculos necrosados se reagrupando como um tecido vivo e doente. Ela cai para trás, resmungando entre dentes.

A criatura responde, lançando um de seus braços alongados em direção à espiã. Ela desvia por pouco, mas um chicote de videiras podres se enrola em seu tornozelo, puxando-a violentamente ao chão. Antes que possa reagir, a criatura ergue outra garra grotesca para finalizá-la.

Soren dá um passo à frente e, com um gesto rápido, dispara um feixe de pura luz vermelha. O ataque atinge a criatura e explode a videira que prendia a espiã. Ela rola para o lado, espantada pelo que viu.

A criatura uiva de raiva e se atira contra o mago. Ele ergue a mão e um escudo translúcido surge no ar, absorvendo o impacto com um estrondo. A espiã se apoia nos braços e observa, fascinada, enquanto o mago se move, desenhando símbolos no ar com as mãos, sua magia pulsando ao seu redor.



Ele então lança outra investida: uma onda de fogo irrompe de suas palmas, lambendo a criatura e consumindo parte de seu corpo decomposto. O monstro se regenera, mas hesita, como se reconhecesse uma ameaça real.

A espiã aproveita o momento de distração e investe com um salto, girando as lâminas contra a criatura. Seu golpe acerta o peito da aberração, abrindo uma fenda exposta que se contorce tentando se fechar.

A criatura se enfurece e investe contra ela, mas a espiã se esquivava no último momento, deslizando sob seus braços e cravando uma lâmina no flanco da aberração. Ela puxa a adaga e dá um chute violento, afastando a criatura por um instante. Quando o monstro tenta agarrá-la, ela usa sua velocidade para subir em suas costas, desferindo golpes rápidos em seus pontos fracos.

A criatura se debate, tentando jogá-la longe, mas a espiã se mantém firme. Ela salta de volta ao chão e, com uma pirueta, crava ambas as lâminas nas pernas do monstro, forçando-o a se ajoelhar.

O mago percebe a oportunidade e ergue as mãos e pronuncia um encantamento. Chamas vermelhas crepitam ao redor de seus dedos antes de se lançarem contra o monstro. A criatura urra, sua pele queimando, mas novamente se recompõe, absorvendo a matéria ao redor para se reconstruir.

A espiã esquivava de um golpe desajeitado da criatura e então vê: no centro de sua massa disforme, uma parte parece mais densa, como um núcleo de pura podridão.

A criatura avança contra o mago, suas garras fétidas prestes a rasgar sua garganta. A espiã corre e usa o próprio corpo como



impulso, saltando sobre os ombros da criatura. Ela finca suas lâminas nas laterais do monstro e usa a força para manter a cabeça da aberração erguida.

O mago entende o plano. Ele invoca um feixe de luz brilhante e, com um movimento preciso, o lança diretamente no ponto exposto. A magia atinge o núcleo com um som de carne fervendo.

A criatura se contorce, um grito bestial ecoando pela floresta. Seu corpo começa a se dissolver em um lodo pútrido. A espiã salta para trás, rolando no chão para escapar da destruição.

Por um momento, um silêncio tenso paira na floresta.

O mago e a espiã se encaram, ofegantes. Um instante de compreensão silenciosa passa entre eles. Nenhum dos dois planejou aquilo, mas, juntos, fizeram funcionar.

Deyanira se vira para Soren, ainda tentando processar o que acabou de testemunhar. Ele limpa as mãos, como se fosse apenas mais um dia de trabalho, fingindo casualidade.

DEYANIRA

Você nunca mencionou que podia fazer isso

O mago dá um meio sorriso.

A névoa volta a se espalhar por entre as árvores.

9. EXT. PÂNTANO - DIA



Soren e Deyanira estão caminhando lentamente pelo chão de pedras e musgo, cada um puxa seu cavalo.

Deyanira lança alguns olhares de soslaio para Soren, inquieta.

Soren ri.

SOREN

Sabe que pode me perguntar.

Deyanira olha para o chão ao subir em uma pedra e continua o caminho. Ela balança a cabeça em descrença.

DEYANIRA

Só... Como?

SOREN

Magia.

Ele dá de ombros e sorri, Deyanira o olha, incrédula. Ele segura o riso.

DEYANIRA

É lógico que é magia, eu sei o que é magia! Eu só... Nunca tinha visto...

SOREN

Claro que viu, você já a fez.

DEYANIRA



160

Uma explosão temperamental no meio de um calabouço? Sim, já fiz. Mas isso... (ela faz gestos com a mão) É totalmente diferente! A destreza, a precisão, o poder... As luzes que saíram de você...

SOREN

Bom, eu fico lisonjeado. Não encare como falsa modéstia, mas não foi nada. Feitiços de ataque rápido a curta distância, eficazes.

DEYANIRA

Todos em Anika fazem isso?

SOREN

Isso e muito mais.

DEYANIRA

Como é lá? Em Anika?

Soren enrijece as costas e logo relaxa. Sua expressão se anuvia.

SOREN

(Voz quase contemplativa) É espetacular... Magia por todos os cantos, pura, ancestral. Uma biblioteca com milhares e milhares de livros e registros em línguas atuais e há muito abandonadas. A natureza prospera lá, não o mato, árvores... Isso é resultado. A natureza pura em sua força e presença, tudo lá é vivo, é lindo...

DEYANIRA

Parece sentir saudades.



SOREN

Todos os dias.

DEYANIRA

Acha que eu posso fazer isso? Igual em Anika. Igual você?

Os olhos de Soren focam e ele volta do devaneio. Arruma sua postura e olha para o céu, como se procurasse algo.

SOREN

Acho que você está destinada a coisas mais grandiosas que cuidar de uma espiã tagarela em um pântano, isso eu garanto.

Deyanira ri e o empurra.

DEYANIRA

Cuidar de mim? Eu tive tanto trabalho quanto você! Mais até! Eu pulei naquele Soprador e imobilizei ele sozinha enquanto você ficou brincando de pisca-pisca.

SOREN

Algumas pessoas não possuem a graça de um mago.

Soren sorri e olha novamente para cima. Depois olha ao redor, franzindo o cenho. Ele olha para as pedras e chuta uma e depois outra.



SOREN

É aqui.

Deyanira olha ao redor, confusa.

DEYANIRA

É aqui o quê?

Soren pega um pedregulho lodoso e joga em direção ao leito do lago. A pedra quica uma vez na água e desaparece no trajeto para quicar uma segunda vez. Soren sorri e olha para trás.

SOREN

Vamos.

O mago guia seu cavalo para a água. Deyanira o observa desconfiada e depois faz o mesmo com Ireneia. A espiã escorrega no musgo discretamente.

SOREN

Vamos logo!

DEYANIRA

Como tenho certeza que isso não é uma armadilha e tudo isso não é um plano para me matar?

SOREN

Não tem.



Com isso, Soren entra na água escura até seus joelhos e desaparece, deixando Deyanira sozinha no pântano.

A mulher olha ao redor e entra na água. Suas botas ficam pegajosas com a lama e ela faz uma careta.

Depois de entrar na água até os joelhos, Deyanira se inclina para frente. Ela estica a mão e sente uma onda fria a repelindo, levemente a empurrando para trás. Deyanira estica mais a mão e seus dedos somem. Ela puxa o braço de volta e observa um líquido transparente e pegajoso escorrer entre seus dedos.

DEYANIRA

Interessante...

Quando ela olha para trás uma última vez, sente alguém puxando seu braço, levando-a para dentro da barreira.

10. EXT. GRIMNASH - DIA

Deyanira está dentro da barreira. Ela se vira, pronta para gritar com quem a tivesse puxado, mas ao ver Soren sorrindo ela se cala.

SOREN

Chegamos.

Deyanira desvia o olhar do mago para a paisagem à sua frente.



Onde deveria haver água, na verdade é um pedaço sólido de terra e musgo que se abre em uma grande clareira no meio das árvores, a vila de Grimnash. Pequenas cabanas de trapos, madeira e plantas estão organizadas em fileira, formando uma pequena rua. Construções rudimentares de madeira possuem o interior iluminado com pequenas fogueiras que contrastam com a escuridão que começa a chegar, anunciando o final no dia. Troncos ocos servem de bancos e de moradia. Ao longe, na beira da água, moradas de palafitas erguem-se em labirinto.

Os moradores dessa comunidade se dividem em diversos seres pantanosos: fadas, pixies, gnomos, trolls da lama, etc. Todos cozinhando, voando ou trabalhando.

Deyanira olha para trás, para a barreira e novamente a toca, fascinada.

DEYANIRA

Eles estavam aqui o tempo todo... (mais pra si mesma)

SOREN

Vrogg!

Deyanira se vira e vê Soren ir em direção a um troll da lama e apertar sua mão animadamente. Com cautela, ela o segue.

SOREN

Como vai, meu amigo? Há quanto tempo!



O troll sorri para Soren. VROGG é um ser pequeno, de não mais que 1,40m. Sua pele é cinzenta e com pequenos cogumelos crescendo nos braços. Usa roupas de tecido MARROM E VERDE.

VROGG

Seu retorno demorou demais. Estava falando com Krazgor e ele apostou duas lascas que você tinha feito a passagem.

Soren sorriu nervoso e assentiu.

SOREN

Diga para aquele ogro decadente que eu estou aqui e inteiro! Ou melhor, diga-me onde ele está que direi na cara dele.

VROGG

Mais uma vez na estrada, Soren?

Soren assentiu e deu de ombros. Vrogg lhe ofereceu um sorriso.

SOREN

Falando nisso... Essa é a Lady Deyanira. Fui encarregado de cuidar dela nessa viagem.

Com um olhar de censura para Soren, Deyanira anda em passos calmos até Vrogg e lhe estende a mão com um sorriso.

DEYANIRA



Prazer em lhe conhecer. (voltando-se para Soren) E eu sei me cuidar sozinha, obrigada. Soren é mais como um mapa ambulante.

Vrogg pega a mão da mulher e faz uma mesura, o que surpreende Deyanira.

VROGG

Uma honra conhecê-la, Milady. É indelicado, mas preciso dizer, sua fama não faz jus à sua bela aparência.

Deyanira franze o cenho e ri sarcasticamente, Soren tosse e alisa as têmporas.

SOREN

Vrogg, pelo amor de Morbak.

DEYANIRA

Não, ele tem razão. Fico feliz em ter a certeza que minha trilha sangrenta vem com um rostinho bonito de brinde!

Soren olha de um para o outro e abana as mãos.

VROGG

Gostei dessa.

SOREN

Vrogg, precisaremos passar a noite por aqui.



Vrogg começa a caminhar, fazendo sinal para que o seguissem.

VROGG

Eu imaginei. Não é qualquer um que se recupera rápido de uma luta com um Soprador.

Deyanira olha para Soren, intrigada.

DEYANIRA

Como ficou sabendo disso? Mal faz duas horas.

VROGG

As coisas correm em uma velocidade diferente aqui. Duas horas é tempo mais que necessário para um goblin comer um musgo que estava em uma árvore que foi atingida por um galho que se desprendeu de uma folha que foi soprada por um vento que passava pela região no momento da luta. E nesse tempo vocês chegaram aqui. Uma notícia ou uma pessoa? Qual cai primeiro?

Soren meneia a cabeça, indicando que Deyanira deixe para lá.

VROGG

Mas pode-se dizer também que as pixies possuem três péssimas características: pequenas, fofoqueiras e estão em toda parte, o que mais lhe agradar.



Eles passam por um pequeno comércio, onde diferentes espécies de seres mágicos vendem seus artesanatos e suprimentos. Deyanira olha tudo com curiosidade. Uma barraca repleta de frascos e plantas secas chama sua atenção.

12. EXT. GRIMNASH, BARRACA - DIA

Deyanira se aproxima. Atrás da barraca está ILANIS, uma driade do pântano mexe distraidamente uma tigela com resina viscosa misturada com pó de cogumelo fosforescente, parecendo não notar Deyanira.

A espiã segura um frasco rosa em suas mãos e o analisa.

ILANIS

(suavemente e sem erguer o olhar) Você carrega a luz e a sombra ao mesmo tempo.

Deyanira franze a testa e pousa o frasco que segurava no balcão.

DEYANIRA

Perdão?

A driade ergue o olhar. Sua pele tem um tom esverdeado pálido e seus cabelos lembram vinhas entrelaçadas com pequenas flores que brilham fracamente no escuro

ILANIS



Seu corpo ainda não entende a magia, mas seu espírito já a conhece.

Deyanira cruza os braços, desconfortável

DEYANIRA

Ótimo, mais alguém dizendo que sou algo que não sei ser.

Ilanis esboça um sorriso enigmático e volta a misturar sua tinta.

ILANIS

A magia não precisa ser entendida para ser sentida. Você quer aprender ou quer continuar lutando contra ela?

DEYANIRA

(estreita os olhos) E por que você se importa?

Ilanis desliza um frasco em sua direção. O líquido brilha em tom esmeralda.

ILANIS

Não me importo. Mas quando uma árvore nasce torta, alguém precisa endireitá-la antes que se quebre.

Deyanira está prestes a dizer algo, mas escuta Soren chamando-a. Ela olha para a Driade mais uma vez e coloca o frasco com displicência no balcão.
Deyanira se afasta da barraca.



13. EXT. GRIMNASH - DIA

Deyanira desvia de pequenos seres e segue Vrogg e Soren até uma cabana. Ela era feita de troncos amarrados e musgos.

Soren dá passos ansiosos.

A cabana possui uma luz amarela oscilante e fraca. Lá dentro, ouvia-se sons de serrotes e madeira sendo cortada.

Uma voz fina e esganiçada sai de dentro da cabana.

MUGG

Meu faro está certo? Endri retornou?

Da cabana sai um pequeno grippli, não muito maior que Vrogg.

Ele usa roupas de trabalho e óculos de proteção. A criatura dá passos largos até onde estão Soren e Deyanira.

SOREN

Não conheço esse tal de Endri.

MUGG

Ah, pare com isso! Sempre será Endri. Agora cumprimente seu amigo.

Soren, que estava com uma carranca, a desfaz quase que imediatamente e se abaixa, cumprimentando Mugg.

SOREN



Andou espichando, Mugg?

Mugg estica o corpo anfíbio, como para exhibi-lo.

MUGG

Ah, então você notou, hum? Devo ter ganhado alguns centímetros desde a última passagem.

SOREN

Logo estará do meu tamanho e terei uma competição decente por aqui.

Mugg olha para trás e Soren recobra a consciência de que Deyanira está atrás dele, o aguardando.

Ela olha Mugg e oferece um sorriso.

SOREN

Ah, perdão, é claro. Mugg, essa é...

DEYANIRA

Deyanira, é um prazer conhecê-lo.

Mugg a olha por alguns segundos e devolve o sorriso, fazendo uma mesura.

MUGG

Soren precisa parar de trazer moças bonitas da Capital para cá, nós não estamos acostumados com a beleza urbana.



Mugg olha para Vrogg.

MUGG

Beleza no geral...

VROGG

Ora, dizem por aí que sou de um semblante inestimável.

MUGG

É verdade, lembro-me daquele latoeiro que colecionava aberrações dizer algo do tipo.

VROGG

Ora, seu...

Todos riem, menos Vrogg. Mugg abana as mãos anfíbias para o goblin e se dirige para Soren e Deyanira.

MUGG

Uma noite só, Endri.

SOREN

Não me chame assim, falei sério.

Mugg bufa.

MUGG



Soren. Sua moradia está em estado bom ainda, talvez meio empoeirada. Fiquem à vontade.

Mugg se volta para Deyanira.

MUGG

Lamento dizer, mas preciso retornar para minhas funções, milady. Terei a honra de acompanhá-los no jantar. Sinta-se à vontade para conhecer Grimmash.

DEYANIRA

É assim que se chama esse lugar? Grimmash?

Mugg ri fracamente.

MUGG

Aqui é Grimmash.

Sem mais nada dizer, Mugg volta para sua cabana. O SOM de serrote recomeça (O.S.).

Soren se aproxima de Deyanira, que ainda observa a cabana.

SOREN

Vamos. Precisa começar a praticar um pouco.

14. EXT. PÂNTANO - FINAL DO DIA



O pântano está sombrio, a luz se extingue lentamente, deixando o ambiente mergulhado em um azul profundo. Quase tudo está silencioso, exceto pelos sons distantes de criaturas noturnas.

O ambiente é pesado e misterioso, mas também há uma energia palpável no ar.

Soren e Deyanira estão a poucos metros de distância, em uma clareira isolada, onde o solo está coberto por uma vegetação rasteira. Há um galho seco entre eles.

Deyanira, com o rosto tenso e os olhos fixos no galho, tenta se concentrar, mas sua frustração é palpável. Soren observa, paciente, mas com um toque de exasperação.

O galho não se move. A frustração dela é visível. Ela tenta mais uma vez.

DEYANIRA

(grunhindo, se afastando do galho) Isso não faz sentido! Você faz parecer tão fácil! Como você consegue ser tão calmo?

SOREN

(demonstrando calmamente, levitando o galho) A magia está em tudo ao seu redor. Você só precisa...(gesticula com a mão ao redor)...sentir. Deixe que ela flua de você. Não há nada mais simples.

DEYANIRA

Não é simples.

SOREN



(relaxa os ombros, tentando manter a paciência) Você pensa demais. É só deixar a magia fluir.

DEYANIRA

(Se virando para ele com raiva) Você não entende! Eu *tento*, mas não consigo! Estou me esforçando, Soren, e nada acontece! Você apenas... Relaxa e tudo funciona. Como isso é justo?

Soren apenas a encara. Deyanira fecha os punhos.

DEYANIRA

Claro, vou simplesmente esvaziar minha mente no meio de um pântano com um monte de olhos me observando!

SOREN

(ergue uma sobrancelha, curioso) Ah, então você sente, os olhos. Talvez esteja mais conectada do que imagina.

Ele a olha com calma.

SOREN

Não é sobre esforço, Deyanira. É sobre parar de lutar contra o que já está em você. Você está com raiva, e isso está bloqueando tudo.

DEYANIRA

(elevando a voz) Raiva? Você acha que isso é sobre raiva? Você não faz ideia do que estou sentindo! Cada vez que tento usar



isso... (aponta para o galho) Me sinto como se estivesse sendo observada, julgada e condenada! Eu não consigo simplesmente *deixar ir*, como você diz. Não é assim que funciona.

Soren suspira e se aproxima um pouco, observando atentamente Deyanira. Ele percebe que a raiva dela não é apenas frustração com a magia, mas algo mais profundo. Algo que ela ainda não quer admitir para si mesma.

SOREN

(mais suave) Você está sentindo mais do que raiva, Deyanira. Está sentindo medo. E isso é natural, mas você pode usar isso a seu favor.

DEYANIRA

Medo? Do que você está falando? Eu não sou fraca!

SOREN

(sereno, mas firme) Não é fraqueza. Sentir medo, raiva, frustração... São emoções poderosas. Você acha que essas emoções só te impedem, mas elas podem ser canalizadas. Você está ignorando o que sente, e isso está te bloqueando. A magia não é algo que você controla como um objeto, ela vem de dentro, das suas emoções. O segredo é aprender a direcioná-las. O sacrifício de um sempre será o caminho para a ascensão do outro. Sacrifique o controle que suas emoções têm sobre você.

DEYANIRA



Ah, então eu sou um poço de magia pura esperando ser canalizado?
Eu não sou você Soren! Eu não nasci com isso!

Soren permanece em silêncio, estudando Deyanira. Ele sabe que as palavras dele estão tocando em um ponto sensível nela, algo que ela ainda não está pronta para admitir, mas que ele precisa que ela entenda.

SOREN

(sussurrando, olhando para ela com intensidade) Você já nasceu com isso, Deyanira. Todos nós temos magia. Mas você não vai encontrá-la enquanto continuar negando suas emoções, sua raiva, seu medo, até mesmo suas inseguranças. Eles estão lá... E são suas armas mais fortes. Só precisa aprender a usá-los, se se deixar consumir por eles.

Deyanira olha para ele, claramente em conflito. Ela sente que está sendo puxada para algo que não entende. Ela fecha os olhos por um momento, tentando se acalmar. O pântano ao redor parece pulsar com a mesma energia de sua confusão interna. O galho seco ainda está ali, intocado.

DEYANIRA

(com a voz baixa, mas ainda cheia de frustração) Eu não sei como fazer isso... Eu tentei... Nada aconteceu. Eu só... Só fico mais frustrada!



Soren se aproxima um pouco mais e coloca uma mão no ombro de Deyanira. A sensação de proximidade quebra um pouco a barreira que ela havia colocado ao redor de si mesma.

SOREN

Você sente raiva agora? Use isso. Sentir as coisas é a chave, Deyanira. Só não deixe elas te engolirem. Solte um pouco. Apenas concentre-se na energia ao redor. Não é sobre controlar, é sobre conectar. Não há certo e errado, apenas... Sentir.

Deyanira se vira novamente para ele, os olhos ardendo de raiva e frustração. Ela pega o galho e o segura com força, sua última tentativa. Ela respira fundo, tenta se concentrar, mas a tensão não desaparece. Ela não consegue relaxar. Em um impulso, ela joga o galho no chão com um grito abafado. O galho, quase como se obedecesse a um comando, flutua por um breve segundo antes de cair novamente.

SOREN

(sorrindo de canto, um toque de aprovação) Viu? Tá quase lá.

Deyanira revira os olhos e resmunga, cruzando os braços, enquanto Soren observa com um sorriso divertido. Eles se encaram por um momento, mas a tensão no ar se dissolve em uma leve discussão.

DEYANIRA

Não sei como consegue ser tão calmo, você não sente nada, não?



SOREN

(suspiro profundo, sem pressa) Eu já passei por isso. Você vai aprender.

Ela fica ali por alguns minutos, perdida em seus próprios pensamentos. Deyanira pega o galho novamente. Seus dedos tocam suavemente a madeira e ela tenta novamente. Sem a pressão de agradar a Soren, sem a pressão de ser perfeita. Ela respira fundo, ouve a água ao seu redor, sente a noite, a Lua. Lentamente, com a mente mais leve, ela se concentra, sentindo a energia pulsar.

De repente, o galho começa a flutuar. Por um segundo, ele sobre vagorosamente, como se a magia finalmente tivesse encontrado seu caminho para fora de Deyanira. O sorriso de Soren cresce de forma sutil, mas satisfeito.

De repente, uma sensação estranha começa a tomar conta dela. Sua raiva se transforma em algo mais focado, como uma lâmina afiada. Ela sente a magia, ou talvez seja a raiva canalizada, como se estivesse ligada à terra, ao pântano, à Lua. O galho, então, flutua mais alto diante dela. Não é perfeito, mas é real.

DEYANIRA

(surpresa, mas com um sorriso) Eu... Eu fiz isso..

Soren sorri, mas não diz nada. Ele sabe que o mais importante é o que ela acabou de aprender. A magia não vem de uma mente vazia, mas a verdade crua das emoções humanas.



SOREN

Sim, você fez.

Deyanira fica em silêncio, observando o galho flutuando suavemente. Ela respira fundo, sentindo algo se abrir dentro de si.

15. EXT. GRIMNASH - NOITE

Uma fogueira arde no centro de uma clareira. Seres do pântano preparam o jantar e tocam música. Pixies voam, acendendo pequenas lamparinas sobre as árvores.

Deyanira está sentada perto do fogo, desacostumada com o frio e umidade do ambiente.

ILANIS

Esqueceu isso.

Deyanira ergue o olhar e encontra a driade que havia visto mais cedo em sua frente, com o braço esticado segurando um frasco com um líquido verde.

DEYANIRA

Não esqueci. Só não sabia como te encontrar depois.

Ilanis se senta próximo a mulher.



ILANIS

E deixou que eu te encontrasse. Não gosta de algo que não seja do seu jeito, não é?

DEYANIRA

Quem gosta? Se falou uma ideia alto o suficiente para que alguém a ouvisse ou a fizesse é porque julgou ser boa.

ILANIS

Mas e se a pessoa não achar que é uma boa ideia?

Deyanira dá de ombros.

DEYANIRA

Difícilmente alguém acha isso.

ILANIS

A raiz não cresce se você a puxa com força.

Deyanira, irritada, encara a dríade.

DEYANIRA

E se eu não tiver tempo pra esperar? A tempestade não pergunta se a árvore está pronta antes de arrancá-la do chão.

ILANIS

E é isso que você é? Uma tempestade?



Deyanira não sabe como responder a isso, então prefere o silêncio. Ilanis se levanta e sai.

Deyanira olha para o lado e vê que a dríade deixou o frasco onde estava sentada.

16. EXT. GRIMNASH - NOITE

Soren está sentado em um tronco na borda da clareira. Ele observa Deyanira ao longe. A mulher está bebendo perto da fogueira e conversando com alguns moradores da comunidade.

Soren segura um CANECO TOSTO DE BARRO.

Ao seu lado Mugg surge.

MUGG

Mesma luz nos olhos, hein Endri?

SOREN

Luz se apaga, Mugg.

Soren bebe um gole.

SOREN

Não me chame assim.

MUGG



Não quando é de verdade. Quando é de mentira... bem, aí sim, pode queimar até virar cinza. Como mais deveria chamá-lo, se não o nome do menino que surgiu há tempos, perdido nessas águas?

Soren aperta o caneco com força.

SOREN

Esse garoto morreu há muito tempo.

MUGG

Então é isso que anda dizendo a si mesmo? Que morreu? Que não carrega mais o peso do que fez... Ou do que não fez?

Soren cruza os braços, impaciente.

SOREN

Não vim aqui para conversar sobre o passado.

MUGG

Ah, sim, claro. O passado é como areia movediça. Quanto mais se debate, mais afunda. Melhor fingir que ele não está lá, né?

Soren desvia o olhar, observando o pântano. O silêncio se instala entre os dois, pesado, carregado de significados que só eles entendem.

MUGG



(dando um tapinha no ombro de Soren) Trazendo forasteiros agora?
Ela sabe?

SOREN

Sabe o quê?

MUGG

Boa pergunta. Melhor ela não saber... Ou você não se lembrar?

Silêncio, Mugg o observa como se tentasse resolver um enigma.
Soren não responde.

MUGG

Ah Endri, você sempre foi bom em fugir das palavras certas. Mas me diga, quando olhar para ela... E ver o reflexo que não quer ver... Vai continuar fingindo que não sabe?

Soren se afasta um pouco, os olhos sombrios. Ele hesita por um momento, então balança a cabeça com um pequeno sorriso cínico.

SOREN

Boa noite, Mugg.

MUGG

(baixinho, olhando para a água) Vai precisar mais do que uma boa noite quando o passado resolver te encontrar.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



185

Soren para por um segundo, mas não se vira. Mugg começa a se afastar, desaparecendo na escuridão da vila. Soren bebe mais um gole do copo, olhando para Deyanira através das chamas.

FIM



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



186

“Kairos”
Episódio 3 - “Nascentes Morimur”
um roteiro de Julianne Borges



1. EXT. GRIMNASH - NOITE

Uma névoa se espalha pela vila. Ela segue por entre as casas e vegetação, pairando sobre a água.

2. EXT. GRIMNASH, INTERIOR DA CABANA DE SOREN - NOITE

Soren e Deyanira dormem um ao lado do outro, Deyanira na cama e Soren no chão.

O cômodo é feito de madeira e está quase completamente vazio, exceto pela cama pequena e uma mesa de madeira escura.

A névoa adentra o ambiente pela janela, se espalhando pelo chão até cobrir Soren. A fumaça espessa alcança Deyanira, que acorda em um rompante.

Deyanira olha ao redor, assustada. Não há fumaça e nenhuma outra atividade anormal no quarto. Ela olha Soren dormindo no chão e o pula, ficando em pé.

Deyanira caminha até a porta do quarto e observa o pantano, a água.

3. EXT. GRIMNASH, VARANDA DA CABANA DE SOREN - NOITE

Deyanira inspira o ar úmido e fecha os olhos. Ela olha ao redor e vai até uma árvore seca. Deyanira quebra um pequeno galho e se senta na entrada da cabana, segurando o galho à sua frente e fechando os olhos.



Após alguns segundos, o galho flutua de seus dedos e se mantém estático no ar. Deyanira abre os olhos com incerteza e sorri ao observar seu feito.

SOREN (O.S.)

Daqui a pouco vai ficar melhor que eu.

Deyanira se assusta e o galho cai, ela vira para trás.

SOREN

(dando de ombros) Ou talvez não...

DEYANIRA

Você me desconcentrou.

Soren se senta ao lado da mulher e pega o galho caído.

SOREN

Preciso te mostrar mais uma coisa, um truque para canalizar melhor a energia.

DEYANIRA

Não podia ter me dito antes?

SOREN

Antes o certo e depois o fácil. Assim.



Soren indica para que Deyanira feche os olhos e segure o galho entre os dedos novamente, ela obedece.

SOREN

O que você sentiu quando enfrentamos o Soprador?

DEYANIRA

Não sei ao certo, a adrenalina talvez. Não costumo pensar muito no que sinto quando estou lutando, só depois, e bem, se eu tiver sucesso não resta muito para sentir a não ser alívio, orgulho. Eu já tinha ouvido falar de seres como aquele, mas meu negócio é mais com humanos. (ela ri)

SOREN

Entendo... Poderia dizer que sentiu medo?

Ainda de olhos fechados, Deyanira pondera.

DEYANIRA

Acho que sim, foi um inimigo novo.

SOREN

Diria que está com medo agora?

Antes que Deyanira possa responder, ela sente o metal frio de uma lâmina contra sua garganta. Ela abre os olhos e tenta mover as mãos, mas ao olhar para baixo as vê imobilizadas por vinhas que



nem havia sentido se enrolando em seus pulsos. Deyanira tenta se soltar, mas é em vão.

SOREN

Shhhh...

DEYANIRA

Se isso é algum truque de sobrevivência ou vingança pela hospedaria, não tem a menor graça.

Soren continua às costas de Deyanira, a lâmina firme contra o pescoço da mulher.

SOREN

Não há truques aqui, minha aprendiz. Não há nada entre nós aqui. Não há esperança.

Deyanira fecha os olhos e se concentra.

SOREN

E não haverá nada de você quando eu terminar meu serviço...

Com um impulso, o graveto caído flutua e vai em direção ao rosto de Soren, cravando em seu olho direito. O bruxo grita e deixa a lâmina cair.

Deyanira puxa os braços com força e se liberta, correndo para a entrada da cabana, mas o que vê lá dentro a faz parar.

Soren estava deitado em seu colchão, dormindo profundamente.



Deyanira se vira e olha para a varanda, onde o outro Soren já se levantava rindo, com o galho enfiado no olho e sangue escorrendo sobre a face.

SOREN (ilusão)

Foi esperta, admito. Mas acho que não teve tempo de aprender outros truques com o bruxo.

Deyanira chamou Soren.

SOREN (ilusão)

Ele não vai te ouvir. Ninguém aqui vai te ouvir. Nunca veio em um pântano como esse, antigo assim... Não sabe o que se esconde no fundo das águas lodosas ou paira sobre elas, esperando uma espiã desavisada metida a mágica pronta para ser canalizada.

A criatura com aparência de Soren dizia isso enquanto se aproximava a passos lentos, forçando Deyanira a ir cada vez mais para trás, se afastando da cabana e do verdadeiro Soren.

Deyanira pegou uma lâmina curta que sempre levava consigo e jogou no peito da criatura. O falso Soren, com a lâmina cravada em seu peito, nem parece notar sua presença.

O ser empurra uma lufada de ar contra a mulher, fazendo-a cair de costas.

Deyanira está imobilizada, é possível ver uma corrente de ar se enroscando sobre seu pescoço, ela sufoca lentamente.

SOREN (ilusão)



Muitos de vocês, aventureiros e mentirosos, invadem minhas terras, desesperados para enterrar seus segredos na lama, tentando sujar as minhas águas. Sabe o que eu faço?

Deyanira tosse.

SOREN(ilusão)

Eu os enterro junto com seus mistérios. Veja bem, não os mato. Mas os deixo próximos do que tanto fogem, do que querem abandonar aqui. Tão próximos que seus segredos enterrados podem ouvir o coração da pessoa... Batendo, batendo... Cada vez menos, nunca parando... E você, mestre dos espiões? Deve ter alguns segredos para me contar...

O ser se aproxima muito de Deyanira e, com o final da frase, abre a boca gigantesca, revelando dentes afiados e uma língua bifurcada. Ele começa a sugar o ar de Deyanira.

Um som corta a noite, fazendo a criatura virar o rosto. Seu outro olho é atingido por uma vinha florida, que atravessa sua cabeça. Ilanis aparece no campo de visão de Deyanira, que agora consegue respirar novamente.

Ilanis fala um encantamento antigo e abre um frasco redondo, a criatura é sugada para dentro do pote que em seguida é fechado por Ilanis, como se fechasse um frasco de temperos.

Deyanira encara a driade em choque, enquanto respira de modo ofegante.

ILANIS



Vitralis Spectrum, são obsessorezinhos desgraçados. (pausa) Se você não souber cuidar deles.

Luzes começam a ser acesas nas cabanas ao redor, moradores surgem no pátio, saindo de suas casas, confusos.
Vrogg se precipita em meio à multidão.

VROGG

O que está acontecendo?

ILANIS

Era um Vitralis, Vrogg. Já cuidei dele. Mas antes ele pegou essa aí de jeito.

Vrogg pareceu pela primeira vez notar Deyanira, ainda caída no chão, apoiada nos cotovelos. Ele se aproxima e segura o rosto da jovem e examina seu olhar.

VROGG

Ficará bem. Está tendo uma comissão de boas vindas e tanto, não é?

DEYANIRA

Perdão, garanto que costumo ser mais discreta em minhas passagens.

VROGG



Não se desculpe, minha jovem, um pouco de ação não faz mal a ninguém. Mas saiba que poucos de nós saem sozinhos durante a noite por uma razão.

Vrogg ri e ajuda Deyanira a se levantar. Ele segura as mãos da mulher com delicadeza.

VROGG

Onde está nosso nem tão vigilante?

Como se tivesse sido invocado, Soren aparece na porta da cabana. Ele olha ao redor, confuso como os demais.

Ao ver Deyanira pálida e com os lábios um pouco arroxeados, ele corre em sua direção, parando a poucos passos dela, como se recobrasse a consciência de repente.

Eles se encaram por alguns segundos, até que Soren se volta para Vrogg.

SOREN

O que aconteceu?

VROGG

Vitralis, isso que aconteceu.

Agora Vrogg fala de forma consideravelmente alterada.

VROGG

Um vitralis, Soren! Sob a minha vigia!



DEYANIRA

Eu pensei que eles não fossem problema.

VROGG

Acha que um espectro que muda de forma e enterra homens vivos não é um problema, minha jovem?

Deyanira se cala e olha para Ilanis, que ainda segura o frasco.

ILANIS

Eu sei cuidar deles.

SOREN

Vrogg, está tudo bem, ele já foi contido. Foque no que precisamos fazer agora. Vamos fazer uma ronda, reforçar as barreiras, eu ajudo.

Vrogg sustenta o olhar do mago por alguns segundos, até ceder e sacudir a cabeça. Soren dá um meio sorriso.

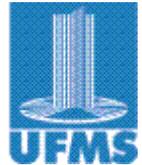
SOREN

E você? Está bem?

Deyanira vira o rosto para o mago e assente.

DEYANIRA

Tudo certo. Só preciso comer algo, acho.



Soren a analisa em silêncio, hesitante.

SOREN

Um pouco de sono também. Quando eu voltar podemos falar sobre o que viu, sim?

Deyanira acena com a cabeça novamente. Um silêncio permeia entre os dois, que logo desviam o olhar um do outro.

SOREN

É... Bem, vou indo. Acompanhar o Vrogg.

DEYANIRA

Claro.

Deyanira responde o aceno de Soren com um sorriso fechado e se retira torcendo as mãos.

Ilanis se aproxima e lhe estende o mesmo frasco verde do jantar.

ILANIS

Ajuda.

Deyanira pegou o frasco e se afastou sem dizer nada.

4. EXT. GRIMNASH, VARANDA DA CABANA DE SOREN - MANHÃ



Deyanira está parada na varanda da cabana, olha a água.

SOREN (O.S.)

Pegou tudo?

Deyanira não responde. Soren sai da cabana e fecha a porta.

SOREN

Ei.

Deyanira desperta de seu devaneio e faz um som de susto.

SOREN

Acorda. Pegou tudo?

DEYANIRA

Peguei, tudo pronto.

SOREN

Vamos então, Ilanis deve estar nos esperando. (ele se volta para a cabana) Vai segurar por mais uns anos, três no máximo.

5. EXT. GRIMNASH - MANHÃ

Soren e Deyanira caminhavam em direção ao centro da vila, onde a comoção da noite anterior tinha acontecido.

Eles podiam ver Ilanis, Vrogg e Mugg os aguardando.



DEYANIRA

Ela estava acordada ontem.

SOREN

Como é?

DEYANIRA

Ilanis, ela estava acordada ontem, enquanto todos dormiam.

SOREN

Já sei onde você quer chegar, e já adianto que é tolice.

DEYANIRA

Convenhamos que é no mínimo estranho ela estar acordada no meio da noite justo no momento do ataque.

SOREN

O que está sugerindo? Que ela invocou o Vitralis? Por qual motivo?

DEYANIRA

Acho que ela queria me dar um susto, não sei. Como ela poderia estar acordada bem na hora? Preparada e tudo.

Soren suspirou e ajeitou a mochila.

SOREN



Ilanis não dorme durante a noite. Não desde que sua irmã morreu.
Por um Vitralis.

DEYANIRA

Ah.

SOREN

Ele assumiu a forma da mãe da garota, ela deveria ter uns quatorze anos no máximo. Ficou possuída e matou o pai. Ilanis teve que matá-lá.

DEYANIRA

Eu não sabia que o Vitralis podia possuir alguém.

SOREN

É um espectro, é lógico que pode. Ele enfraquece a pessoa e a possui, depois a enterra com a própria culpa.

Deyanira fica em silêncio.

SOREN

Tudo bem, não tinha como você saber. Precisa aprender mais sobre os seres ocultos pelo véu. Vou colocar na minha lista.

Eles se aproximam dos três moradores do pântano, que os esperavam pacientemente e trocam cumprimentos.

VROGG



Mugg vai acompanhar vocês até O Beco, nós ficamos por aqui. Meu filho?

Vrogg abre seus braços pegajosos e Soren se abaixa, deixando-se ser envolvido em um forte abraço.

Em seguida, Vrogg pega a mão de Deyanira e beija levemente seus dedos, gesto que a mulher devolve com uma mesura e um sorriso.

DEYANIRA

Muito obrigada por nos receber, espero ter a chance de voltar mais vezes.

VROGG

Se estiver escrito, minha filha.

Deyanira se aproximou de Ilanis e estendeu a mão.

DEYANIRA

Muito obrigada, por tudo.

Após um olhar frio, Ilanis aperta a mão de Deyanira e acena com a cabeça.

Ilanis vai em direção a Soren e sorri, abraçando-o em silêncio. Deyanira abre a mão e vê em sua palma um pequeno cristal verde musgo que refletia pequenos pontos de luz. Ela o guarda em seu bolso.

Mugg se aproxima do casal e sorri com sua boca anfíbia.



MUGG

Então partimos. Devem fazer a travessia até o anoitecer, o caminho para O Beco é curto porém difícil.

Deyanira assentiu.

DEYANIRA

Onde está Ireneia?

MUGG

Sem animais, milady.

DEYANIRA

Perdão?

MUGG

O caminho é escorregadio e estreito, não foi feito para equinos ou cargas.

Deyanira abre a boca, mas Soren segura seu braço levemente. A mulher vira para ele com o cenho franzido, pronta para contestar, mas ele só balança a cabeça negativamente.

Passado um momento, ela suspira e começa sua caminhada pântano adentro.

6. EXT. PÂNTANO - MANHÃ



Deyanira, Soren e Mugg saltam por rochas lodosas e troncos cheios de musgos.

Eles se encontram em uma área mais escura e abafada do pântano, onde a luz luta para passar pelas árvores e fumaça sai das águas. Mugg para em frente a um vão largo formado pelo encontro de três rochas cinzentas. O buraco não tem mais de um metro de diâmetro. Os outros dois fazem o mesmo.

MUGG

Aqui Mugg deve deixá-los.

Deyanira olhou para o buraco escuro.

SOREN

Mugg, certeza que está certo?

Mugg solta um risinho.

MUGG

Se chama "O Beco", Endri.

SOREN

Está mais para "A Vala".

Deyanira se vira para os dois.

DEYANIRA

Não confia nele, Soren? Ou só está com medo do buraco escuro?



Ela ri e Mugg sorri para Soren.

SOREN

Não aja como se estivesse animada para entrar aí.

DEYANIRA

Não estou animada, mas já entrei em coisa pior.

Deyanira se volta para Mugg e sorri.

DEYANIRA

Muito obrigada por nos guiar até aqui, até a próxima.

MUGG

Se Elodie assim permitir.

Mugg sorri, Deyanira sorri e assente, logo em seguida pula no buraco.

Ouve-se um baque surdo e passam alguns segundos de silêncio.

Soren olha para Mugg aflito até Deyanira gritar do buraco.

DEYANIRA

Não temos o dia todo!

Soren olha uma última vez para Mugg. Seus olhares querem dizer algo que o espectador não compreende.

Soren entra no buraco e pula.



7. INT. O BECO - MANHÃ

Soren surge na saída do buraco, era uma queda rápida. O mago parou em pé e olhou ao redor.

O Beco era nada mais que uma bela gruta escondida sob o pântano, ou marcando o fim dele. A terra lamacenta foi deixada para trás e agora os personagens pisavam em pedras cinzentas e uma terra fina, quase pueril. A luz entra por pequenos feixes entre a rocha, deixando toda a gruta em uma penumbra.

Deyanira estava analisando algumas raízes que cresciam nas paredes.

DEYANIRA

Nunca tinha ouvido falar daqui.

SOREN

O Beco é considerado um ponto antigo de transição entre terras, era usado como rota de comércio no início de Lethe, já que a maioria das rotas externas eram vigiadas, isso quando não estavam destruídas pela guerra. Com o tempo e a paz esse lugar foi esquecido. Casualmente é usado por facções e fugitivos. Ah, e claro, por viajantes com uma missão mágica e misteriosa.

Soren abre um sorriso simpático para Deyanira, que por sua vez ri e revira os olhos.

DEYANIRA



Como sabe tanto desse lugar?

SOREN

Já falei, passei um período aqui. Foi um dos primeiros lugares que Mugg me levou para conhecer. Ele estava tão animado que praticamente me empurrou buraco adentro. Ganhei um belo galo na testa.

DEYANIRA

Por isso você é assim?

Soren olhou indignado para a espiã e ela ri. Soren começa a caminhar.

SOREN

Sim, é por isso mesmo... Vem logo!

8. INT. O BECO - MANHÃ

Ao descerem as pedras, ambos chegam no meio da gruta, onde um lago com águas calmas está localizado. A água era escura, quase oleosa, mas o brilho de organismos luminescentes traçava um caminho azulado pelo fluxo lento, seguindo para o fundo da caverna.

Soren murmurou algumas palavras em um idioma antigo, e um orbe de luz azulada se ergueu de sua mão, revelando o teto da caverna forrado de estalactites finas como lanças.



Deyanira observa a água com fascínio.

DEYANIRA

Como deixam um lugar assim escondido?

Ela diz isso mais para si mesma. Em seguida, se ajoelha na margem do lago e mergulha as mãos na água. Pontos azuis luminosos escorrem de suas mãos junto com a água. Ela fica assim até Soren se agachar ao seu lado.

SOREN

Quando esse lugar ainda funcionava, era uma das coisas mais lindas do mundo. Os comerciantes usavam a água como iluminação das embarcações e o lugar recebia trupes com apresentações de dança e música. Era um paraíso cultural escondido. É o que dizem, pelo menos.

DEYANIRA

Tanta coisa se perde pelo tempo... Ele não poupa nada, dizem que cura, mas não. Só destrói.

SOREN

O tempo amaldiçoa.

Deyanira se levanta lentamente e seca as mãos.

DEYANIRA

A gente vai naquilo ali?



Ela aponta para um barco pequeno e velho amarrado no que um dia teria sido um pequeno cais.

SOREN

Fique feliz que ele está aí, alguém deve tê-lo abandonado em alguma fuga. Servirá.

Soren passou por Deyanira e foi até a pequena embarcação. Logo desamarrou o resto de corda e saltou para dentro. A madeira rangeu e ele deu uns pulinhos no barco.

SOREN

Ele aguenta! A madeira é boa!

Deyanira suspira e vai até o barco. Ela fuzila Soren com o olhar até que ele entenda que deve ajudá-la a subir. A mulher firma os pés no pequeno barco e se senta no minúsculo e precário convés.

9. INT. RIO DA GRUTA - DIA

A correnteza os puxa devagar. A gruta permanece silenciosa, exceto raros momentos de estalactites caindo na água. Deyanira mexe no cristal verde e Soren controla o barco.

SOREN

Ela gostou de você.



DEYANIRA

Ilanis?

SOREN

Sim, ela me disse antes de partirmos.

DEYANIRA

Certeza que ouviu certo?

SOREN

(rindo) Sim, tenho. Fora que se ela não tivesse ido com a sua cara nem teria te defendido do Vitralis, sendo sincero.

DEYANIRA

Justo.

Deyanira abre a boca para falar algo, mas se interrompe com um alerta.

DEYANIRA

Você sentiu isso?

A mulher ergue o olhar e vê Soren já próximo da água. O mago procura algo. O barco se mexe novamente e eles se olham.

E então o barco começa a acelerar.



A correnteza se torna gradativamente mais forte, fazendo o casco do barco raspar em pedras submersas. Deyanira segura nas bordas de madeira para se equilibrar.

DEYANIRA

(irritada) Seria pedir muito um aviso antes de conjurar uma maldita tempestade?

SOREN

Justo você falando isso?

DEYANIRA

Soren, é sério. Estamos com pressa, mas isso é imprudente.

SOREN

Não sou eu!

Deyanira olha para o mago e o encontra pálido, tão assustado quanto ela. Os dedos de Soren faiscavam em vermelho, mas nada que fizesse o barco retomar seu curso inicial.

DEYANIRA

Cadê a corda?

SOREN

No cais.



DEYANIRA

Putu que pariu, viu.

Deyanira procura um lugar para se segurar, mas tudo ao redor são água e rochas. O rio deságua em uma abertura gigante, um abismo subterrâneo com uma cachoeira que despenca para um lago raso abaixo. O barco cai junto com a água e se despedaça, lançando Soren e Deyanira um para longe do outro.

Tudo se torna um borrão de espuma e impacto. Ouvem-se gritos e chamados, eles começam a se afogar.

Flashes intercalam entre Deyanira se afogando na água e uma criança se afogando em uma costa de praia. As imagens se mesclam e a mulher se desespera cada vez mais. A criança grita e chama um nome. Deyanira chama Soren.

Deyanira desmaia na água e a tela escurece.

10. EXT. OASIS - DIA

Deyanira abre os olhos e sente o gosto de areia na boca, ela tosse e cospe água. Tosse novamente ao puxar o ar, que estava seco, quente. Ela está deitada na areia, a água ecoa a alguns metros, batendo nas pedras.

Deyanira tenta se levantar lentamente, mas sua visão turva a atrapalha.



O azul frio das cavernas havia sido substituído pelo laranja intenso do deserto. Eles haviam sido levados pela correnteza até um oásis escondido, cercado por formações rochosas vermelhas.

Ela tenta se mover, mas sente o peso de correntes leves, feitas de um metal escuro, presas em seus pulsos.

Soren está ao lado dela, ainda desacordado, suas mãos atadas da mesma forma.

Vozes murmuram ao redor.

Eles estão cercados por guerreiros nômades—bárbaros, com armaduras de couro e adornos. Mas o que chama atenção eram os DOIS DRACONIANOS entre eles (criaturas humanóides com escamas brilhantes), observando-os como predadores, avaliando uma presa.

Uma guerreira de cabelos longos e expressão severa caminhou até eles. Sua presença era firme, sem necessidade de ostentação.

RHASKA

(com um tom calmo, mas firme) Forasteiros saindo das cavernas. O que buscavam no ventre da terra?

Deyanira, de joelhos, ajustou a postura para tentar parecer confiante, apesar da dor nos músculos.

DEYANIRA

(com um olhar afiado) Definitivamente evitar vocês. Uma saída. A correnteza nos trouxe até aqui.

Rhaska olhou para os outros guerreiros, como se ponderasse algo.



RHASKA

(curiosa) Então a água os escolheu?

Antes que Deyanira pudesse responder, Soren geme baixo, mexendo a cabeça. Deyanira vê uma mancha escura no tecido da camisa dele. O ferimento está na lateral do corpo, onde as rochas da cachoeira haviam rasgado a carne. O sangue havia secado em parte, mas agora, ao se mover, um filete vermelho escorre pela pele pálida.

DEYANIRA

(sussurrando, tensa) Droga, Soren...

Os olhos de Rhaska brilharam com algo entre curiosidade e desdém.

RHASKA

(irônica) Então o mago não é imortal, afinal...

Ela se virou para os draconianos.

RHASKA

Vejam se vale a pena curá-lo, ou se devemos deixá-lo sangrando na areia.

SOREN

(voz fraca, quase um suspiro) Nira...

Soren segura a lateral do corpo e tenta se arrastar até a mulher, mas sem sucesso. Ele tosse um pouco de sangue.



Deyanira sente o estômago revirar e fecha os olhos. Eles estão à mercê desses guerreiros. Sem magias, sem armas.

Soren ainda está tonto quando dois guerreiros o erguem e começam a arrastá-lo. Deyanira tenta avançar, mas outro guerreiro empurra seu ombro com o cabo de uma lança, forçando-a a se ajoelhar novamente.

A líder, Rhaska, olha para Soren com curiosidade e ceticismo. Ao seu lado, um draconiano de escamas douradas, postura ereta e olhos com pupilas de fendas, analisa Soren com um misto de desinteresse e desprezo.

RHASKA

(indicando o ferimento) Ele está fraco. O sangue já secou, mas a dor ainda queima.

O draconiano de escamas douradas, VAERITH, inclinou a cabeça lentamente.

VAERITH

(voz grave e ponderada) Deixem-no. Se a magia dentro dele for verdadeira, ela o sustentará. Se não, ele morrerá como qualquer homem.

DEYANIRA

(olhos estreitos, furiosos) Ele precisa de tratamento!

Rhaska lança um olhar para Deyanira, avaliando-a.



RHASKA

(arqueando a sobrancelha) Você se importa com a vida dele, então?

Deyanira trincou os dentes, sentindo o calor subir ao rosto.

DEYANIRA

(baixo, irritada) Eu me importo em não ser interrogada por selvagens enquanto ele sangra até a morte.

Alguns guerreiros murmuram entre si, alguns rindo da ousadia dela, outros encarando-a com desagrado. Mas Vaerith apenas sorriu lentamente, como se tivesse encontrado algum enigma interessante.

VAERITH

(pensativo) Ela fala como alguém que já matou antes... Mas não como alguém que já perdeu...

Rhaska virou-se novamente para Soren, que respirava com dificuldade.

RHASKA

(estudando-o) Se ele morrer, não perderemos nada. Se ele viver, talvez nos deva algo.

VAERITH

A questão não é se ele nos deve algo. A questão é o que ele é.



Os draconianos trocam olhares ansiosos, Deyanira sente a tensão no ar. Um guerreiro bárbaro mais jovem, na casa dos 20, KAELIS, deu um passo à frente. Sua voz era carregada de desafio.

KAELIS

Os magos trazem desequilíbrio. Vêm, alteram a terra e a deixam queimada quando partem.

VAERITH

Ou pior... Tentam moldar aquilo que deveria ser eterno.

Rhaska olhou para Vaerith, como se o peso de sua decisão estivesse em suas palavras. Mas antes que ela pudesse falar, Deyanira se adiantou.

DEYANIRA

(voz firme) Ele não é como os outros.

Vaerith e Rhaska a encaram com um interesse renovado.

RHASKA

(levemente divertida) E você sabe disso porque...?

Deyanira hesitou, ela não sabia. Mas ao ver Soren assim, fraco e vulnerável pela primeira vez, algo nela se recusou a aceitar sua morte como uma possibilidade.

DEYANIRA



(duro, mas sincero) Porque já o vi lutar. Porque já o vi sangrar por coisas que nem era dele.

Vaerith estreou os olhos, agora observando Soren com um olhar mais analítico.

VAERITH

(murmurando para Rhaska) Se ele morrer agora, nunca saberemos do que ele é feito.

Rhaska ponderou por um instante e então estalou os dedos, chamando um dos curandeiros do grupo: SHA'ZEL, uma draconiana com escamas vermelhas que os observava em silêncio até então.

RHASKA

Trate do ferimento, mas devagar. Quero ver se ele luta para vier... Ou se deixa a vida ir...

Deyanira sentiu um nó no estômago ao perceber que, para eles, Soren ainda não estava salvo. Ele ainda precisava provar que merecia viver.

Sha'zel se aproximou, os olhos reptilianos brilhando, e pousou as garras afiadas sobre a pele ensanguentada de Soren.

RHASKA

E você vem comigo...

Deyanira ergue o queixo, desafiando a draconiana.



11. INT. CELA - DIA

Vemos o rosto de Deyanira encarando a câmera, ela está deitada em uma cama de madeira velha, olhando para o teto.

A cela é escura e sem grades, apenas uma porta de madeira grossa com um vão, no chão vemos um pote cheio com sopa.

A porta se abre e Sha'zel entra, sua cauda reptiliana arrastando no chão de terra vermelha. Ela para na entrada do quarto e olha o pote no chão.

SHA'ZEL

Não jantou.

Deyanira não tira os olhos do teto.

DEYANIRA

Sabia que eu não ia comer.

SHA'ZEL

É desconfiada demais.

DEYANIRA

(virando o rosto e se sentando na cama) Bom, eu não tive uma recepção muito calorosa vinda de vocês, não pode me culpar.

Sha'zel olhou Deyanira em silêncio, aguardando.



DEYANIRA

Onde ele está?

SHA'ZEL

Poderá vê-lo quando acordar. Contra as minhas crenças, está se recuperando rápido. Ele quer viver.

DEYANIRA

É óbvio que ele quer viver!

SHA'ZEL

É óbvio? Você conhece tão bem para ter essa certeza?

Duas linhas de fumaça saem nas narinas da reptiliana.

SHA'ZEL

Primeiro venha comigo, não comecei com você. Poderá ver seu companheiro quando terminarmos.

DEYANIRA

Eu tenho escolha?

Sha'zel já tinha começado a se retirar da cela. A mulher parou de costas e virou o rosto para a espiã.

SHA'ZEL

Você sempre teve escolha, feiticeira. E sabe disso.



Com isso, Sha'zel sai do quarto, fazendo Deyanira, ainda que hesitante, segui-la.

12. EXT. CIDADE ESCAVADA NAS ROCHAS - CORREDOR - DIA

O sol árido infiltra-se por frestas nas rochas, projetando feixes de luz dourada no estreito corredor de pedra vermelha.

As paredes são entalhadas com relevos, retratando batalhas épicas, dragões alados cuspidos fogo e rituais esquecidos onde figuras encapuzadas reverenciam seres colossais. O cheiro da areia quente se mistura ao aroma de incensos queimando em nichos nas paredes, onde pequenas esculturas repousam entre brasas.

Passos ecoam pelo corredor.

Deyanira caminha algemada, conduzida por DOIS GUARDAS, um humano, com escamas espalhadas pelos braços, e outro inteiramente draconiano. Eles usavam vestes ornamentadas com metais e ossos polidos. Seus elmos, esculpidos para lembrar cabeças de serpentes, escondem expressões impassíveis.

Ao longo do corredor, alguns habitantes da cidade observam em silêncio: bárbaros robustos, trajando túnicas rústicas e armaduras de bronze, seus olhos carregados de desconfiança; draconianos de escamas lustrosas, adornados com joias entalhadas em âmbar e jade; alguns a mistura de ambos. Eles sussurram entre si em uma língua gutural e musical, enquanto outros encaram Deyanira como se pudessem arrancar segredos apenas com o olhar.



A passagem se alarga, revelando o centro da cidade.

O local se expande por níveis, cravada nas faces de um desfiladeiro colossal. Construções monumentais, esculpidas diretamente na pedra, se erguem com fachadas adornadas por colunas cilíndricas e frisos esculpidos em padrões geométricos e bestiais. As paredes, polidas pelo tempo, brilham sob a luz dourada do sol.

Escadarias esculpidas serpenteiam entre os níveis, conectando terraços e praças suspensas onde mercados fervilham com comerciantes negociando sedas, especiarias e armas artesanais. Ao longe, aquedutos escavados nas rochas canalizam água de fontes ocultas, alimentando fontes ornamentadas com figuras míticas de serpentes, dragões e mulheres.

A passagem se alarga, levando a um grande salão subterrâneo. O teto, sustentado por colunas entalhadas com runas e símbolos ancestrais, se ergue alto, como se tentasse tocar o céu através das fissuras de onde o Sol invade o ambiente. O chão é pavimentado com ladrilhos de cerâmica desgastados pelo tempo, alguns estampados com figuras geométricas, outros exibindo cenas de mitos esquecidos.

DEYANIRA

Isso é... Magnífico. Nunca vi algo assim. Para bárbaros, vocês são surpreendentemente sofisticados.



SHA'ZEL

(com um sorriso seco) Bárbaros? (pausa, observando o local) Vocês são os bárbaros.

Ela gesticula ao redor, seus olhos refletindo o brilho dourado da fumaça.

SHA'ZEL (cont.)

Nós esculpimos uma cidade na pedra, moldamos a luz e o vento, *preservamos* o conhecimento. O que vocês fazem? (Com desgosto) Queimam bibliotecas e chamam isso de civilização, de paz.

DEYANIRA

(arqueando uma sobrancelha) Vocês falam como se fossem superiores.

SHA'ZEL

E o que você acabou de fazer? (pausa e dar de ombros) Talvez sejamos. Veja ao seu redor. Nossa história vive, a sua se perde na areia do tempo. Se deixa ser moldada em bocas malditas.

Deyanira encara Sha'zel, mas antes que possa responder, um dos guardas empurra-a pelas costas.

GUARDA DRACONIANO

Siga.



Elas se aproximam de uma escada escondida, esculpida na lateral do salão, quase imperceptível entre os relevos entalhados. As pedras, gastas pelo tempo, levam a um corredor no segundo andar. O espaço estreito se abre para um ambiente vasto e imponente.

13. INT. BIBLIOTECA ANCESTRAL - DIA (CONT.)

A imensidão da biblioteca se revela.

Estantes colossais, repletas de pergaminhos, tábuas de argila e códices encadernados em couro de criaturas desconhecidas, sobem até um teto abobadado decorado com mosaicos cintilantes. Luzes oscilantes de braseiros de cobre criam sombras dançantes sobre os corredores.

Deyanira passa os olhos pelos nichos entalhados nas paredes, onde manuscritos repousam como relíquias. Algumas tábuas de argila ainda carregam marcas frescas de escrita, como se recém-transcritas por escribas. O cheiro de pergaminho envelhecido, misturado com especiarias, paira no ar.

DEYANIRA

(baixando a voz, impressionada) Isso... Não é possível.

SHA'ZEL

É por isso que trouxemos você aqui. Para ver o que a ignorância condenaria às cinzas.



Os guardas ficam para trás, no corredor, e a porta é fechada. Aquela não é a entrada principal do lugar.

Deyanira avança alguns passos, encantada, e Sha'zel observa, com as mangas da túnica azul unidas.

A espiã gira no lugar, tentando, em vão, absorver cada detalhe de beleza do lugar.

No centro, um altar de pedra negra, reluzente como obsidiana, repousa sobre uma plataforma elevada. Em sua superfície, inscrições em uma língua desconhecida brilham tenuemente sob a luz do sol. Braseiros espalhados pelo salão soltam espirais de fumaça perfumada, carregada com resina e mirra.

Sha'zel move-se até o altar sem hesitar, seus olhos reptilianos refletindo as chamas ao redor.

SHA'ZEL

(sem se virar) O mago se recupera devagar. Mas você não é como ele.

Deyanira franziu o cenho, cruzando os braços.

DEYANIRA

Eu não sou mago.

SHA'ZEL

(baixo, enigmático) Não. Você é magia.

DEYANIRA

(desconfortável) Isso é um teste?



Sha'zel então se afasta do altar, pegando um pergaminho de uma prateleira próxima. Mas, ao entregá-lo a Deyanira, não explica nada.

Deyanira abre o pergaminho e olha para os símbolos gravados nele. A princípio, são apenas linhas e formas sem sentido. Mas então, por um instante, ela arqueia as sobrancelhas. Deyanira olha para a draconiana, assustada.

14. INT. ALA HOSPITALAR - DIA

Sha'zel entra na ala hospitalar do complexo rochoso, Deyanira a segue, tentando conter a pressa.

As duas avistam Rhaska em frente a uma cama. A mulher está com o cabelo preso em uma trança única e está posicionada de braços cruzados, está falando com alguém.

SHA'ZEL

Deixe o rapaz quieto, Rhaska. Não sobrou quase nada pra tirar dele.

Deyanira aperta o passo ao perceber que Rhaska guardava o leito de Soren. A espiã tenta passar pela mulher, mas Rhaska a barra usando apenas seu braço.

SHA'ZEL

Rhaska...

RHASKA



Não venha me dizer que pegou afeição por esses bárbaros...

DEYANIRA

Deixe-me vê-lo.

Soren se remexe na cama. Sha'zel lança um olhar severo para Rhaska, que por sua vez desvia a carranca de Deyanira para a curandeira. Rhaska abaixa o braço relutante e Deyanira abre caminho para a cama de Soren.

Soren geme baixinho de dor. Deyanira se aproxima relutante, ela observa o mago pálido, os olhos fechados com olheiras profundas. Ela passa a mão na testa de Soren, verificando a temperatura. Com isso, o mago abre os olhos lentamente. Logo em seguida, se lembrando de todo o ocorrido, ele se sobressalta, mas Deyanira o segura delicadamente pelos ombros.

DEYANIRA

Não, não... Você está bem, estamos bem.

Soren se situa e olha para Deyanira, mais surpreso com seu tom amável do que com qualquer outra coisa. Ele olha para Rhaska e Sha'zel, depois para o cômodo em que se encontra. Ele apoia as costas na cabeceira da cama.

SOREN

Quanto tempo perdemos?

Sua voz estava fraca. Deyanira se senta ao seu lado na cama.



DEYANIRA

Não perdemos, foi só uma noite. Como se sente?

SOREN

Com dor, e sede. O que aconteceu? Eu lembro do barco se partindo, mas como...

DEYANIRA

Não sei sobre o barco, deve ter sido uma armadilha deixada, algum dispositivo para mudar o curso da água para que ninguém mais atravessasse em segurança, talvez. Acordei na saída, um oásis. Elas estavam lá.

RHASKA

Salvamos vocês, fracotes.

Deyanira a ignora.

DEYANIRA

Deve ter se cortado nas rochas, já estava assim quando acordei.

SOREN

E você? Ficou ferida?

DEYANIRA

Nada demais, só alguns arranhões. Minha preocupação agora é com você.



SOREN

Te garanto que vou sobreviver.

Soren tenta rir, mas tosse.

Deyanira se mexe na cama e algo chama a atenção de Soren, ele pega o braço da mulher com delicadeza, segurando sua mão.

SOREN

O que é isso?

Deyanira olha para baixo e vê uma atadura enfaixada. Ela segura o próprio braço, examinando.

DEYANIRA

Eu falei, só uns arranhões, nada para se preocupar.

SHA'ZEL

(se aproximando) Apesar da profundidade do ferimento você está se recuperando rapidamente. Precisa de alguns dias ainda, ficará sob observação.

SOREN

Eu agradeço, mas precisamos partir logo. Temos um prazo.

SHA'ZEL

Isso não foi uma sugestão médica, foi um comunicado.



SOREN

Minha senhora, nosso prazo é realmente apertado.

SHA'ZEL

Não me importo. Ficaré aqui juntamente com a feiticeira, a magia dela está desequilibrada.

RHASKA

Para onde estavam indo?

SHA'ZEL

Rhaska.

RHASKA

Estou fazendo meu trabalho, Vaerith perguntou.

Soren e Deyanira se entreolharam. Deyanira hesitou em contar, mas Soren, vendo a posição de alta desvantagem em que estavam decidiu não discutir.

DEYANIRA

Vaelthir. Devemos chegar lá no até o início do próximo ciclo lunar, missão diplomática.

Soren olha para Deyanira, chocado com a facilidade que a mentira saíra de sua boca.

RHASKA



Como podemos ter certeza? Não conhecemos vocês, podem muito bem serem assassinos ou traidores.

DEYANIRA

Não posso contestar a assassina, mas a traidora nunca. Já ele, não sei bem. (riso seco) O que sei é que o Rei Nótus nos enviou para uma missão diplomática e de pesquisa em Vaelthir, precisamos chegar lá. Rápido.

SHA'ZEL

Pois bem, irão embora na véspera da mudança de ciclo.

Deyanira abre a boca para contestar, mas é interrompida pelas portas da ala hospitalar, que se abrem com força.

Um homem alto com barba espessa entra apressado. Em seus braços uma criança de mais ou menos sete anos tosse violentamente e respira com dificuldade.

Enfermeiros pegam a menina e a colocam numa maca.

HOMEM

Sha'zel, ela não respira. Por favor...

Sha'zel já estava na metade do corredor. A draconiana foi até a maca e verificou a pulsação da menina. Fumaça começa a sair de seu nariz e símbolos se formam no ar. A fumaça entra pelas narinas da criança, que por sua vez tem a respiração acalmada. Ela para de tossir e lentamente cai em um sono profundo.



Sha'zel troca algumas palavras que não conseguimos ouvir com o pai da menina, que estava em desespero.

Os médicos movem a maca pelo corredor, passando por onde Soren, Deyanira e Rhaska estavam, seguindo para uma outra ala separada. Rhaska prendeu a respiração ao ver a criança passar. A menina possuía diversas bolhas em sua pele, seus lábios estavam roxos e as pontas dos dedos começando a escurecer. Rhaska soltou algumas palavras em uma língua desconhecida, enquanto Deyanira deixou a boca se abrir, horrorizada com o estado da criança. Soren assumiu uma expressão preocupada.

RHASKA

Maldita praga. Assim nosso futuro será abreviado.

DEYANIRA

O que ela tem?

RHASKA

Se soubéssemos ela não teria chegado nesse estado. Ninguém sabe. Uma praga que apareceu, sem causa aparente. Só nas nossas crianças. Elas partem em uma semana, duas se forem mais velhas ou fortes. Sha'zel e todo seu time já fizeram de tudo, ninguém sabe a causa ou a solução.

SOREN

Isso é Sombra Vínica.



Deyanira e Rhaska viram-se ao mesmo tempo. Soren ainda olha para o local que a maca passou, seus olhos estavam vidrados.

RHASKA

O que disse?

SOREN

Sombra Vínica. É isso que ela tem.

Soren virou a cabeça lentamente para as mulheres.

RHASKA

Não existe Sombra Vínica.

SOREN

Existe, ela tem. Eu posso ajudar.

Sha'zel se aproximou ao ouvir Rhaska elevar a voz.

SHA'ZEL

O que aconteceu?

RHASKA

O mago diz saber o que Bralyk tem. Diz possuir a cura.

SOREN



Eu posso formular a cura. Isso provavelmente é Sombra Vínica, ela ainda pode ser salva, deixe-me ajudar.

SHA'ZEL

Essa doença foi erradicada. Não existe um caso registrado desde a guerra de Markoth.

SOREN

Assim como não tínhamos mais casos de Fado de Vidro, ou Síndrome Arcana.

DEYANIRA

Mas houveram pelo menos quarenta casos nos últimos dois anos...

Sha'zel e Rhaska se olham.

SOREN

Essas doenças, pragas do mundo antigo, estão voltando cada vez com mais frequência e força. Parte de nossa missão é descobrir o porquê disso. (olha para Deyanira) Nós não sabemos a causa, *ainda*, mas eu sei como tratar. Eu fui curandeiro em algumas guerras, estou vivo há mais tempo que gosto de admitir e já vi mais coisas que gostaria de dizer, posso ajudá-los.

SHA'ZEL

(depois de considerar em silêncio) Pois bem, faça isso. Cure nossas crianças e serão liberados em segurança, sem maiores problemas. Agora, se perdermos uma vida sequer em suas mãos...



Ela deixa fumaça sair pela boca, e o fio quente percorre Soren, envolvendo-o em uma corrente cinzenta que se dissipa no ar.

SHA' ZEL

Temos um acordo.

Soren acenou com a cabeça. Deyanira estava incrédula.

DEYANIRA

É um pacto de cinzas.

RHASKA

Você até que é esperta.

DEYANIRA

Não pode fazer isso. Esse tipo de laço foi banido.

SOREN

Farei uma lista do que preciso.

DEYANIRA

Não! Se ele não conseguir resolver ele morre!

Sha'zel, que já estava de costas, virou-se.

SHA' ZEL



Então é bom que ele esteja falando a verdade. (pausa) Rhaska, vá descansar. O mago está debilitado demais para usar truques, e não tentará fugir. E você, feiticeira, me encontre na biblioteca ao entardecer, explique nosso acordo antes que o Sol desça.

As duas mulheres SAEM, deixando Deyanira e Soren sozinhos. Deyanira senta-se novamente na cama, olhando para Soren.

DEYANIRA

Falou sério? Acha que consegue?

SOREN

Bom, agora eu preciso conseguir. (ele ri, ela não acompanha) Consigo, os ingredientes para a pomada e o elixir são difíceis de encontrar e é uma receita muito instável, mas se os trouxerem corretamente posso salvar essas vidas.

Eles mergulham no silêncio, Deyanira se remexe na cama, olhando ao redor. Soren olha para o machucado dela.

DEYANIRA

Não sabia que você tinha ido para a guerra.

SOREN

Estive presente em algumas. E você sabia que eu era mais velho do que aparentava.

DEYANIRA



Não tão velho! (ela ri) A última guerra foi há 130 anos.

Soren dá de ombros. Deyanira o fita, se perguntando quantos anos o mago realmente teria.

SOREN

Não vou te contar.

DEYANIRA

Ah, por favor!

SOREN

Velho suficiente, é o que precisa saber.

DEYANIRA

Uma dica só! Não era para nos conhecermos?

Soren revira os olhos e lança um olhar divertido.

SOREN

Há coisas que você não precisa saber.

DEYANIRA

Você deve estar mentindo, só para me deixar curiosa.

Soren a contempla, ele pensa por alguns instantes.

SOREN



Lembro-me de quando as estrelas tinham outros nomes.

Deyanira continua olhando, seus olhos assumem um leve brilho.

DEYANIRA

Deveria ter formulado melhor meu pedido.

SOREN

De fato, deveria. Como por exemplo: me diga o que Sha'zel quis dizer com acordo? O que você fez enquanto estava desacordado?

Deyanira suspira, pegando a mão de Soren. O mago arqueia as sobrancelhas, a espiã não parece não notar.

DEYANIRA

Sha'zel me testou hoje. Não me pergunte o que isso significa, porque nem eu entendi direito ainda.

Deyanira ergue uma das mãos, silenciando a pergunta que começava a se formar nos lábios do mago.

DEYANIRA

Ela disse que você está fraco, precisa recuperar suas forças físicas para regenerar sua magia. Ela me disse que tem consciência das forças que estão surgindo, que precisam investigá-las. Seja lá o que eu tenho, essa força que você insiste em eu ter, ela viu isso. Ela quer ajudar.



SOREN

(após alguns minutos de silêncio) Desde que eu possa monitorar seu treinamento.

DEYANIRA

Isso você terá que ver com ela.

SOREN

Eu devo te acompanhar no treinamento. A contragosto eu admito estar fraco, seja lá o que tinha naquelas águas me drenou ao entrar em contato com meu sangue e minha carne. Mas é meu dever te treinar, eu acompanharei.

Deyanira assentiu. Ela olhou para baixo e percebeu ainda estar segurando as mãos do mago. Ela começou a soltá-la, mas Soren entrelaçou seus dedos nos dela.

SOREN

No Beco, eu realmente não sei o que aconteceu. Lá sempre foi um canal de águas calmas. Quando o barco partiu e caímos na água, não pude te ver mais. Me preocupei muito. Te encontrei entre algumas pedras, desacordada. Só não foi levada pela correnteza porque seu braço estava preso.

Deyanira arqueia as sobrancelhas e em seguida olha para baixo, para as ataduras. Com sua mão livre ela passa a mão pelo tecido.

SOREN



Te soltei e nadei com você até a saída, bom, tentei controlar nosso percurso pelo menos. Quando chegamos no oásis apaguei, lembro-me da dor e quando olhei para baixo só vi sangue. Tentei manter-me desperto para te acordar, mas não tive forças.

DEYANIRA

(sussurrando) Você nos salvou...

Ela ergue o olhar, seus olhos brilhavam com lágrimas. Deyanira tenta manter o tom calmo, mas sua voz saiu entrecortada. Soren instintivamente apertou com mais força a mão da mulher.

SOREN

Nira...

Num rompante, Deyanira afasta suas mãos e ri de modo desconfortável, limpando as lágrimas apressadamente.

DEYANIRA

Perdão, é... Não sei o que está acontecendo...

Soren tenta falar, mas ela não permite.

DEYANIRA

Vou deixar você descansar, sim? Vou encontrar Sha'zel. Qualquer auxílio que precisar com sua saúde ou o elixir me avise, por gentileza.



Deyanira sai em passos apressados da enfermaria, deixando Soren confuso e sozinho.

15. INT. BIBLIOTECA - DIA

As portas se abrem e Deyanira entra. Sha'zel está do outro lado do altar, elas se olham.

Deyanira se aproxima.

SHA'ZEL

Como o mago reagiu?

DEYANIRA

Relutante, mas admitiu que não está em condições de me ajudar.

SHA'ZEL

Disse que eu te ensinaria?

DEYANIRA

Sim.

Sha'zel começou a andar.

SHA'ZEL

E se eu mudar de ideia? Decidir que ele foi um intrometido com questões do meu povo e agora me recuso a te ajudar como castigo?

DEYANIRA

(pondo as mãos para trás) Não fará isso.

SHA'ZEL

Quem lhe garante?

Deyanira a encara. Seus olhares se sustentam.



A sacerdotisa faz um gesto, e uma névoa escura ergue-se da superfície da pedra. Ela pega uma taça de ferro e enche-a com uma substância negra e turva.

SHA'ZEL

(olhando para Deyanira) Beba.

Deyanira hesita.

A sacerdotisa inclina a cabeça sutilmente.

SHA'ZEL

(serena, mas firme) Isso é um espelho, para que eu veja o que há dentro de você.

Deyanira mexe os ombros em desconforto, mas não recua. Pega a taça e bebe o líquido amargo e espesso.

Por um momento, nada acontece.

Então a biblioteca parece escurecer ao seu redor.

A voz de Sha'zel ecoa longe, como se estivesse falando através das eras.

SHA'ZEL

(baixo, quase em reverência) Agora, mostre-se.

A névoa sobe ao redor de Deyanira. O mundo parece expandir e encolher ao mesmo tempo. As prateleiras parecem se alongar, as sombras entre elas se movem.



Por uma fração de segundo, algo brilha dentro de Deyanira, um brilho negro e profundo, algo antigo e esquecido, como se uma sombra tivesse movido em sua alma.

Deyanira sente uma vertigem leve, como se tivesse tropeçado dentro de si mesma. Mas logo se recompõe, balançando a cabeça e piscando rápido.

Os olhos de Sha'zel brilham, mas Deyanira não percebe. Para a espiã, tudo foi um breve delírio. Sha'zel aproxima-se e sua voz sai baixa e sussurrada, como se contasse um segredo que apenas ela compreende.

SHA'ZEL

(vagarosa) Eu te ajudarei.

Deyanira piscou, confusa.

DEYANIRA

(estreitando os olhos) Por quê?

Sha'zel ergue uma das mãos, tocando a lateral do altar com os dedos cheios de garras.

SHA'ZEL

(neutra, distante) Porque é isso que se faz diante do inevitável.

Deyanira não responde.

Fim.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



242

"Kairos"
ep4 "Filha da Tormenta"
um roteiro de Julianne Borges



1.INT. BIBLIOTECA - FINAL DE TARDE

Deyanira está de olhos fechados, tentando conjurar um feitiço. Chamas verdes tremulam em suas mãos, mas se desfazem antes de tomarem forma. Sha'zel observa, impassível.

2. INT. SALA DE ESTUDO - DIA

Soren inclina-se sobre um livro, traçando símbolos no ar. Sua mão treme de dor, e ele pressiona o abdômen machucado. Deyanira, passando por ele, vê sua frustração.

3. INT. SALA DE ESTUDO - NOITE

Soren prepara ervas sob um fogo brando, gemendo de dor ao tentar erguer um caldeirão. Deyanira passa e, sem falar nada, o ajuda a levantá-lo.

4. INT. ALA HOSPITALAR - DIA

Soren inclina-se sobre uma criança febril, testando uma infusão. Deyanira, ao fundo, observa preocupada. A criança recua um pouco e um adulto ao seu lado faz menção de avançar em direção a Soren, que por sua vez apenas o lança um olhar calmo.



5. INT. BIBLIOTECA - DIA

Mais tarde, Deyanira tenta um feitiço novamente. Um jato de faíscas escapa descontrolado. Soren, sem levantar os olhos de um pergaminho, levanta uma barreira no último instante. Ela solta um riso nervoso. Sha'zel apenas suspira.

6. INT. SALA DE ESTUDO - DIA

Soren está em meio a frascos e ervas, preparando uma nova infusão para os doentes. Deyanira entra e observa a forma como ele manipula os ingredientes, fascinada. Ela estica a mão para pegar um frasco e Soren dá um tapinha em sua mão, ela mostra a língua, pega um livro, dá um tapa na cabeça do mago e sai.

7. SALA DE ESTUDO - NOITE

Deyanira tenta conjurar um feitiço, mas a chama se apaga. Corte seco para Soren derramando um líquido errado na poção, que borbulha e evapora.

8. INT. BIBLIOTECA - DIA



Sha'zel acende uma vela com um gesto. Deyanira tenta repetir. A cada tentativa falha, ela segura a vela com mais força.

SHA'ZEL

Força bruta não te fará uma feiticeira.

Ela joga um pequeno frasco nas mãos de Deyanira. Uma chama verde aparece e queima seus dedos. Deyanira cerra os dentes, não solta o frasco.

9. EXT. PÁTIO DE PEDRA - DIA

Sha'zel desenha um símbolo no ar e uma rajada de vento apaga todas as tochas ao redor. Deyanira tenta repetir... Mas seu fogo sai explosivo e descontrolado. As chamas sobem demais, quase atingem Sha'zel.

10. EXT. PÁTIO DE PEDRA - FIM DO DIA

Soren, ainda fraco, lê em um livro enquanto, ao longe, Deyanira luta contra dois guerreiros draconianos. O mago tenta focar na leitura, mas seus olhos voltam para ela repetidamente. Deyanira, suada e ofegante, caminha até ele.

DEYANIRA

Pareço tão interessante assim?



SOREN

Os draconianos usam um estilo de combate curioso...

11. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE

Uma criança draconiana, antes assustada, pega a mão de Soren enquanto ele verifica sua temperatura. Os guerreiros draconianos trocam olhares, reconhecendo seu esforço.

12. EXT. DUNA DE AREIA - DIA

Soren observa Deyanira de longe enquanto ela treina com Sha'zel.

13. INT. BIBLIOTECA - DIA

Corte para Deyanira observando Soren na biblioteca, murmurando feitiços enquanto lê.

14. INT. APOSENTOS DE DEYANIRA - DIA

Deyanira é retirada de sua cela e movida para um quarto grande e decorado com tecidos, velas e tapeçarias.



15. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE

Deyanira e Soren ajudam a distribuir uma nova poção para as crianças doentes. Alguns guerreiros draconianos observam e trocam olhares entre si. Um deles dá um aceno curto para Soren. Pequeno, mas significativo.

16. EXT. DUNA - NOITE

Mais tarde, sentados sob um céu estrelado, Deyanira e Soren compartilham uma garrafa de bebida local. Entre risos, ela ergue uma sobrancelha.

DEYANIRA

Se tivesse que fugir, já teria feito.

Ele sorri.

SOREN

E perder essa vista?

17. EXT. PÁTIO DE PEDRA - DIA



Um JOVEM APRENDIZ draconiano erra um feitiço. Ele lança um jato de magia sobre OUTRO JOVEM e Deyanira se interpõe, conjurando um escudo de chamas para protegê-lo.

Sha'zel observa em silêncio e, quando Deyanira se vira, sua mestra já está ao seu lado, avaliando-a.

SHA'ZEL

Você reagiu sem pensar.

DEYANIRA

(hesitando) Isso foi ruim?

SHA'ZEL

Não. Isso foi certo.

18. EXT. PÁTIO DE PEDRA - AMANHECER

Deyanira treina com sua espada enquanto Soren, ainda ferido, tenta acompanhá-la. Ele desvia com dificuldade, e quando ela muda de lado rapidamente, ele quase cai.

Deyanira o segura antes que desabe, sorrindo.

DEYANIRA

Isso foi lamentável.

SOREN

(ofegante, com um tom irônico) Eu estava... te dando vantagem.



19. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE

Soren inclina-se sobre uma criança febril, testando uma infusão. Deyanira, ao fundo, observa preocupada.

20. INT. SALA DE ESTUDO - NOITE

Mais tarde, ela o encontra dormindo sobre os livros, as velas quase apagadas. Ela pega uma das velas e a apaga com a mente.

21. INT. BIBLIOTECA - AMANHECER

Deyanira desperta com o cheiro de chá. Soren, já de pé, estende uma caneca para ela, os dedos deles se encostam por um instante.

22. INT. ALA HOSPITALAR - DIA

Soren trata de mais crianças, a criança da cena anterior aparece visivelmente melhor.

O guerreiro que antes observava, agora caminha até eles e entrega para Soren uma pulseira draconiana, um símbolo de aceitação.

23. INT. ALA HOSPITALAR - NOITE



250

Dez crianças febris não conseguem dormir. Exausto, Soren se senta ao lado delas e começa a cantar uma melodia antiga e suave. Aos poucos, as crianças relaxam e adormecem.

Uma curandeira draconiana, antes desconfiada, o observa em silêncio, sua expressão se suavizando.

Deyanira está parada no batente da porta, observando a cena.

24. EXT. CENTRO DA CIDADE - DIA

As crianças tratadas por Soren correm saudáveis pelo acampamento, sob os olhares surpresos e aliviados de seus pais. Uma delas corre e o abraça, enquanto os guerreiros draconianos, antes desconfiados, agora o encaram com respeito. De longe, Deyanira observa a cena e sorri discretamente.

25. EXT. PÁTIO DE PEDRA - DIA

Deyanira está no pátio, desenhando runas no ar. Soren, de longe, observa, o olhar dividido entre admiração e curiosidade.

Ao ver que Deyanira terminou sua sequência, Soren se aproxima.

DEYANIRA

Quer outra derrota?

Ela ri. Soren permanece em silêncio. Um círculo de runas azuis brilha ao redor deles, ambos sorriem.



26. EXT. ENCOSTA DE PEDRA - ENTARDECER

Deyanira e Soren estão sentados sobre uma pedra, observando os últimos raios de sol.

Ela brinca com pequenas chamas entre os dedos.

Ele observa de perto.

SOREN

Agora parece que tem controle.

Deyanira mexe os dedos, fazendo as chamas dançarem, aumentando e diminuindo controladamente.

DEYANIRA

Pelo menos agora escolho quando minha magia se manifesta, mas há muito o que aprender ainda. Pelo menos não vou chegar tão crua em Anika, não é?

Soren dá um meio sorriso e acena. Ele olha para o horizonte, a lua cheia começando a aparecer.

SOREN

O quão estranho seria dizer que sentirei falta daqui quando partirmos amanhã?

DEYANIRA



Nem um pouco. (ri) Sempre serei grata por essas pessoas, acabei me acostumando com o lugar. Lógico, não vou sentir falta de Sha'zel me ameaçando com um pedaço de pau, mas...

Os dois riem e se olham. Um silêncio confortável toma o ambiente. Deyanira abaixa os olhos.

DEYANIRA

Eu nunca te agradei apropriadamente por ter nos salvado no Beco.

Soren balança as mãos e a cabeça.

SOREN

Já passou, eu fiz o que estava ao meu alcance. Você teria feito o mesmo.

Deyanira balança a cabeça.

DEYANIRA

Você não entende... Eu não fiz o mesmo, não consegui.

Soren espera que Deyanira esteja pronta. A feiticeira respira fundo.

DEYANIRA

Quando pequena... Algum tempo depois dos meus pais morrerem, meu irmão mais novo pareceu aceitar as coisas melhor do que eu. Ele não viu, sabe? (pausa) Eu que encontrei nossos pais, o estado que



deixaram os corpos deles. Kallias, meu irmão... Eu o impedi de se aproximar do quarto. Para ele, meus pais apenas tinham partido, dormindo para sempre. Eu os vi, sabia que um corpo naquele estado não conseguiria apenas dormir, entende? Bom, (riso seco entre lágrimas) o seu cérebro precisa estar dentro da sua cabeça para você dormir.

Deyanira se afoga em sua própria respiração e toma um tempo. Soren, com os olhos marejados, aperta seus dedos levemente, incentivando-a a continuar.

DEYANIRA

Kallias, notando o estado sombrio no qual mergulhei, queria me levar à praia, para tomar sol e tirar a poeira dos ombros, como nossa mãe dizia. Eu não quis. Foram vários dias até que o pestinha aprendeu como arrombar uma fechadura e invadiu meu quarto, abrindo as cortinas e esbravejando ordens para que eu me levantasse da cama. Ele deveria ter uns dez anos na época. A contragosto, me levantei e fomos fazer um piquenique em um local reservado na orla. Com o passar das horas, meu humor foi melhorando e ao perceber isso, Kallias fez daquela uma tradição. Ele me arrastava da cama pelo menos três vezes por semana para ir até a praia. E o pior é que ajudou! (ela sorri) Mesmo que pouca, tive forças para retomar minhas atividades e estudos gradualmente. Passados uns dois anos, durante uma manhã, eu o levei até a praia e fizemos o desjejum, como sempre. Até hoje não entendo como tudo foi tão sincronizado, Kallias começou a conversar sobre nossos pais, em meio a boas lembranças, ele falou



“eu sinto que devo isso a eles, sabe? Boas lembranças. Eles não partiram para que viéssemos na miséria de nossa própria mente.”

Deyanira soluça.

DEYANIRA

Sabe? Até hoje me pergunto como aquele pirralho que andava por aí com uma espada de madeira falou isso. Mais tarde fomos nadar, como sempre. O mar estava agitado naquele dia, mandei que ele não se afastasse de mim, mas sabe como são os meninos nessa idade, exploradores. Mergulhei e quando subi até a superfície, não o vi. (Deyanira tremia) Eu comecei a gritar e o ouvi chamando. Ele estava gritando ao longe, eu comecei a nadar até ele, mas...

Sua voz falha e ela chora compulsivamente. Soren a puxa para perto e a abraça.

DEYANIRA

E-eu fui puxada por uma corrente de retorno... Eu gritei para ele ir até as pedras, mas não sei se ele chegou a ouvir. Acordei em meio às rochas, um pescador me encontrou e me levou ao palácio... Kallias...

Deyanira tremia e chorava com força, sua voz falhava e a respiração ficava presa na garganta. Soren a aproximou mais de seu peito, ele também chorava.

SOREN



Pelos Deuses, Nira... Eu não fazia ideia.

DEYANIRA

Poucos sabem que eu sequer tive um irmão, eu pedi para Nótus guardar a privacidade da vida dele. Os poucos que sabem, não fazem ideia da verdade. Causas de morte falsas, idade falsa...

SOREN

Por isso quando o prisioneiro disse...

Ele não terminou a frase, Deyanira apenas assentiu e chorou. Os olhos de Soren vagavam de um lado para o outro.

SOREN

Me perdoe, Deyanira. Eu não fazia ideia que...

DEYANIRA

Tudo bem... Significa que fiz um bom trabalho, não?

SOREN

Nada disso foi sua culpa.

DEYANIRA

Eu sei, no fundo eu sei. Confie em mim, tive anos para processar e entender isso. Mas no Beco, quando o barco caiu e não pude te ver...



Ela chora mais e Soren começa a acariciar seus cabelos. Eles ficam assim em silêncio por um tempo. Deyanira se afasta lentamente e ergue o rosto.

DEYANIRA

Bom, isso foi emotivo. Obrigada por me ouvir, de verdade.

Soren segura delicadamente o queixo de Deyanira e limpa suas lágrimas com as pontas dos dedos.

SOREN

Isso não é algo que se agradece. Eu sou grato pela sua confiança.

Eles se olham. Ambos fazem menção de se aproximar, mas se afastam ao ouvirem PASSOS (O.S.).

Barish, um dos moradores, atravessa uma passagem esculpida na rocha.

BARISH

Boa noite! Devo informar que as festividades terão início daqui duas horas.

Apesar de seu tom animado, ele sai logo em seguida, sem deixar abertura para resposta.

Deyanira se levanta e estica uma das mãos para puxar Soren. O casal recolhe os livros espalhados no chão e atravessam a passagem.



27. INT. TENDA DE DEYANIRA - NOITE

Deyanira está sentada em frente a uma penteadeira, se arrumando. Seu quarto é uma mistura entre tenda e pedra escavada, decorado com almofadas e tapetes. Seus móveis são de madeira escura ou pedra e sua cama possui um dossel com cortinas finas brancas de seda. O cômodo é iluminado por velas em candelabros dourados e luzes encantadas verdes, de sua própria magia. Uma escrivaninha está bagunçada com papéis manchados de tinta, grimórios e cristais.

Deyanira termina de prender seu cabelo quando Soren atravessa a tenda de linho. Ela sorri ao vê-lo.

Soren substitui suas vestes casuais e usa uma camisa branca com uma gola profunda, os punhos da camisa presos com delicados braceletes dourados com escamas. Sua calça está presa nas botas e tecidos leves envolvem seu quadril. Ele tem na orelha pequenas argolas e usa no pescoço o amuleto draconiano que recebeu de presente. Seus olhos estavam levemente delineados com preto, tornando seu olhar mais intenso. Ele segura uma flor laranja na mão.

DEYANIRA

(rindo, admirada) Eu por acaso te conheço?

Soren ri.



SOREN

Você se choca fácil. Só porque me viu apenas em trajes de viagem e trabalho não significa que eu não saiba me vestir, está bem? Eu gosto de combinar com a ocasião.

Soren abre os braços e gira. Deyanira ri.

DEYANIRA

Realmente, quase não te reconheci.

Soren franze as sobrancelhas.

SOREN

Vou escolher encarar essa fala como um elogio.

Deyanira se levantou e desamarrou o roupão que usava e o jogou na cama. Ela se virou para Soren.

DEYANIRA

Vamos?

Soren não responde, está engasgado nas próprias palavras. Ele encara Deyanira com o queixo caído e os olhos vidrados.

Ao tirar o roupão, a mulher revela seu vestido: uma peça de tecido leve que mistura azul, roxo, marrom e laranja. O torso é cravejado de pequenas pedras azuis escuro que lembram estrelas e descem em fios pelo tecido da saia, cujo tecido fica transparente. A lateral do torso é apenas um trançado de fios,



revelando parte do abdômen e cintura. O decote sobe e cruza o pescoço. Pelo espelho, pode-se ver que as costas do vestido são nuas, com apenas alguns fios brilhantes sustentando a peça. Mais tecido cai sobre os ombros, trazendo a ilusão de uma asa quando ela anda.

Deyanira se aproxima de Soren.

DEYANIRA

E depois eu que entro em choque fácil... Se vivesse na corte me veria apresentável mais vezes. Bom, não assim, mas nós temos bailes e jantares-

Soren interrompe Deyanira.

SOREN

É como se a chama encontrasse as estrelas...

Ele diz isso baixo, os olhos correndo pelo vestido da feiticeira, admirado. Ela sorri, tentando mostrar confiança, mas está mexida.

DEYANIRA

Poupe seus elogios às moças daqui, acho que Rhaska tem uma quedinha por você.

Ela ri nervosamente, ele não a acompanha.

SOREN



Falo sério. Se eu fosse um homem mais poético, diria que os próprios elfos passariam séculos tentando cantar sua visão em canções eternas e que o vento se calaria para escutar.

DEYANIRA

Se você fosse mais poético, Soren, talvez soubesse que os elfos já cantaram minha visão em canções, e o vento já se aquietou para me ouvir. Mas, por agora, acredito que é suficiente saber que você vê o que a maioria não consegue.

Soren, sem desviar o olhar dos olhos de Deyanira, pega a flor e a prende no cabelo da feiticeira, depois desliza os dedos por seu rosto, até seu pescoço.

Ambos saem do transe ao ouvir risadas infantis. Eles olham para a entrada da tenda e encontram DUAS CRIANÇAS espiando e rindo. Ao serem vistas, as crianças saem correndo.

Soren ri.

SOREN

Bom, acho que é a nossa deixa.

Deyanira possui um olhar iluminado e um sorriso leve. Soren ergue a mão, em um convite. Deyanira aceita e os dois vão até a saída, juntos.



Deyanira e Soren vão até um vale. Eles passam por uma trilha iluminada com tochas, cristais e folhas secas. Ao se aproximarem do centro da comemoração, podem ver uma grande pira com um fogo queimando, no centro do local.

Eles passam pelos moradores do lugar, bárbaros e draconianos os encaram sérios, mas com respeito, alguns poucos sorriem discretamente e acenam com a cabeça.

O casal contorna a pira, cada um indo por um lado diferente, e se reencontram do outro lado do vale. Eles param em frente a um palanque, onde estão: Sha'zel, Vaerith, um casal formado por DOIS MEIOS DRACONIANOS e DUAS MENINAS UM POUCO MAIS NOVAS QUE DEYANIRA, ambas com olhos de réptil e escamas contornando o rosto.

A meia draconiana mais velha, por volta de 40 anos, dá um passo à frente e ergue uma das mãos, silenciando o povo. Era Ko-rinn, a grã-senhora.

As vozes se reduziram a murmúrios baixos e a música cessou.

Ko-rinn olhou ao redor, com um sorriso satisfeito.

KO-RINN

O vento sussurra os mesmos segredos de milênios atrás, mas poucos ainda sabem escutá-los. O que hoje chamamos de Lethe, um dia foi um lago de sangue. Nossos irmãos e companheiros de diversas espécies foram por séculos subjugados pelos elementais. Até que, sob as estrelas das primeiras noites dos homens, nos unimos como um, aprendemos a manejar armas desconhecidas dos mais diferentes povos e com a ajuda de Dax, quem viria a ser o Primeiro dos Reis, conquistamos não só a terra, mas também os elementos. O povo da



Água tomou as marés, sua criatura e as embarcações que a navegavam, Vaelthir, terras élficas, dominaram o ar com suas construções nas árvores, dominaram o vento e tudo que nele voa. Dax deu a terra para os humanos, pois nela tudo se produz, os humanos deveriam distribuir para nós, assim como o Primeiro Rei distribuiu seus territórios. E nós, nós temos o fogo. Conquistamos o mais feroz dos elementos não pela nossa pele escamosa, mas porque carregamos o próprio fogo em nosso interior, a ferocidade. Para nós, a chama não queima, ela transforma.

Sibilos e assobios surgiram pela multidão.

O homem que estava a um passo atrás de Ko-rinn se aproximou, era a vez de Balasar, o grão-senhor, falar.

BALASAR

Mas assim como profecia o nome do reino, a promessa de Dax caiu no esquecimento. Os elfos se fecharam em sua superioridade íntima, o povo da água em seus mistérios, os humanos em seu sagrado progresso e nós mergulhamos sob a terra vermelha como o fogo em nossas veias, permanecendo em mistério. Bárbaros, como somos chamados. A solitude não é bárbara, o ostracismo é.

Balasar faz uma pausa e olha para Deyanira e Soren.

BALASAR

Porém os deuses obedeceram às ordens de Elodie, e nos juntaram com os portadores de magia. No último ciclo lunar nosso



prisioneiro curou uma praga que acreditava-se estar extinta, ajudando a prosperidade da nova geração. Nossa prisioneira transformou seu trajeto de sangue em equilíbrio, magia e energia. Conquistaram seu espaço entre nós, mostraram-se dispostos a aprender e ver além das lendas sobre nossos castelos de areia.

Duas serventes entram pelo mesmo caminho que Deyanira e Soren fizeram, cada uma carregando um cálice de marfim. Elas os ofereceram para Deyanira e Soren, que aceitaram, segurando-os. Dentro do frasco havia um líquido dourado que reluzia tal qual ouro derretido.

KO-RINN

Esta noite celebramos a cura, a lembrança de Lethe, a terra das memórias perdidas. Pela primeira vez em séculos, abrimos espaço para bárbaros se tornarem irmãos. Consagrando-os como bem vindos do povo, mesmo que seus nomes sejam esquecidos, enterrados nas areias do deserto, suas almas brilharão como irmãs e serão vistas ao longe por nós, assim como estrelas antigas. Porque uma alma semelhante atrai outra, e mesmo em meio ao ferro e ao fogo, nós irmãos nos atrairemos entre si.

Balasar segura a mão de Ko-rinn, e estes fazem um gesto, indicando que a feiticeira e o mago bebam dos cálices.

Soren e Deyanira se viram um de frente para o outro e bebem ao mesmo tempo. O líquido escorre pela boca de ambos, deixando manchas douradas e vermelhas em seus lábios e fios finos descendo pelo pescoço. Eles sorriem.



Balasar e Ko-rinn sorriem e erguem as mãos. Uivos, sibilos, gritos de guerra e cantos ecoam pela vastidão do deserto.

Mulheres surgem e arrastam Deyanira para perto do fogo. Homens arrastam Soren para perto do álcool.

A festa acontece. Fogueiras e tochas brilham contra a noite. Todos bebem e cantam. Deyanira ri e conversa com várias pessoas, assim como Soren. Crianças correm e riem livremente.

A música é envolvente e a bebida doce. Deyanira dança e gira, Soren a observa de longe, encantado.

Deyanira está perto de uma mesa, beliscando aperitivos e segurando uma taça de marfim. Ela ouve uma voz a chamando e se vira, de boca cheia. Ao ver Sha'zel se aproximar, acompanhada de Ko-rinn, vira-se de costas e engole o que estava comendo com ajuda da bebida, em seguida limpando as mãos no vestido.

Ela sorri, como se nada tivesse acontecido, Sha'zel a censura com o olhar e Ko-rinn sorri com um ar agradável e divertido.

DEYANIRA

Saudações, Grã-Senhora. (Deyanira se curva) A noite está esplêndida.

Sha'zel arqueia a sobrancelha, surpresa ao ver Deyanira usar sua postura de nobre pela primeira vez. Ko-rinn sorri e acena com a mão.

KO-RINN

Não precisamos de medidas e formalidades, não depois do que você e seu companheiro fizeram por nós.



Deyanira arruma a postura.

DEYANIRA

Eu que devo agradecer, de coração. Se Sha'zel não tivesse me ajudado a encontrar o controle, não seria capaz de fazer nem um terço do que posso hoje, e admito que ainda não é muito. E qualquer um que pudesse ajudar essas crianças teria feito o mesmo.

KO-RINN

Não teria. Você sabe disso melhor do que nós.

Ko-rinn olha de Deyanira para Sha'zel.

KO-RINN

Você foi um desafio inédito para minha mãe, mas ela o desvendou com gosto.

Deyanira não se conteve e arregalou os olhos, surpresa. Sha'zel sibilou para a filha, que apenas riu.

KO-RINN

Revelações de último momento. Deixarei vocês conversarem.

Com um último aceno de agradecimento, Ko-rinn se retira, deixando Sha'zel e Deyanira a sós.



Sha'zel sibilou e dois fios finos de fumaça saíram pelas suas narinas.

SHA'ZEL

A criei tão bem, uma pena que ainda não saiba quando fechar a boca.

Deyanira abaixa a cabeça, em respeito.

DEYANIRA

Nunca me disse que era a mãe do povo.

SHA'ZEL

E no que isso acrescentaria em seu estudo?

DEYANIRA

Bom, talvez eu não teria sido tão petulante.

SHA'ZEL

E deixar você se moldar por máscaras e títulos? Jamais. Antes de trabalhar com o ferro, temos que achá-lo cru na natureza, livre de impurezas. Só assim forjamos uma arma de nome eterno.

DEYANIRA

Não sabia que estava forjando uma arma. (ri)

SHA'ZEL



Isso só você poderá me dizer. Vi estátuas erguidas para deuses que já foram esquecidos, e deuses que nasceram de estátuas quebradas.

Deyanira ergueu o olhar, assustada, mantendo a cabeça baixa. Sha'zel sopra um fino fio de fogo, as cinzas que caem em sua mão são usadas para traçar um símbolo no peito de Deyanira.

SHA'ZEL

Agora você entende. A chama não queima, ela transforma.

Deyanira olha para sua mestra e, pela primeira vez, faz um gesto tradicional de respeito draconiano. Sha'zel retribui com um aceno sutil e se retira, com um pequeno sorriso.

Soren está com um grupo de pessoas, rindo e conversando. Ao olhar para o lado, ele vê Deyanira se aproximar da pira no centro do vale, olhando para ele.

Soren acena e educadamente se afasta do grupo, indo até a mulher. A feiticeira sorri e bebe um pouco de seu cálice, ele a acompanha. Ambos observam o fogo crepitando.

DEYANIRA

Ficamos mais tempo que poderíamos.

SOREN

Ficamos o necessário.

DEYANIRA



Eles devem estar preocupados em Anika, não?

SOREN

Mandei um corvo para eles assim que tive a chance, avisando de nossa missão à parte.

DEYANIRA

(rindo) E ia me contar quando?

SOREN

Perdão, fiquei absorto nas pesquisas. (um momento de silêncio seguido por um dar de ombros) Eles me conhecem, entenderam a importância de buscar a cura para a população, você sabe... Eu sangro por coisas que nem são minhas.

Deyanira o olhou, confusa. Soren segurava um riso e erguia as sobrancelhas. Após um minutos, a mulher bufou e escondeu o rosto, rindo.

DEYANIRA

Não! Você estava acordado!

Soren riu e se debruçou sobre Deyanira.

SOREN

Conte-me mais sobre como eu sou diferente dos outros, Milady!

Ambos riram. Deyanira o empurra.



DEYANIRA

Cala a boca! Eu disse o que julguei correto para te salvar!

SOREN

Suas palavras me comoveram, bem aqui.

Soren encosta no próprio peito

DEYANIRA

Pare com isso, ridículo! Não acredito que ouviu isso! Que vergonha...

Ela dá um tapa nele, e Soren arruma os cabelos.

SOREN

Relaxe, já ouvi coisas mais constrangedoras, na minha vasta experiência.

Deyanira sorri e pisca os olhos.

DEYANIRA

Vasta quanto...?

SOREN

Não vou te dizer minha idade.

DEYANIRA



(fazendo bico) Você deve ser uma múmia, para fazer segredo desse jeito. Por baixo dessas vestes deve estar cheio de ataduras de preservação.

SOREN

Quando fecho os olhos, ainda vejo os primeiros fogos iluminando a noite dos homens.

DEYANIRA

Você com seus enigmas... Esqueça um pouco as primeiras noites, Soren. Abra os olhos, mago, não está vendo a magia do agora?

Deyanira diz a última parte próximo ao ouvido de Soren, o mago a olha e respira fundo. A música muda, se intensifica.

Soren ergue a mão para tocar os cabelos da mulher, mas ela se afasta. Um contra-plano mostra Deyanira sorrindo e correndo em direção a um pequeno grupo de mulheres, deixando Soren sozinho.

Ele se vira e vê Deyanira pegar uma espada curva, os olhos dela brilhavam.

Deyanira e as mulheres vão até o centro do vale, Soren se afasta um pouco, confuso. Alguém toca seu ombro, Vaerith o chama para se juntar a ele e Rhaska no palanque. Ko-rinn e Balasar estão em seus respectivos tronos, olhando atentos para as mulheres, Sha'zel está no canto oposto do palanque, olhando de Soren para Deyanira.

Soren sobre a estrutura baixa de madeira.



SOREN

O que está acontecendo?

VAERITH

Existe um rito de passagem antigo entre nós. As mulheres, veja bem, algumas são guerreiras, como Rhaska, outras são versadas em magia, como Sha'zel. Há um terceiro tipo, dotadas tanto das artes ocultas quanto das bélicas. Ko-rinn é uma dessas mulheres, assim como sua Flor Sombria ali. Elas recebem o título de Filhas da Tormenta, mas para isso precisam realizar esse ritual, mostrando que podem equilibrar as duas forças, que merecem essas forças, sabe? Usar uma com a outra e não contra a outra.

O fogo do centro ilumina o círculo de espectadores. O som de tambores ressoa pela noite. No meio do círculo, Deyanira ergue uma espada reluzente. Seu corpo se move com fluidez hipnótica, cada passo parte de um ritual milenar. As chamas refletem nos olhos atentos de Soren. Ele nunca viu nada parecido. No centro da clareira, banhada pela luz das chamas e pelo brilho etéreo de sua própria magia, Deyanira dança.

No início, devagar, os quadris oscilando em um ritmo hipnótico, como ondas subindo e descendo com a maré. Seus pés deslizam sobre a terra com uma precisão sobrenatural, como se o próprio chão respondesse ao seu comando.

Ele sente isso na pele, na respiração que parece mais curta, no coração que bate num ritmo que não é o seu, mas sim o dela.



Deyanira gira, a lâmina traçando runas incandescentes no ar. Símbolos brilham por um instante antes de se dissolverem como poeira estelar. Seu olhar é afiado como a lâmina, mas seu corpo se move com a leveza do vento.

A pele de Deyanira está banhada pelo brilho das chamas. Em suas mãos, a espada de lâmina curva reflete a luz do fogo. Mas não é só uma arma. É um instrumento, um pincel desenhando feitiços invisíveis no ar. A lâmina em sua mão não é um peso, mas sim uma extensão de seu corpo.

A espada desliza no ar como se fosse viva, refletindo lampejos do fogo e dos símbolos que ela desenha. Os quadris ondulam, os braços descrevem movimentos fluidos, e os pés quase não tocam o chão. Soren prende a respiração. Não porque teme o que vê, mas porque teme o que sente.

O mago não desvia os olhos. Seu peito sobe e desce com a respiração lenta, preso entre admiração e algo mais profundo. Algo que ele não ousa nomear.

O ritmo aumenta. Os braços de Deyanira ondulam como serpentes encantadas, a lâmina equilibrada em seu quadril. Cada movimento carrega o eco de um feitiço ancestral, cada passo é um encantamento sussurrado à terra sob seus pés.

A feiticeira pega a lâmina novamente e então, a magia desperta. Runas de luz dourada se formam no espaço conforme a lâmina se move, deixando rastros cintilantes. Elas giram ao redor dela como estrelas em órbita, formando uma constelação temporária. Os véus



e adornos de seu traje tremulam no vento crescente. Seu corpo gira, a espada se movendo em um arco perfeito. Ela a lança ao ar por um segundo que parece infinito, e quando a lâmina retorna, sua mão a segura com firmeza, sem interromper o fluxo da dança. Um arrepio percorre os espectadores quando os ventos começam a rodopiar ao seu redor. Pequenos relâmpagos brilham entre seus dedos antes de se dissiparem.

Soren sente o cheiro da tempestade antes mesmo do trovão ecoar ao longe. Mas seus olhos continuam nela. Sempre nela.

Os ventos sopram de repente, agitando folhas e cinzas. A clareira se enche de eletricidade no ar, como se o próprio mundo estivesse prendendo a respiração. Ela gira, e por um instante, o tempo se curva ao redor dela. O vento se ergue, trazendo o cheiro da tempestade que se forma ao longe. O cabelo dela se ergue por um momento, como se até o ar estivesse encantado por sua presença.

Os trovões ribombam no horizonte. O fogo dança nos olhos dela, e, de alguma forma, Soren sabe que não há força no mundo que possa fazê-lo desviar o olhar. Soren se esquece de piscar. Esquece de respirar. Esquece de tudo, exceto dela.

Quando a dança atinge o ápice, seu olhar se ergue para o céu. Os olhos brilham, e com um último movimento, ela ergue a espada acima da cabeça e a baixa em um golpe cerimonial. Um trovão ribomba ao longe.

Quando o vento sopra ao redor dele, ele se pergunta se esse é o destino dele: ser levado por essa tempestade.



A música cessa. Depois de um momento de silêncio, todos aplaudem freneticamente. Ouve-se gritos e uivos, frases em draconiano e celebrações. Soren volta de seu transe e aperta os olhos, logo em seguida acompanha os aplausos e gritos.

Ko-rinn está radiante, ela desce do palanque e corre até Deyanira, abraçando-a. Ela entrega um fino cinto dourado para Deyanira e a ajuda a amarrá-lo, logo depois Deyanira prende sua espada no cinto.

Ko-rinn aperta as mãos de Deyanira carinhosamente e as duas trocam palavras que Soren não consegue ouvir.

Ele ainda está tentando se concentrar na realidade quando Vaerith o toca novamente no ombro e ri.

VAERITH

Realmente, meu amigo. Não sei se te desejo boa sorte ou se te parabenizo. Ela tem uma canção perdida nos quadris.

Soren limpa a garganta.

SOREN

Não sei do que está falando, amigo.

VAERITH

(rindo) Os homens daqui temos um fraco por mulheres guerreiras, violentas... Acho que já deu para perceber. (ri secamente) Aquela mulher é como luz no éter para nós. E ela fez questão de recusar cada um de nós, falo por mim, eu tentei.



Soren encara Vaerith, chocado. O guerreiro dá de ombros.

VAERITH

Não pode me julgar... Só estou dizendo que Deyanira recusou cada homem daqui desde que chegou, e acredito que tenha um motivo.

SOREN

Não acho que tenha um motivo específico para isso, ou talvez ela tenha alguém na capital esperando seu retorno.

VAERITH

Só estou dizendo, meu amigo, mulheres são como a lua no céu, não ficam lá para sempre.

Vaerith se retira, tomando mais um gole da garrafa que tem nas mãos, deixando Soren sozinho.

Soren olhou para o lado e viu Deyanira sozinha, o olhando. Eles caminham até o outro.

Soren e Deyanira se olham por um momento. Ela abraça o torso e ri.

DEYANIRA

Aquilo foi... Um pouco demais, não é?

SOREN

Não! É... Foi espetacular! Eu nunca vi nada parecido. Digo, eu sabia que esses rituais existiam, mas...



DEYANIRA

Então você gostou? Eu nunca fiz nada assim... Achei que não fosse conseguir, é muito diferente das danças de Callisto.

SOREN

Você estava esplêndida. Quer dizer, Sha'zel deve ter sofrido imensamente para te ensinar, mas...

Eles riem e Deyanira o empurra.

DEYANIRA

Me dê os devidos créditos!

SOREN

Você quando dança equivale a uma visão que poderia ter sido tecida pelos próprios deuses. Cada movimento seu foi como uma dança das estrelas. Gostaria de presenciar mais vezes.

Deyanira cora.

DEYANIRA

O que foi com você que está todo poético hoje? Não é de seu feitio.

Soren inicia uma frase, mas é interrompido quando um JOVEM se aproxima. Hesitante, ele para em frente ao casal.



JOVEM

Com licença, perdão a interrupção, mas teremos que mover a comemoração para o subsolo, a tempestade parece se aproximar cada vez mais. Tudo isso vai ficar coberto de areia em algumas horas.

Ao olharem ao redor, Deyanira e Soren notam que o vento recobrou sua força. Pessoas voltam pela trilha e tochas são apagadas às pressas.

Eles agradecem o Jovem e começam a se afastar do vale. Deyanira segura o braço de Soren com a medida que o vento se intensifica.

29. INT. CENTRO DA CIDADE ESCAVA - NOITE

Deyanira e Soren passam pelo grande espaço escavado que acomodava o centro da cidade. Onde durante o dia ficavam localizadas barracas e lojas, agora eram montadas mesas e instrumentos musicais. Ao longo dos andares superiores, luzes mágicas alaranjadas acendiam gradativamente. Onde ficaria o teto, que na verdade era um grande círculo aberto para a entrada de luz e circulação de vento, havia sido tampado por uma espécie de toldo invisível, impossibilitando a tempestade de penetrar a cidade e fazendo trilhas de areia viajarem sob o céu, nunca obedecendo a gravidade.

Deyanira ficou olhando aquele mecanismo por alguns instantes, até que foi puxada por Soren para uma passagem.

SOREN



(sussurrando) Por aqui.

30. INT. CORREDOR - NOITE

Eles passam por um estreito corredor de pedra com escamas gravadas nas paredes, seguido por escadas. O ambiente é mal iluminado e Soren segura a mão de Deyanira. A passagem termina em uma...

31. EXT. SACADA - NOITE

...Sacada, onde pode-se ver a tempestade se aproximando. A música ressoava ao longe e o vento bagunçava os cabelos dos dois. O local era confortável, com arabescos contornando as paredes e um canto com uma espreguiçadeira.

DEYANIRA

Andou explorando, hein?

SOREN

Em madrugadas turbulentas. Vim aqui para respirar um ar que não tinha cheiro de álcool da enfermaria.

DEYANIRA

É bonito.



SOREN

Muito.

Deyanira olhava para o céu estrelado e para a areia se agitando,
Soren olhava para ela.

SOREN

Você sabia que a tempestade viria.

Não foi uma pergunta. Deyanira abaixou a cabeça e riu.

DEYANIRA

Como não saberia? Eu a chamei. Sou uma de suas filhas.

Soren observa os movimentos da areia.

SOREN

Em uma de minhas caminhadas por aqui, eu ouvi uma vez que os
espíritos dos mortos falam através da areia.

Deyanira estendeu os braços para o horizonte.

DEYANIRA

E o que essa multidão está dizendo?

Soren dá um passo em direção a mulher, que ajusta sua postura. É
um movimento mínimo, mas firme.



SOREN

Eu não me importo, não me importaria nem que fossem súplicas.

Soren inclina seu corpo, olhando para os lábios de Deyanira.

DEYANIRA

Por que não foge, Soren?

A voz dele saiu quase um sussurro.

SOREN

Seja o que for, Deyanira... Eu não fujo do que me chama.

Com um gesto confiante, Soren toma Deyanira para si, beijando-a. Ele segura em sua cintura e em seu rosto. A feiticeira logo se desfaz no braço do homem, abraçando seu pescoço.

O trovão rasga o céu, e uma leve garoa começa a cair. Soren quer levá-la para dentro, Deyanira parece perceber, pois sem dizer nada, ela começa a guiar o mago pela passagem.

32. INT. TENDA DE DEYANIRA - NOITE

Deyanira passa pela cortina de linho que delimita seus aposentos. Ela puxa Soren delicadamente para si. Soren posiciona as mãos na cintura de Deyanira e a puxa para perto, beijando seu pescoço.



Deyanira sorri e toma os lábios do mago, agora de modo mais intenso, feroz. Ela enrosca os braços no pescoço e nos quadris de Soren, pressionando-o contra si. A respiração de Soren fica entrecortada.

Ele fica mais confiante e empurra Deyanira contra a penteadeira. Ela senta no móvel e enrosca as pernas no quadril do homem, Soren puxa a fina alça do vestido dela.

Em meio aos beijos, Soren desce um pouco. Deyanira suspira.

DEYANIRA

Você sabe que, se me tocar assim, não há volta, não sabe?

Soren não ergue o olhar.

SOREN

Se eu me entregar a você... Prometo que não será gentil.

Deyanira o puxou pela gola da camisa. Soren explorava a pele de suas pernas, brincando com os finos tecidos do vestido da feiticeira. Deyanira trabalha nos tecidos que Soren usa como cinto, os desamarrando com urgência. Soren prende as mãos de Deyanira contra o espelho, mas ela logo se solta. Ela ri.

DEYANIRA

Relaxe. Parece um campo de batalha.

SOREN

Eu não me importo de perder para você todas as vezes.



Os olhos de Deyanira faíscam. Ela o olha em silêncio.

DEYANIRA

Diga novamente.

A voz de Soren é baixa contra a pele dela.

SOREN

Você luta até quando se rende... E isso me enlouquece. Nira... Meu coração é seu, condene-o como quiser.

Deyanira assume uma postura voraz. Soren a ergue e a leva para cama. Entre mais beijos e mãos, Soren continua.

SOREN

(ofegante, a voz carregada de urgência, como se segurasse algo prestes a escapar) Eu tentei... Tentei lutar contra isso, contra você. Mas é inútil. Você está em mim como um feitiço que não consigo quebrar. Maldição ou destino, eu aceito. Se for perdição, que eu me perca sem volta, de novo, de novo e de novo. Faço a questão de nunca aprender minha lição.

Deyanira os gira, ficando por cima de Soren.

DEYANIRA

(os olhos brilhando, dividida entre rendição e desafio, a respiração tensa como uma corda prestes a se romper) Você fala



como se tivesse escolha. Como se já não estivesse preso a mim desde o primeiro olhar. Como se eu não sentisse o mesmo. Então lute, perca-se, queime... Mas faça isso ao meu lado.

SOREN

Não me peça para partir. Não me peça para fingir que meu coração não pertence a você.

Deyanira puxa Soren pelo pescoço, sentando-o na cama, ainda sobre ele. Ela ergue o queixo.

DEYANIRA

Se isso for nossa ruína, então que sejamos destruídos juntos.

SOREN

Então que o mundo desmorone, que os deuses virem o rosto, que o destino nos condene. Eu escolho você. Sempre você.

Eles se perdem em meio aos lençóis.

33. INT. TENDA DE DEYANIRA - MADRUGADA

Deyanira dorme abraçada com Soren, que ainda está acordado, observando a mulher. Ele faz carinho em seus cabelos, observando as mechas se espalharem pelas costas nuas da mulher. Ele a abraça



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



mais forte, ela se aconchega. Uma lágrima escorre pelo rosto do mago.

284

FIM



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



285

“Kairos”

Ep 5 - “Corvus Oculum Corvi Non Eruit”
um roteiro de Julianne Borges



1. EXT. JARDIM DO PALÁCIO EM CALLISTO - DIA

Crianças correm por um labirinto baixo de arbustos. O dia está ensolarado e vários nobres descansam em bancos ou passeiam entre as flores. Uma garotinha, DEYANIRA CRIANÇA, usando um vestido verde acalma o irmão mais novo, que chora.

DEYANIRA CRIANÇA

Quem foi?

O menino, Kallias, balança a cabeça.

KALLIAS

Ninguém... E-eu caí sozinho.

DEYANIRA CRIANÇA

Claro, vamos fingir que eu acredito.

Deyanira Criança se abaixa na frente do menino e limpa as lágrimas de seu rosto.

DEYANIRA CRIANÇA

Se você não vai me contar, precisa ao menos se defender. Não vou permitir que meu irmão saia apanhando de gente mimada por aí.

Os cabelos da menina são puxados, Deyanira Criança cai. Um garoto alto e esguio começa a rir, TRISTAN. Outras crianças, que estão mais distantes o acompanham.



287

Deyanira Criança se levanta e soca o rosto do menino, que imediatamente cai. Ela sobe em cima do garoto e continua desferindo socos. As crianças gritam, mas ninguém se aproxima. Um guarda ENTRA e segura a garota, que soca o ar e chora.

GUARDA

Ei, ei... Já chega vocês dois! Vai ser todo dia assim agora?

O menino se levanta, limpando as vestes.

TRISTAN

Deveriam isolar essa maluca! Ela me atacou!

DEYANIRA CRIANÇA

Você me derrubou!

TRISTAN

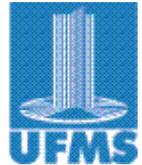
Mentira! Você que não olhou por onde andava! Seus pais precisam te ensinar a ser mais atenta, ah é... Eles estão ocupados demais agora, apodrecendo!

Deyanira Criança tenta avançar novamente, mas o Guarda a segura.

GUARDA

Tristan! Saia daqui! Já deu por hoje!

Tristan fica parado, desafiando o Guarda.



GUARDA

Agora!

Sua voz sai forte, um comando. Tristan dá dois passos para trás e corre, rindo com as outras crianças.

O Guarda se vira para Deyanira Criança, ainda agachado.

GUARDA

Não é para isso que te ensino esses golpes.

DEYANIRA CRIANÇA

Você disse que era para me defender.

GUARDA

De ameaças reais.

DEYANIRA CRIANÇA

Eu tenho 13 anos, não existem ameaças muito maiores do que babacas da cortes por enquanto.

O Guarda a encara, mas no final cede e ri.

GUARDA

Foram ótimos golpes, para ser sincero.

Deyanira ri.



DEYANIRA

É bom ter com o que praticar.

2. INT. TENDA DE DEYANIRA - MANHÃ

Deyanira se espreguiça na cama. Ela está enrolada em lençóis finos e coloridos. A mulher tateia ao redor e abre os olhos, confusa por encontrar a cama vazia. Ela ergue o pescoço e encontra Soren já vestido, perto de uma mesa.

DEYANIRA

Saindo de fininho? Não pensei que fosse desses.

Apesar do ar divertido, algo na voz da mulher carregava uma incerteza, um aviso. Soren se afastou da mesa, sorrindo.

SOREN

Isso por que não sou. Estava apenas aprontando as coisas para quando acordasse.

Deyanira franze as sobrancelhas, confusa. Ela olha para a mesa atrás de Soren e a vê posta para café da manhã, com pães e frutas. Ela ri e se joga novamente na cama.

DEYANIRA

Você não existe...



Soren se aproxima e Deyanira cora, escondendo o rosto com uma das mãos. Ela se espreguiça, esticando os braços sobre o rosto (ver ref. O Anjo Caído, de Alexandre Cabanel).

DEYANIRA

Por que tudo isso?

Soren se senta na beira da cama.

SOREN

Por que não? Acha que sou do tipo cafajeste galanteador, é? (uma pausa) Além do mais, a viagem será longa, precisamos comer, principalmente considerando...

Ele não termina a frase. Deyanira o olha por um segundo antes de explodir em risadas.

DEYANIRA

Claro, claro... A noite não foi muito calma.

Soren fica vermelho.

SOREN

Isso... Bom, podemos comer com calma. Devemos chegar até amanhã à noite em Thaldrin. Pensei em pegarmos a rota leste, seguindo por Vorbagh e...



Deyanira não está ouvindo, ela se desvencilha dos lençóis e agora vai em direção a Soren. Ela o abraça por trás, de joelhos na cama, e começa a distribuir-lhe selinhos pelas costas e pescoço.

DEYANIRA

Sim, sim, claro... Fale-me mais sobre suas rotas meticulosamente planejadas...

Soren se cala imediatamente e olha Deyanira, fingindo aborrecimento. A mulher ri na cara do mago. Após alguns segundos imóvel, Soren joga Deyanira na cama e avança sobre a mulher deixando os rostos próximos.

SOREN

Você é impossível.

Eles se beijam novamente.

3. EXT. VALE NO DESERTO - MANHÃ

O dia está nublado, devido à tempestade da noite anterior. Soren e Deyanira andam pela areia de mãos dadas, usando suas vestes de viagem e mochilas nas costas. O vento bagunça seus cabelos e soa alto em seus ouvidos.

DEYANIRA

Por que estamos aqui?



SOREN

Não sei ainda. Recebi o bilhete hoje cedo enquanto preparava o desjejum. Deveríamos encontrá-los aqui antes de partirmos.

DEYANIRA

Ali!

Ela aponta para alguns metros à frente. Soren acompanha com o olhar e avista Vaerith, Balasar, Ko-rinn, Sha'zel e mais três mulheres desconhecidas. O casal se aproxima.

SHA'ZEL

Que bom que não tiveram problemas para nos encontrar.

Deyanira olha para a draconiana e abre um sorriso, depois o estende para Ko-rinn.

Vaerith acena com a cabeça para Soren e ergue as sobrancelhas, segurando o riso. Soren o censura com o olhar, mas depois abre um meio sorriso.

SHA'ZEL

As festividades terminaram ontem com uma tempestade. Alguns ventos levam mentiras para longe, mas outros revelam verdades há muito escondidas. (uma pausa) Hoje durante a ronda da aurora, alguns de nossos sentinelas se depararam com um segredo que estava perdido nessas areias, um segredo que não sabíamos se



seríamos capazes de encontrar, mas tudo tem seu tempo e seu propósito.

BALASAR

Como sabemos, tudo que morre deve voltar para sua origem elemental, o que é do céu volta aos céus, o que pertence às Águas a onda leva, assim por diante. Mas nem sempre isso acontece. Às vezes o encontro da matéria com sua energia originária é impedida por séculos, até que seja permitido que o espírito volte ao seu lugar, independente do que as leis naturais dizem. Hoje é um desses dias, um ser irá de encontro com seu criador após muito tempo separados. Ele os levará ao seu destino e seguirá o dele, pois como dissemos, tudo tem seu tempo e seu objetivo.

SOREN

Do que estão falando?

Ele diz isso baixo e Deyanira o responde com um dar de ombros. Sha'zel, Ko-rinn e as três mulheres se movem, formando um círculo. Elas fecham os olhos e começam a entoar um cântico em uma linguagem antiga. Por algum tempo, nada acontece. De repente, o vento se agita com mais força e Deyanira segura o peito, com dor. Ela se apoia em Soren, que a olha assustado. Deyanira ergue o rosto e Soren vê que os olhos de Deyanira se tornaram totalmente brancos. Ela entoa o cântico, mas não parece totalmente consciente. Soren a chacoalha, mas nada acontece. Ele grita.



SOREN

Parem! Parem com isso imediatamente!

As vozes aumentam e o feitiço toma força. Soren ainda grita e segura Deyanira nos braços. Ela cai de joelhos e ela a ampara, ajoelhando-se junto.

As vozes param subitamente. O feitiço cessa, assim como o vento. Deyanira fecha os olhos e cai inconsciente sobre Soren. Por um minuto, tudo ao redor fica em absoluto silêncio.

Deyanira acorda num rompante e puxa o ar para os pulmões. Ao mesmo tempo que a mulher desperta, o chão treme. O círculo delimitado pelas bruxas começa a afundar no chão e uma pata é desenterrada da areia.

4. EXT. VALE NO DESERTO - MANHÃ (cont.)

A pata da criatura surge e finca as garras no chão, outra logo em seguida. Deyanira se afasta, assustada e se levanta apressadamente. O corpo do monstro começa a submergir da areia, as bruxas se afastam.

Soren abraça Deyanira de modo protetor à medida que o ser ergue-se do solo: um grande dragão sobe das profundezas do deserto.

Existe um porém: o dragão não passa de ossos. A criatura é o que um dia teria sido um dragão completo, seus ossos brancos e antigos rangem e suas vértebras estalam, o som semelhante a um



trovão. A única coisa além de ossos em sua estrutura é um núcleo alaranjado e pulsante em seu tórax. O dragão termina de subir a areia e olha ao redor.

Sha'zel olha a criatura com fascínio e satisfação. Balasar se ajoelha e Ko-rinn pronuncia frases em draconiano.

Deyanira olha a criatura, completamente hipnotizada. Ela faz menção de se aproximar, mas Soren a segura pela mão. A mulher se vira e lentamente se solta do mago, como se soubesse o que fazia. Soren estava pálido e suas mãos tremiam, como se estivesse frente a frente com seu passado.
Mas era apenas um dragão.

Deyanira se aproxima com passos firmes, ainda que lentos. O dragão a vê e suspira, soltando fantasmas de fumaça pelas narinas. Deyanira para frente a frente com a criatura. O dragão abaixa a cabeça e a encara frente a frente. Se ele quisesse, poderia engoli-la por inteiro. Deyanira não recuou.
Mais fumaça sai da criatura, dessa vez envolvendo a mulher. Deyanira respira fundo e toca no focinho do dragão. Ao olhar para trás, vê que Soren está perto, em alerta.

DEYANIRA

(Voz firme.) Não há necessidade disso. Venha.

Soren a encara e obedece. Deyanira abre espaço para que Soren toque no monstro. Ele se aproxima e estica a mão, relutante.



Deyanira toca os dedos de Soren e o dragão estica o pescoço, fechando a aproximação. Os olhos de Soren estão marejados.

Deyanira contorna a criatura e a escala, posicionando-se em uma de suas vértebras, Soren a segue. Com um aceno final de agradecimento para os draconianos, Deyanira toca o topo da cabeça do dragão, que abre as asas e levanta vôo.

5. EXT. DIVERSAS PAISAGENS - DIA

Deyanira e Soren voam nas costas do dragão. Eles passam por vales, lagos e montanhas. Passam pelo mar e Deyanira toca na água. Voam sobre vales e avistam sereias na costa e embarcações gigantescas em alto mar. Soren segura firme e Deyanira ri freneticamente, abrindo os braços e recebendo o vento. O dragão rodopiava no ar, leve e livre. Se quisessem dizer algo, precisavam gritar.

DEYANIRA

Medroso!

SOREN

Voar nunca foi do meu agrado! Como ele sabe para onde estamos indo?

DEYANIRA

Não sei! Mas eu sinto que sabe! Confia!



6. EXT. THALDRIN - FINAL DO DIA

Deyanira e Soren ainda voam com o dragão. O pôr do sol pinta o horizonte com tons de rosa, amarelo e roxo. Eles se aproximam de uma floresta densa, com árvores altas. O dragão passa por um grande lago e o sobrevoa diversas vezes.

SOREN

Chegamos! Como essa coisa para?

DEYANIRA

Soren...

SOREN

O quê?

Deyanira olha para trás.

DEYANIRA

Eu acho que ele não para...

SOREN

Como é que é?

Deyanira abre um sorriso maníaco e olha para baixo, para o lago há alguns bons metros de distância.



SOREN

Não! Nira, nem fodendo! Não, não e não.

Deyanira pula em queda livre, rindo. Soren a xinga. Depois de engolir seco, o mago pula e se junta à queda.

7. EXT. THALDRIN - FIM DO DIA

Os dois atingem a água. Ao subirem para a superfície, Deyanira ainda ri descontroladamente. Soren tenta se localizar.

SOREN

Nunca mais... Nunca mais me obrigue a fazer algo assim!

DEYANIRA

Estamos vivos, não é?

Soren cospe água e franze o cenho. Ao ver Deyanira na água, na mescla do horizonte com as cores do crepúsculo refletindo na água, todo seu aborrecimento se desfaz. Deyanira parece perceber, pois nada até ele e lhe dá um beijo rápido.

DEYANIRA

Venha, se os elfos são mesmo tão vigilantes assim já devem estar nos esperando na margem com um grandíssimo sermão.



O casal nada tranquilamente pelas águas do lago, passam por pedras até chegarem na margem. Lá, os aguardando, estão dois elfos nobres, ELDARION e SWAGRON e seis sentinelas.

Os dois são altos e de fisionomia afiada, combinando com as orelhas pontudas. Usam vestes decoradas com padrões de ramos e folhas. Estão descalços.

Deyanira sai do lago, seguida por Soren, e faz uma reverência para os nobres.

DEYANIRA

Boa noite, senhores. Peço perdão pela nossa entrada, não tivemos muita oportunidade de planejá-la.

Os dois olham de cima a baixo o casal.

ELDARION

Como se um ciclo lunar de atraso não fosse tempo o suficiente para planejar.

Deyanira olhou Soren, constrangida. Esse interveio.

SOREN

Perdão, Milordess. Deveríamos ter chegado há muito tempo atrás, mas houve um grande imprevisto que nos impossibilitou de seguir viagem.

SWAGRON



300

Sabemos tudo sobre seu infortúnio, recebemos vossa carta. Como são aliados de Anika, podem passar a noite aqui, fiquem à vontade e sigam viagem quando lhes for favorável. Serão levados para seus aposentos onde poderão lavar-se e tirar o odor das terras bárbaras de vossas peles. Após isso, serão bem vindos a se juntar a nós no salão.

Sem dizer mais nada, os dois nobres se retiram. Dois guardas se aproximam e indicam o caminho para Soren e Deyanira seguirem.

DEYANIRA

Que amigáveis...

SOREN

Ele nos chamou de fedidos?

8. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

Deyanira e Soren entram no salão. O ambiente é uma intervenção na floresta. Fica no alto do encontro de árvores antigas e se mistura com a natureza. O mármore dos pilares recebe livremente vinhas que se enroscam até o teto, de onde flores rosas, vermelhas e amarelas pendem e são iluminados por globos de luz suspensos no ar, como estrelas artificiais que emanam tons de roxo. A música toca, mas não se vê músicos. Fontes com estátuas jorram água em espelhos d'água, por onde os elfos passam displicentemente.



Soren e Deyanira andam de braços dados pelo local, até chegarem na mesa principal, onde cinco homens e seis mulheres élficos bebem e conversam animadamente. Ao notarem sua aproximação, os nobres cessam a conversa e olham (alguns com desprezo) para os convidados.

ELDARION

Vejo que se acomodaram bem!

SWAGRON

De fato estão mais apresentáveis.

Uma mulher de cabelos negros e tez alva, CERRIDWEEN, soltou um risinho.

CERRIDWEEN

Ainda posso sentir o cheiro do deserto, vai levar pelo menos três noites para estarem limpos de verdade.

Ela sorri em direção a Deyanira e bebe de seu cálice.

Soren, ao ver a expressão de Deyanira fechar-se, dá um passo à frente.

SOREN

Agradecemos novamente a hospitalidade, não iremos tomar muito de seu tempo, até porque ninguém deseja se tornar um hóspede indesejado.



CERRIDWEEN

Vocês já são indesejados! Se meu pai não tivesse boas relações com o Sacritis, nossos arqueiros já os teriam flechado no momento que sobrevoaram nossas terras.

ELDARION

Cerridween...

CERRIDWEEN

Mas é verdade, papai! Já é um disparate esses humanos chegarem aqui com tamanho atraso! (ela se volta para o casal) Desejam o que? Um cortejo?

ELDARION

Já chega! Se for armar um escândalo sugiro que nem saia de seus aposentos.

Cerridween cala-se, mas Eldarion não se desculpa pelos dizeres da filha.

ELDARION

Essa noite serão bem recebidos, sentem-se conosco e comam, a viagem foi longa.

Deyanira e Soren são escoltados para lados opostos da mesa. Eles se olham com compreensão: aquele jantar é um interrogatório, queriam ver se possuíam as mesmas versões dos fatos e separar forças.



Eles se sentam em seus lugares e, com um olhar final para o outro, começam a conversar.

9. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

Soren era mais contido, mantendo os modos de etiqueta e apenas falando quando solicitado. Deyanira era uma tagarela nata. Soren a observa do outro lado da mesa e tenta discretamente inclinar o corpo para ouvir o que sua companheira diz, mas sem sucesso. Deyanira ergue seu cálice e abre constantes sorrisos. Ela conversa com uma mulher, SAGAN, e com um homem, RUEL.

DEYANIRA

Pode acreditar! Nos levaram como prisioneiros!

SAGAN

Desde o oásis?

DEYANIRA

(bebericando de seu cálice) Sim! Acorrentados e tudo! Um horror!

10. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

Os pratos já haviam sido recolhidos e garrafas vazias pousam sobre a mesa. Deyanira ainda fala. Além de Sagan e Ruel, outros



quatro governadores élficos estão próximos, ouvindo Deyanira contar sobre missões anteriores.

DEYANIRA

E lá estava ele! Pendurado no cais, de cabeça para baixo e calças arriadas.

Os governadores riem.

DEYANIRA

Sabem, é difícil manter a compostura em um momento desses, mas não tem muito o que fazer.

Os governadores, figuras de longos mantos azul-profundo e olhares calculistas, logo estão absortos nas aventuras da mulher, que conta tudo com a maestria de um bardo.

Soren, de seu lado da mesa, se contenta em segurar o riso ao ver como Deyanira coloca um por um deles em suas mãos, enrolando-os com sua língua.

Um dos conselheiros mais velhos, ELDRITH, de cabelos brancos como névoa e feições esculpidas pelo tempo, se inclina para o homem ao seu lado e cochicha algo que Soren não entende. Depois de um pouco de sussurros, VANOR, que possui aproximadamente 40 anos em escala humana, se volta para Soren.

VANOR



Você é o mago, não é? (Soren assentiu) Nós soubemos por nossos mensageiros que você auxiliou o Povo da Água Lodosa a firmar sua barreira protetora. (outro aceno de Soren) Como?

SOREN

Estão enfrentando problemas com os limites da terra?

ELDRITH

Só de Thaldrin, em outros tempos vocês não teriam nos achado sem nossa permissão.

Soren pondera, e então, ergue um dedo e traça um símbolo invisível no ar. A runa brilha por um breve instante antes de desaparecer.

SOREN

(com serenidade, mas firmeza) Se sua barreira precisa de reforço, o erro está na matriz da energia. A runa de ancoragem precisa de um terceiro ponto de sustentação, senão o fluxo se torna instável. É como tentar segurar um tecido com apenas duas estacas.

O ato chama atenção dos demais da mesa, que agora observam com atenção, até Deyanira se cala.

VIELLA, uma das governadoras, até então indiferente, inclina levemente a cabeça.

VIELLA



E qual runa você usaria para esse terceiro ponto?

Soren sorri de lado.

SOREN

Depende do que desejam Se querem resistência, "Lurian". Se querem discricção, "Vaen". Mas se desejam algo que aprenda e se adapte... (ele traça um novo símbolo no ar, que brilha por um segundo, pulsando suavemente antes de desaparecer) Este. Uma runa viva, ligada ao próprio fluxo da floresta.

Os elfos trocam olhares. Swagron solta um "Hmph" de aprovação. Soren olha para Deyanira, que sorri em aprovação e algo a mais.

11. INT. SALÃO DO PALÁCIO DE THALDRIN - NOITE

Todos agora estão em pé, conversando em grupos distintos e circulando pelo salão. Deyanira está com um grupo de quatro nobres com Swagron. Pelas vestes dos demais, pode-se presumir que se trata de nobres e militares, homens e mulheres.

DRAVEN

Acho que o ideal para a região de Zephir é um dos nossos representantes irem até o local do ataque, para pelo menos podem calcular os danos e as necessidades dos civis.



Eles conversam sobre estratégias militares, mas com desconfiança e cautela, já que Deyanira está ouvindo. EHRIX, um homem de postura rígida e olhar afiado, pousa sua taça em uma mesa próxima.

EHRIX

Diga-me, Invocadora de Sortilégios... Os humanos ainda acreditam que a força bruta vence a inteligência?

Todos olham Deyanira, com expectativa, alguns segurando o riso. Ela logo entende se tratar de uma isca, então olha para baixo e ri.

DEYANIRA

A força bruta quebra um muro. A inteligência encontra a porta. Mas um verdadeiro estrategista já estava dentro antes que qualquer uma fosse necessária. (uma pausa, ela olha ao redor) É isso que desejam ouvir, certo? Uma resposta pronta e sagaz vinda da língua da Serpente do Rei.

Ehrix estreita os olhos.

DEYANIRA

Os exércitos das trevas não se movem como antes. Eles não atacam por desejo de destruição, mas por propósito. Há um padrão, um ritmo. Observem as áreas conquistadas: são corredores de terra



fértil, cruzamentos de magia selvagem. Estão traçando uma rede invisível... Uma teia para algo maior.

ELSWYTH, um jovem nobre, solta um risinho.

ELSWYTH

E você teria por acaso algum exemplo dessas, como bem chamou... Forças das Trevas?

Deyanira o desafia com o olhar e arruma a postura.

DEYANIRA

Alta e Novel são o exemplo perfeito.

ELSWYTH arqueia as sobrancelhas.

ELSWYTH

Novel governa a península. Controlam as cidades, as rotas de suprimento, até as fontes de magia. Como pode Alta, com seus aliados dispersos e sua posição enfraquecida, estar com a razão?

Deyanira ergue o olhar, sua postura fica ereta, os olhos faiscam um fogo que poucos ousavam enfrentar.

DEYANIRA

O controle não é sinônimo de justiça. Novel pode segurar as rédeas, mas foi Alta quem construiu a estrada.



Os murmúrios cresceram no grupo, mas Deyanira continuou, a voz cortando o ar como uma lâmina.

DEYANIRA

Alta é a raiz dessa terra. Foram eles que ergueram os primeiros templos, que nomearam os rios, que protegiam essas fronteiras quando Novel ainda sequer tinha um exército. E o que receberam em troca? Perseguição. Expulsão. Agora são chamados de insurgentes por lutarem para permanecer na própria casa.

Um dos nobres, LUNTIAN, um elfo de vestes escuras e anéis pesados nos dedos, arqueou uma sobrancelha.

LUNTIAN

Alta é vítima, então? Suas mãos estão limpas nessa guerra?

Apesar de seu tom desdenhoso, ele parecia interessado. Deyanira não desviou o olhar.

DEYANIRA

Nenhuma guerra é feita apenas de vítimas e algozes. Mas olhem para os tratados. Olhem para as concessões. Cada vez que Alta aceita um acordo, Novel o quebra. Cada vez que tentam uma trégua,



são empurrados para terras menores, isolados e encurralados. Quantas vezes um povo precisa ceder até que seja considerado extinto?

O silêncio cai sobre a roda. LUNTIAN, que antes mantinha um meio sorriso divertido, agora gira o vinho em seu cálice sem beber, pensativo.

Ehrix, tentando encontrar argumentos.

EHRIX

Mas Novel é a fortaleza. Tem a estrutura, a vantagem militar. Como poderia Alta vencê-los?

Deyanira inclina-se para frente, os olhos brilhando como brasa no escuro.

DEYANIRA

Porque há algo que Novel teme mais do que qualquer exército. O que eles possuem não é força, é medo disfarçado de poder. Novel precisa manter o controle porque sabem que, se um dia perderem a espada, não terão mais nada além das ruínas que deixaram pelo caminho.



A tensão no salão se transforma em algo mais profundo. Não é mais uma disputa de palavras. É uma verdade inegável, exposta diante deles.

Elswyth agora estuda Deyanira com um olhar calculista. Ele entrelaça os dedos, ponderando.

Por fim, foi Dravien mais velho quem rompeu o silêncio.

DRAVIEN

Os humanos falam muito, mas nem sempre falam com sabedoria.
(pausa) Hoje, uma exceção.

Deyanira acena com a cabeça, em um agradecimento discreto. Olha ao redor, vê que Soren a observa, com olhos brilhantes. Ela vai até ele e o abraça. Os dois começam a dançar lentamente.

SOREN

Se não fomos mortos até agora, estamos em segurança.

Deyanira ri e suspira.

DEYANIRA

Tirei do peito, sendo sincera. A situação entre Alta e Novel me deixa à flor da pele.

SOREN



Eu me lembro.

DEYANIRA

Lembra-se de quê?

SOREN

A primeira noite, quando nos conhecemos. Houve uma discussão entre você e o Rei sobre o Tratado para Alta.

Deyanira olhou Soren, pasma.

DEYANIRA

Lembra-se disso?

SOREN

(bebendo de seu cálice) Não me esqueço de nada, Deyanira.

Deyanira começa a dizer algo, mas ao perceber que Soren está bebendo em uma das taças feéricas, ela a toma de sua mão.

DEYANIRA

O que você está fazendo? Tem cinco anos por acaso? Não sabe que não podemos tomar nada daqui!

Soren ri.

SOREN



Agradeço a preocupação, mas fique tranquila. É apenas a taça, a bebida é uma lembrancinha de Druvagar.

Deyanira aproxima a taça e inspira, logo em seguida sorri e toma um gole.

DEYANIRA

Esperto.

SOREN

Eu sou.

Deyanira se aproxima de Soren e lhe dá um beijo rápido.

DEYANIRA

Já lhe contei que sou uma fanática por arte?

SOREN

Está contando agora.

DEYANIRA

Venha comigo, vou lhe contar a história de cada uma dessas estátuas.

SOREN

Será uma honra.



12. INT. SALÃO SOLAR, CALLISTO - DIA

Jovens estão enfileirados em uma sala de estudos. O salão é revestido com tapeçarias históricas e mapas. Os vitrais da janela refletem nas paredes e no chão em azul e âmbar. Estantes estão cheias de livros antigos. Todos usam roupas de frio, o ambiente possui uma atmosfera outonal.

THANA, uma mulher na casa dos 40 anos anda de um lado para o outro, falando coisas indistintas. AUREN, seu assistente, está perto da mesa. O foco da cena está em Deyanira, com seus 16 anos. Ao seu lado está Tristan, também com 16 anos, e mais nove jovens nessa faixa etária.

THANA

Como devem saber, o palácio receberá daqui a dois dias a família Vanahaim, de Vathmir. Então para finalizar a aula de hoje, vamos revisar os costumes dessa região, para recebê-los bem na corte, sim?

TRISTAN

Se eles que vão vir nos visitar, eles deveriam saber nossos costumes.

TUTORA

Aí que se engana! Como Capital de Lethe, devemos nos mostrar cientes e bons receptores dos costumes que nos cercam. Das tradições dos administradores das nossas terras. Como por



exemplo... É um gesto de hospitalidade derrubar uma gota de vinho no chão antes de beber.

Um adolescente revira os olhos. Outra, LADY GRABRIETTE, ri abafado e finge espirrar no lenço.

Thana se vira.

THANA

Rir de um costume estrangeiro expõe sua própria ignorância. (olha para os alunos) Deyanira.

Deyanira se aproxima até a mesa, onde taças e um jarro de vinho repousam. Ela serve a bebida e ao erguer a taça, com precisão, deixa um pouco do vinho cair no chão antes de levar a taça aos lábios.

DEYANIRA

Em Vathmir, o solo é a primeira testemunha da junção das culturas. Derramar é reconhecer a terra antes do homem.

THANA esboça um sorriso.

13. INT. SOLÁRIO DO SALÃO SOLAR, CALLISTO - DIA

Os alunos saem em fila do salão. Deyanira senta em uma poltrona e folheia um livro antigo. A capa mostra uma árvore genealógica.

Thana e Auren trocam olhares discretos, cansados.



O assistente se aproxima e senta-se ao lado de Deyanira, seu tom é cordial, mas desanimado.

AUREN

Já está no Rei Osmund IV. Com ele, a linhagem reconquista a dignidade perdida após o Terracnotum. Sua ascensão foi inquestionável.

DEYANIRA

(sem levantar os olhos) Mas por quê? Quero dizer, o que ele fez para ser aceito como rei?

THANA

Ora menina, ele era o herdeiro legítimo. Herdeiro de sangue! O que mais precisaria?

DEYANIRA

Mas quem decide o que é legítimo? Alguém decide isso. Sempre tem alguém que diz: "Este é o certo", mas quem? E com que direito?

O som de passos ecoa na sala, atrás das colunas de pedra. O Rei Nótus ENTRA em silêncio. Não usa coroa, apenas roupas escuras de frio, com a insígnia do reino bordada. Os tutores abaixam a cabeça, Deyanira não faz o mesmo, apenas o observa. O Rei caminha até ela. Ele tem uma aparência mais jovem, menos cansada.

REI NÓTUS

Essas são perguntas perigosas.



DEYANIRA

Então são boas.

REI NÓTUS

Nem todo reinado começa com uma boa pergunta. Às vezes começa com uma boa espada, ou um bom nome.

DEYANIRA

E qual deles é o reinado do senhor?

Rei Nótus fica em silêncio por um momento, ponderando.

REI NÓTUS

É o que restou. Legitimidade não nasce no sangue. Nasce no olhar dos que assistem, e no silêncio dos que obedecem.

Ele para diante da garota e, com um gesto sereno, se abaixa até ficar à altura dela.

Da CINTA, retira um pequeno ESTOJO DE COURO. Abre-o com cuidado. Dentro, repousa um BROCHE DE PRATA: uma coroa entrelaçada por raízes finas e curvas.

REI

Este broche era da minha irmã. Morreu muito jovem. Ela não teve tempo de perguntar nada ao mundo.



Ele prende o broche na gola do vestido de Deyanira, com cuidado. O gesto é quase cerimonial.

REI

Você presta atenção como uma soberana.

Thana e Auren se retiram. Deyanira observa o broche por um momento. Então levanta os olhos. Há um traço de ternura no olhar, mas também algo contido – como quem já compreende o peso do gesto.

DEYANIRA

(calma) Se tudo isso é legitimidade...
Então por que ela não chegou a usá-lo?

O Rei abaixa os olhos. Fica em silêncio por um segundo, antes de responder com a voz baixa, quase como uma confissão.

REI

Porque o mundo não perdoa os bons. Ele só respeita os que aprendem a falar com ele na língua do poder.

Silêncio. O vitral projeta uma coroa de luz e sombra sobre a cabeça de Deyanira.



A noite avança. O clima fica mais leve. As luzes do salão agora variam entre roxo, amarelo, azul e verde. Flores noturnas desabrocham. A música soa mais alta, envolvente.

Soren e Deyanira dançam. Os corpos se movem no ritmo hipnótico da música élfica, os dedos dele deslizando pelos dela, seus passos guiando-a com precisão.

Seus olhos estão fixos um no outro. Eles trocam carinhos e beijos, Soren a gira no ar, o mundo ao redor se reduz a luzes coloridas.

15. EXT. SAÍDA DO BAILE - NOITE

Deyanira e Soren saem do salão de festas. Estão suados e ofegantes, cansados de tanto dançar. Eles olham ao redor, um pouco perdidos. Uma brisa os percorre e Deyanira abraça o corpo.

SOREN

Sente frio?

Ele a abraça.

DEYANIRA

Sabe que não precisa de desculpas para isso, não é?

SOREN

(fazendo biquinho) Não posso evitar, é o meu charme.



Ele olha ao redor e vê um pequeno grupo de sete jovens sentados ao redor de uma pequena fogueira. Todos conversam animadamente. Soren indica com a cabeça e eles vão em direção ao grupo.

16. EXT. FOGUEIRA - NOITE

Soren e Deyanira se aproximam do grupo e abrem um sorriso simpático.

DEYANIRA

Boa noite! Estávamos pensando se não poderíamos nos aquecer um pouco aqui.

SILDARION, um jovem de cabelos longos e ruivos abriu um sorriso.

SILDARION

Claro! Me chamo Sildarion!

DEYANIRA

(sorrindo) Me chamo Deyanira e este é Soren.

SILDARION

Ah, os forasteiros. Bem, fiquem a vontade. Estávamos discutindo alguns mitos antigos.



Feitas as apresentações, Deyanira e Soren sentaram-se perto de AELTHARION, um feérico alto de cabelos raspados que os cumprimentou educadamente.

SOREN

De qual mito falavam?

SILDARION

Eu estava prestes a contar sobre quando Urk roubou a lira de Keyleth.

AELTHARION

Ah não! Já ouvimos você contar essa mil vezes! Deixe-me contar sobre quando Enock se transformou em um...

VAELORIA

Já sei o que vai dizer, e não! Essa é terrível, nojenta!

DEYANIRA

Vocês já ouviram falar de quando Morbak invadiu as forjas dos gigantes?

Todos se calaram, balançando a cabeça negativamente.

DEYANIRA

Que absurdo! É uma das melhores.

AELTHARION



Só acredito ouvindo.

Deyanira sorri.

DEYANIRA

Bom, devo começar perguntando se todos conhecem Morbak. (acenos positivos) Ótimo. Como o deus da trapaça, Morbak não se permitia uma vida monótona...

A CÂMERA se move para o céu estrelado e depois retorna, indicando uma passagem de tempo. Todos ainda estão ao redor da fogueira, mas Deyanira já está no final de sua história.

DEYANIRA

... e assim ele o fez.

A mulher abre os braços, agradecendo o público. Os jovens estão boquiabertos. Alguns murmúrios surgem e eles comentam a história entre si.

SOREN

(abraçado com Deyanira) Nunca tinha ouvido falar dessa história.

DEYANIRA

Claro que não ouviu, acabei de inventar.



Soren a olha, pasmo. Deyanira segura o riso e faz um "shhh" baixo, apenas com os lábios. Ela vira o rosto para frente com naturalidade, Soren continua a encarando, incrédulo.

VAELORIA

Essa história fez eu me lembrar do Conto Lunar.

SILDARION

Vire essa boca para lá!

Alguns jovens fazem sinais de proteção, Deyanira e Soren se olham confusos.

SOREN

O que é o Conto Lunar?

VAELORIA

Vocês devem ter outro nome. Alguns aqui o chamam de Guardiã do Crepúsculo ou simplesmente Caedros, é um conto de terror para crianças. (ela se volta para os meninos na roda) Eles que são uns bebezões.

SILDARION

Por favor, não conte sobre Caedros, você sabe que esse nome dá azar.

DEYANIRA

Nunca ouvi falar sobre.



Os jovens se olham, incertos. Vaeloria suspira.

VAELORIA

A lenda fala de Vaelyss, uma rainha do mundo antigo, de antes de Lethe, que um dia amou um guerreiro chamado Caedros. Juntos, eles desafiaram a todos, pois sua união era indesejada, já que Vaelyss era uma rainha humana e Caedros um bruxo. Naquele tempo, o mundo sussurrava sobre a união deles, não de um amor puro, mas de um pacto sombrio, uma promessa entre carne e feitiço.

Eles foram contra todos para ficarem juntos, a rainha se corrompeu, abriu mão de sua humanidade e da segurança de seu reino para ficar com Caedros. Mas o destino não perdoa amores que desafiam o equilíbrio. A guerra os separou e, nas trevas, Vaelyss foi traída. Caedros não era um homem sem ambições. Ele desejava mais do que os reinos que conquistaram, mais do que o toque da rainha. Ele queria o trono, o poder que só poderia ser alcançado com um sacrifício maior.

Na noite da lua escarlata, Caedros a traiu. Ele a segurou nos braços, sussurrando promessas de eternidade. E então, num só golpe, cravou sua lâmina em seu coração. Alguns dizem ainda que Caedros a vendeu ao inimigo para preservar sua própria vida, prometendo sua morte em troca de liberdade. Antes de morrer, Vaelyss ouviu Caedros dizer que o sacrifício de um sempre será o caminho para a ascensão de outro, que a rainha deveria compreender seu sacrifício.

Dizem que Caedros ainda está vivo, que busca reviver sua amada a todo custo, porque ela ainda o espera, nas sombras do



esquecimento. Seu renascimento exige um sacrifício, não qualquer um, mas um coração puro, oferecido por um coração sombrio.

Vaeloria se cala, deixando todos absorverem a história. Deyanira, sentada ao lado de Soren, sente o peso da lenda pairando entre eles. Ela sente Soren enrijecer os ombros e ao olhar para ele, vê que toda cor tinha se esvaído de seu rosto. Aeltharion mexe os ombros e faz uma runa de proteção no ar.

AELTHARION

Por isso não gosto dessa história, olha o clima que ficou! É muito triste!

A conversa ganha curso novamente, mas Deyanira não acompanha. Ela fecha os olhos e encosta a cabeça no ombro de Soren, ensaiando um sorriso. Ela abraça o braço do mago e depois de um tempo, ele se relaxa novamente.

Soren observa o fogo e as vozes dos jovens tornam-se ecos.

17. INT. APOSENTOS DE SOREN E DEYANIRA - NOITE

Soren dorme sozinho na cama. Ouve-se sons de papéis. Soren se mexe e acorda lentamente. Deyanira, vestindo sua roupa de viagem, joga um envelope em sua direção, fazendo o mago se erguer assustado.

DEYANIRA



Seu mentiroso, canalha!

SOREN

O que está acontecendo?

Deyanira joga outro papel nele.

DEYANIRA

O que está acontecendo?! O que está acontecendo?! Eu é que te pergunto! Eu adoraria saber por que estamos indo para Anika! Quer dizer, não tem porque ir para um TEMPLO ABANDONADO, não é, Soren?

O mago trava, seus olhos percorrem os envelopes a sua frente e a mesa do quarto, onde sua mochila e caderno de anotações estão abertos.

Soren fecha os olhos e se levanta.

SOREN

Nira, eu...

DEYANIRA

Não ouse chegar perto de mim! Céus, como eu fui burra! Claro, você chegou do nada e... *Argh*, o que eu tenho na cabeça? Eu deveria ter desconfiado, mas tudo aconteceu tão rápido e Nótus e Anis... Céus, como? Como você os enganou, Soren?

Soren ergue as mãos.



SOREN

Por favor, apenas me escute.

DEYANIRA

(voz firme) Não. Eu faço as perguntas agora. O que é isso? (ela segurava uma carta) Por que, Soren, toda vez, tanto em conversas quanto nessas cartas, você se refere a Anika como Sacritis? Porque essas cartas mencionam Anika como lar de um massacre? Porque esse mapa (ela joga o mapa na direção do mago) que você tem mostra que estamos indo para outro lugar? Para onde está me levando?

SOREN

Para Anika.

DEYANIRA

Anika não existem mais! Não de acordo com o que você conta nas cartas. (uma pausa) Eu não queria acreditar, mas aqui está a prova. Sua idade, os lugares que estive...

SOREN

Nira, me escute...

DEYANIRA

Como você sabia?

SOREN

O quê?



DEYANIRA

A frase, as palavras do traidor. Você às disse para mim em Grimnash.

Soren olha Deyanira com um olhar vidrado e permanece mudo.

DEYANIRA

Me diga, Soren! Eu lembro! Eu escutei! Eu escutei você no pantano quando me disse, como é mesmo? Que o sacrifício de um sempre será o caminho para a ascensão do outro? Agora, me corrija se eu estiver errada, mas... Não foram essas exatas palavras usadas hoje durante a história, hein, Caedros?

Soren ergue o olhar, desolado. Deyanira ri com escárnio.

DEYANIRA

Então é isso? É você. Você é a força que Anis tanto teme, o motivo disso tudo! Qual era seu plano, senhor "quero impedir as forças das trevas, deixe-me ajudar"? Me matar pra reviver sua Rainha Apodrecida?

Deyanira joga um copo em Soren com a mente, o mago apenas se encolhe.

DEYANIRA



E o que foi todo esse teatro? Você estava me usando? Me... Testando para ver se tenho um coração bom o suficiente para reviver sua amada?

Lágrimas de fúria escorrem pelo rosto de Deyanira, sua voz treme, mas é carregada de raiva. Soren chora.

DEYANIRA

Eu fui uma tola... Você mentiu esse tempo todo, nunca quis me ajudar.

Soren aperta os lábios, a mandíbula tensa. Mas ele não nega.

DEYANIRA

(sua voz sai como um sussurro afiado) Eu confiei em você.

Soren dá um passo à frente.

SOREN

Deyanira, não é como você pensa-

DEYANIRA

(Interrompendo-o) Então me diga, me prove. Agora. Me prove que não é um traidor, um mentiroso, um monstro mascarado com intenções assassinas.

Soren abaixa a cabeça.



DEYANIRA

Foi o que pensei.

Sua voz sai firme, mesmo entre lágrimas. Ela pega sua mochila e sai do quarto. Ao passar por Soren, joga uma lufada de vento, que o faz cair contra a parede.

18. MONTAGEM

- a) Deyanira atravessa os corredores entre as árvores, trovões soam no fundo.
- b) Ela monta em um cavalo e cavalga tempestade adentro
- c) Soren está no quarto, ele amassa as cartas, as joga no fogo. Explosões de magia vermelha saem de seus punhos, derrubando móveis. Soren grita e lamenta ter falhado novamente.
- d) O dia amanhece, Deyanira para em um riacho para beber água. Ela observa seu reflexo na água: suja, desgastada... Diferente. Ao lavar o rosto, suas mãos tremem.

19. EXT. PERTO DO TEMPLO - DIA

Deyanira chega a uma terra escassa, cinzenta. O céu está nublado e árvores mortas rondam a região. Seu cavalo dá passos lentos, ela toma cuidado com espinhos. O ambiente é mais pesado, como se o mundo a observasse, mesmo sabendo que não havia nada vivo ali, nenhum pássaro canta, nenhuma folha se move.



Deyanira passa por uma trilha abandonada, guiando seu cavalo com cuidado. Em certo momento o cavalo para, se recusando a seguir viagem. Após tentativas frustradas, Deyanira desiste de fazer o animal se mover e desce da sela, seguindo a pé.

A trilha está no final, Deyanira passa pelos últimos galhos secos e olha para cima, assustada com o que vê em sua frente.

FIM



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



332

"Kairos"
Ep 6 - "Eternora"
um roteiro de Julianne Borges



1. EXT. TEMPLO - DIA

Um velho Templo ergue-se a alguns metros de onde Deyanira está. A construção de mármore, adornada com colunas e mosaicos, as paredes são invadidas por heras, que crescem entre as rachaduras. O clima está nublado, uma tempestade ameaça cair e trovões rugem no céu, as nuvens são ocasionalmente delineadas pelas luzes de relâmpagos e logo desfeitas pelo vento cada vez mais forte.

Enquanto Deyanira sobe a escadaria com apreensão, a mulher observa cada detalhe e toca em uma das colunas, como se estivesse sentindo a energia do local.

Deyanira passa pelo portal em ruínas, chega ao naos do Templo e se depara com um espaço aberto, o teto caído há tempos, e no fim do local, onde deveria haver uma estátua, existe apenas uma plataforma de pedra com uma placa de mármore diagonal, o resto da imagem, como se a escultura da deusa ou deus tivesse sido arrancado, ou destruído. É possível, contudo, distinguir espadas esculpidas na placa aos pés da figura, como que fincadas no chão. Deyanira toca em paredes e esculturas sujas e rachadas, ela olha para o chão, onde há grandes manchas escuras, galhos secos saem dos buracos do chão e das paredes.

Deyanira ouve um barulho, o som de algo caindo. Vira-se para trás e não encontra nada. Outro barulho. Ela olha ao redor, procurando a origem do som.

Um último barulho ressoa no final do Templo, ao se virar, Deyanira vê Soren parado em frente a placa de mármore.



Eu sabia.

SOREN

Não, não sabe.

O mago está olhando fixamente para a mulher, com pavor nos olhos. Ele começa a andar em sua direção e um tremor percorre Deyanira, que recua. Ela abre a boca para dizer algo, mas é interrompida por mãos que a seguram por trás e um pano com ervas em seu nariz, que a faz perder a consciência.

2. EXT. TEMPLO - FINAL DO DIA

Deyanira acorda, seus olhos tampados. A mulher tenta se mexer, sem sucesso. Deyanira está amarrada na plataforma no fim do templo, na parte diagonal. Ela puxa os braços e pernas para tentar se soltar.

Vemos Deyanira com o corpo amarrado e os olhos com uma faixa (como a carta oito de espadas).

A voz do Rei Nótus ecoa no vazio. Deyanira congela o rosto, que olhava desesperadamente ao redor, e vira o pescoço lentamente para frente, podemos ver o choque em seu rosto. Uma mão tira a venda de seus olhos.

POV DEYANIRA: As sombras e sua visão entram em foco. Rei Nótus encara Deyanira.

A luz fraca destaca suas feições cansadas e tristes. Atrás dele, Soren caminhava em silêncio, atento a cada reação de Deyanira.



O Rei inspirou fundo.

REI NÓTUS

Se os deuses tivessem me ouvido, esse momento nunca teria chegado... Rezei, Roguei por uma falha no destino, um desvio, uma falha no caminho que nos afastasse disso. Mas não houve resposta. Não houve escolha.

DEYANIRA

Você sabia? (sua voz sai fraca) Você me mandou para cá de propósito? Por quê? (o rei não responde) Seja lá o que ele te disse, é mentira! Isso não é pelo reino, é por ele! Sabe porque ele precisa de mim?

REI NÓTUS

Algumas histórias devem permanecer ocultas, minha filha...

Deyanira chora e se debate contra as cordas.

REI NÓTUS

Acha que não me opus? Que não me debati contra essa verdade assim como um homem se debate em águas revoltas? A cada sinal, eu me recusava a acreditar, porque era você. Justo você.

O silêncio se instaura por um instante. O olhar de Nótus cruza com os olhos marejados de Deyanira. O olhar de Nótus é triste, já o de Deyanira enchia-se de fúria.



REI NÓTUS

O que você carrega... (ele tem as mãos atrás do corpo e caminha de um lado para o outro) Está devorando este mundo.

DEYANIRA

Foi o Soren quem te disse isso?

REI NÓTUS

Está enraizado em você, crescendo como um fogo que não pode ser contido.

DEYANIRA

(gritando) Ele mentiu! Ele não é quem diz ser!

REI NÓTUS

Se houvesse outro caminho, qualquer outro caminho...

Deyanira olha ao redor, buscando o mago. Soren está afastado, escondido na penumbra, apenas observando.

DEYANIRA

Diga a verdade, Soren!

REI NÓTUS

Eu... Eu, como Rei e protetor de Lethe, não posso permitir que isso aconteça.



Deyanira chora em desespero, o Rei a ignora. Ele recua alguns passos, abrindo caminho para Soren.

Deyanira olha através das lágrimas para Soren, que se aproxima, trêmulo. O homem pisa em um degrau por vez, sua mão segura firme uma adaga. A mulher tenta se soltar, e quando ele se aproxima ela fecha os olhos e encolhe o corpo.

DEYANIRA

Traidor...

Sua voz sai fraca. Soren ergue a adaga e prepara o golpe. Ele hesita. A câmera mostra Deyanira, a mulher, ainda de olhos fechados, soltando um riso curto, que logo se torna um sorriso e uma risada. Ela ergue o olhar para o mago e ele recua. Uma voz ressoa atrás deles, no centro do templo.

DEYANIRA

Você nunca aprende, não é?

Soren se vira. Deyanira está parada, livre, onde momentos antes não havia ninguém.

Soren e Nótus olham para a plataforma, agora vazia. Deyanira começa a andar lentamente na direção deles, as sombras do ambiente parecem acompanhar seu encalço.

DEYANIRA



(abrindo os braços teatralmente) Meu amor... Todas essas vidas e você ainda hesita? Tsc, tsc... Seu coraçãozinho não tem jeito né? Sempre falei que sua moral de mago seria seu fim.

Nótus empunha a espada e ataca, Deyanira entorta a espada com a mão e empurra o rei para longe, continuando sua caminhada até Soren. Sua mão sangra, mas ela parece não notar.

DEYANIRA

Eu esperava uma recepção mais calorosa... E eu prefiro Deyanira, de qualquer forma. Sabe, você foi muito inteligente dessa vez, a coisa de magia da natureza, muito esperto. Há três encarnações atrás eu estaria perdida! (ela ri)

Soren mantém o corpo rígido, pequenas faíscas crepitavam em seus dedos.

SOREN

Quando se lembrou?

DEYANIRA

A pergunta é: será que eu me esqueci? Será que em algum momento eu de fato esqueci tudo?

Um tilintar tira a concentração da feiticeira, Nótus tenta outra investida. Deyanira se vira rapidamente e com um único movimento enfia a mão no corpo do rei e a retira, retornando com a mão ensanguentada e segurando o coração do monarca. Ela observa o



órgão brilhante, banhado em sangue e admira o próprio trabalho, a própria força. Ela poderia ter usado magia, mas não seria tão divertido. Ela preguiçosamente limpa as mãos na roupa.

Soren pega a adaga do chão e tenta apunhalar a mulher, lançando a arma, mas Deyanira se vira e a lâmina para no meio do caminho, flutuando de encontro com o rosto dela. Os olhos de Deyanira se acendem num verde profundo e ela posiciona a mão ensanguentada na frente de Soren, que grita de dor.

Soren cai de joelhos, segurando a cabeça. Deyanira está em sua frente.

SOREN

Não precisa me torturar com memórias, já me amaldiçoou o bastante.

DEYANIRA

Então erga-se e prove que me vencerá.

Soren se levanta. Os dois se encaram no centro do templo envolto por penumbra.

Ele ataca primeiro, cortando o ar com uma lâmina encantada que exalava chamas azuis. Deyanira ergue uma barreira mágica, feita de sombras densas. O escudo absorve o impacto e o chão do templo treme sob seus pés. Deyanira se envolveu em sombras e some.

Soren começa a olhar ao redor.

SOREN



Então é isso? Vai se esconder atrás de truques sombrios? Não adianta!

Deyanira surge atrás dele, jogando um raio vermelho em sua direção, Soren desvia. Deyanira gira, ágil como um vulto, e dispara uma rajada de esferas escuras. Soren ergue uma barreira prismática, onde cada esfera se desfazia em um brilho opaco ao colidir.

DEYANIRA

Todo esse tempo fez você aprender um truque ou dois. Pena que também aprendi.

Ela se torna um vulto novamente, surgindo ao lado dele e desferindo cortes com uma adaga. Soren é arranhado algumas vezes, mas desvia dos ataques mais letais. Ele estala os dedos e uma chuva de lâminas voa em direção a Deyanira.

A maioria das facas cai no chão com um gesto displicente da feiticeira, as que atravessam sua pele, parecendo não incomodar. Um líquido escuro e denso escorre dos furos.

SOREN

Isso é sangue? Ou já passamos desse ponto?

Deyanira sorri. O sangue começa a subir pelo ar, formando runas vermelhas. O templo estremece, a poeira sobe das rachaduras.

Soren para. Ele olha para além da placa diagonal de mármore. Deyanira sorri de modo maníaco.



DEYANIRA

Muito atencioso da sua parte nos deixar perto uma da outra.

O chão treme e racha, e então os corpos começam a se erguer. Dezenas de cadáveres de mulheres saem da terra, se arrastando. Algumas usam armaduras, outras túnicas cerimoniais, cada uma trazendo o peso de uma vida antiga. Soren recua um passo instintivamente.

DEYANIRA

Você não acha que eu seja a melhor? (grito) Então eu te provo que sou a melhor!

Soren fecha os olhos.

SOREN

Então, que se levantem.

Ao abrir os olhos, uma luz irradia deles, reforçando o feitiço de necromancia. Os cadáveres começam a atacar Deyanira. Uma com cicatrizes profundas e buracos nos olhos atacou primeiro. Outra, vestida de ouro e carmesim, ergue uma lança espectral e ataca. Deyanira desvia do chicote, girando no ar, enquanto bloqueia a lança com um escudo de trevas.

DEYANIRA



Isso é uma piada, Soren? Quer me fazer duvidar de quem sou? Do que eu quero?

SOREN

(sussurrando) Você já duvida.

Um corpo imobiliza Deyanira pelos braços, mas ela o empurra para longe. Outra tenta sufocá-la, mas Deyanira arranca sua cabeça com um golpe.

DEYANIRA

Nenhuma de vocês me define! Eu sou a soma de todas. São apenas ecos fracos do que eu já fui! Hoje, eu sou mais do que todas vocês jamais poderiam ser!

Ela ergue as mãos e, num instante, toda a energia que absorvera explode numa onda destrutiva. Os ecos das encarnações passadas gritam ao serem consumidos. Soren recua, olhos arregalados.

Os corpos caem no chão, novamente mortos. Deyanira agora tinha os olhos e têmporas delineados por veias escuras. Algo mudou em sua fisionomia, uma aura sombria a dominava e a fortalecia. Ela estrala o pescoço e caminha lentamente até Soren, desviando dos corpos.

DEYANIRA

Sombras do passado, fantasmas esquecidos... Não há destino, Soren, não há passado... Só eu permaneço.



Ela ergue a espada do Rei e mentalmente a desentorta. Soren tenta se defender, mas é tarde. A lâmina voa e se finca em suas costas. Ele grita.

3. INT. SALA DE ANIS - NOITE

O lugar é grande, abarrotado de coisas. Bugigangas mágicas e instrumentos para pesquisas astronômicas estão espalhados, papéis e livros velhos se juntam em pilhas.

Anis está na pequena sacada, bebendo chá.

A porta se abre com força e a Rainha Camila entra.

RAINHA CAMILA

Anis. Onde está meu marido? O que está acontecendo? Eu procurei os criados, mas ninguém me diz nada.

Anis não desvia o olhar do céu.

RAINHA CAMILA

Me responda! Estou farta de todos me tratando assim, eu sou a Rainha agora.

Anis toma mais um gole de seu chá e olha lentamente para a Rainha, como se tivesse acabado de notar sua presença. Ele a analisa.



ANIS

Se aproxime, criança. Precisamos conversar.

A mulher se aproxima, a contragosto. Ela se apoia na sacada.

RAINHA CAMILA

O que está acontecendo? Estou preocupada.

ANIS

Venha, deixe-me contar uma história.

Anis pousa a xícara na sacada e se senta em uma pequena poltrona. Ele indica para que Camila faça o mesmo e se sente na poltrona atrás dela.

ANIS

Séculos atrás, nos primórdios do reino, antes de Lethe ser batizada, essas terras eram governadas pelos elementais. Seres brutos que tomavam a vida e a paz das demais espécies. Um homem surgiu, Dax, aquele que viria a ser o Primeiro Rei de Lethe. Ele reuniu as espécies e classes mágicas e humanas em um exército pelo fim da ditadura elemental.

4. EXT. CAMPO DE BATALHA - DIA

FLASHBACK



Um campo de batalha sangrento. Guerreiros gritam e se matam. Há sangue e fumaça por todos os lados. Um humano, Dax, o Primeiro Rei, monta em um cavalo e lidera a batalha. Um exército formado por draconianos, humanos, elfos e diversas outras criaturas lutam contra seres elementais.

O foco vai para o céu, onde um dragão de escamas azuis corta a fumaça e queima o lado inimigo, cercando o exército adversário. Uma pessoa cai do dragão.

ANIS (V.O.)

É claro que ele teve ajuda.

Soren pousa no chão graça, quase flutuando. Ele sorri, a expressão vívida. Ele lança feitiços quando, ao seu lado, uma mulher surge.

ANIS (V.O.)

Dax tinha uma aliada muito poderosa, versada em magia. Nxythra era descendente de um clã antigo, um dos primeiros ocupantes da terra e, assim como Dax, Nxythra desejava a liberdade de seu povo.

Ela tem cabelos vermelhos presos em uma longa trança, seu olhar é feroz. Ela se materializa ao lado de Soren, uma junção de sombras, e o acompanha na magia.

A mulher é mais poderosa, derruba e destrói grupos de homens de uma vez só, transforma-os em pedra e os reduz ao pó.



5. INT. BIBLIOTECA REAL - DIA

FLASHBACKS

Dax está no centro de um círculo. Ele discursa para seres de espécies variadas: draconatos, humanos, anões, trolls, etc. Nxythra e Soren estão juntos.

ANIS (V.O.)

Após os aliados ganharem a Guerra dos Archerontes, o Primeiro Rei, Dax, reuniu um representante de cada espécie aliada e dividiu seu território em províncias, todas fiéis à capital. O Primeiro Rei foi capaz de derrotar todos seus inimigos e instalar seu reinado graças à feiticeira que tomou o fronte de batalha.

Dax estende a mão até Nxythra, que se aproxima sorrindo.

6. EXT. TEMPLO - DIA

FLASHBACKS

Templo onde acontece a batalha entre Soren e Deyanira. O local está novo, brilhante. Plantas nascem com abundância e sacerdotisas passeiam e conversam.

ANIS (V.O.)



Ela era tão poderosa que alguns habitantes começaram a cultuá-la como deusa. Nxythra se tornou conselheira real, e conquistou seu pequeno reinado na magia. Mas Nyxthra não estava sozinha.

Nyxthra está treinando luta com um homem. Ela ri e se diverte. Nyxthra avança no homem e o derrota. Com um sorriso, ela o ajuda levantar.

NYXTHRA

Fracote.

O homem se levanta, rindo. É Soren, mas seu cabelo está mais curto, a expressão mais leve.

SOREN/CAEDROS

Pelo menos eu não roubo.

NYXTHRA

Eu não roubei!

Soren/Caedros revira os olhos. Eles riem e ele a gira nos braços, terminando com um beijo. Nyxthra usa seu cabo de treino e derruba Soren/Caedros e ri, ele se levanta e a persegue.

ANIS (V.O.)

Se Dax tinha Nyxthra. Nxythra tinha Caedros.



7. EXT. LAGO - DIA

FLASHBACKS

Nyxthra e Caedros estão na beira de um lago. Cada um lê um livro. O casal está abraçado.

ANIS (V.O.)

Eles haviam se conhecido durante a guerra, lutado lado a lado pelo Rei e se apaixonado. Eram chamadas que queimaram juntas, com o mesmo ardor. (pausa longa) Mas Nyxthra queria mais.

Nyxthra tira os olhos do livro e encara Caedros. Ela abre a boca, mas desiste de falar, voltando a ler. Caedros, sem erguer os olhos, diz.

CAEDROS

Vá em frente.

NYXTHRA

Eu só estava pensando... Dax está ficando velho.

CAEDROS

(rindo) Bom, acho que sim. Ele já deve ter uns sessenta anos.

NYXTHRA

Tudo isso? Então é pior do que eu pensava.



CAEDROS

(tirando os olhos do livro) Do que está falando?

NYXTHRA

Eu venho pensando nisso há um tempo já, tenho medo do futuro do governo. Dax é humano, logo partirá e será substituído? Por quem? Por seu filho? É tão novo... Tenho medo de algum nobre o influenciar...

CAEDROS

(suspirando) Está divagando, vá aonde quer chegar. Sabe que não precisa disso comigo.

NYXTHRA

Nosso reino é instável. Temos um rei humano, Dax viverá até seus o que? 80 e poucos anos? Um pouco mais? E depois virá outro sucessor humano. Quem garante que ele terá os mesmo ideais, a mesma visão de paz e até a mesma capacidade de governar? Nós, que vivemos por séculos, ficaremos aqui, à mercê de homens humanos com uma vida precoce, tão breve quanto uma respiração de qualquer um de nós.

Caedros a olha com seriedade.

CAEDROS

Onde quer chegar? Você é a conselheira real. Pretende depor Dax? Tirar a criança da linha de sucessão? Está pensando demais, nós lutamos pela paz e ela veio, e assim permanecerá. Acredito que



Dax confia em você para passar os ensinamentos para os sucessores enquanto viver, creio que seja até por isso que foi nomeada. Ele confia em você, e além disso, somos fiéis ao Reino.

Nyxthra dá de ombros, preferindo não estender a discussão.

8. INT. SALAS DE REUNIÕES, JANTARES, CORREDORES, ETC. - DIA

FLASHBACKS

Nyxthra em vários locais do palácio conversando furtivamente com nobres de várias espécies, menos a humana.

ANIS (V.O.)

Nyxthra não se contentou com os dizeres de Caedros. Também não revelou o que seu coração guardava: acreditava que deveria ser a Rainha, já que ela era tão responsável quanto Dax pela vitória na guerra. Usou de sua influência e convenceu os novos nobres que possuir um rei humano era algo instável, pois a substituição aconteceria em curtos períodos de tempo, em vista que os humanos vivem pouco em comparação aos seres mágicos. Um a um, os governadores e representantes mágicos tomaram partido de Nyxthra, secretamente. O golpe estava pronto.

9. INT. ESCRITÓRIO DE NYXTHRA - NOITE

FLASHBACKS



Nyxthra está em seu escritório estudando. Ela mexe em poções e revira livros. Ao se olhar no espelho, observa pequenas veias se destacando sob sua pele.

ANIS (V.O.)

Para isso, a feiticeira se armou. Com a mente consumida pela ambição, deixou seu coração ser consumido pela magia negra, pelo caos. Nyxthra buscou apoio em conhecimentos ocultos para se consagrar como ainda mais poderosa, e conseguiu. A noite do golpe se aproximava, só faltava mais uma coisa.

10. INT. ESCRITÓRIO DE NYXTHRA - NOITE

FLASHBACKS

Um TRAVELLING mostra outro lado do escritório, Nyxthra discute com Caedros. Sua vozes são sussurros, porém agressivas.

CAEDROS

Era você esse tempo todo?

NYXTHRA

Então você sabe? Quando descobriu?

CAEDROS

Dax me pediu para investigar, ele está desconfiado de um golpe há meses!



NYXTHRA

Ele sabe? E porque não me disse nada?

CAEDROS

Por que *you* não me disse nada?

Nyxthra passa a mão nos cabelos soltos, ela olha ao redor, pensando com raiva.

NYXTHRA

Certo, ainda podemos agir, temos tempo. Eu preciso que *you* vá até-

CAEDROS

Eu? Nyxthra, eu não vou participar disso.

A mulher olha o mago, chocada. Ela fica imóvel.

NYXTHRA

A-é, uhm... Perdão? Não vai?

CAEDROS

É claro que não! Isso é traição!

A feiticeira se aproxima dele e pega sua mão.

NYXTHRA

É uma revolução!



CAEDROS

É um golpe.

Ele está sério, o sorriso dela se desmancha em compreensão.

CAEDROS

Temos um dever.

Nyxthra solta a mão de Caedros bruscamente.

NYXTHRA

Ah, claro... O imaculado dever dos magos! Isso é patético, é moralista. Nós dois sabemos que é o certo! É o melhor para Lethe, para nós.

CAEDROS

Você quer deixar este reino recém-nascido órfão. Revolução? A terra nem desabrochou para ser tomada novamente.

Nyxthra o olha e arruma a postura.

NYXTHRA

Está nervoso, compreendo. Darei até meia-noite de amanhã para você pensar. Estarei no templo, me encontre lá. Com ou sem você, farei o que preciso. Gostaria profundamente que fosse com você ao meu lado.



Caedros se retira, sem dizer qualquer coisa.

11. EXT. TEMPLO - NOITE

FLASHBACKS

É tarde. O local está silencioso e iluminado apenas pela Lua.

ANIS (V.O.)

Veja bem, não sei se está familiarizada com as classes de magia, mas elas se apresentam diferentes em cada um: um bruxo ganha magia por pacto, seja com entidade ou força da natureza. Um feiticeiro nasce com a magia, descende de uma linhagem, é algo que cresce dentro de si, sem regras ou vínculos. O mago é o oposto do feiticeiro, sua magia vem da disciplina e dos livros, ele faz por merecer. Entende? Duas forças opostas unidas pelo laço do amor. A feiticeira queria seu amado ao seu lado ao mudar o reino, já o mago deveria impedir isso, se seu dever e sua moral estivessem ligados ao reino. E assim, ele fez o que foi preciso.

Nyxthra chega ao templo, e, ao passar pela pequena trilha, grita ao ver o que a aguardava.

O jardim estava banhado em sangue, corpos de sacerdotisas estavam caídos sem vida.

Ela corre pelas mulheres, tentando acordá-las em vão. Nyxthra ergue o olhar e vê a porta do templo aberta. Cheia de fúria, ela vai até lá.



12. INT. TEMPLO - NOITE

FLASHBACKS

Nyxthra passa pelo portal. Ela trava ao ver o cenário à sua frente.

No interior do templo, um homem está parado de costas. Ele possui roupas chamuscadas e está ofegante. O homem permanece quieto, como se esperasse algo acontecer. Ele segura uma espada ensanguentada.

Caedros vira o rosto para trás ao ver Nyxthra, lágrimas se misturam com sangue em seu rosto.

Sem dizer nada, Nyxthra começa a atacar.

Ela desfere golpes mágicos e Caedros apenas se defende, não ataca de volta.

NYXTHRA

Como você pôde? Seu monstro!

CAEDROS

(seco) Me mandaram garantir que ninguém a vingaria.

Nyxthra chora compulsivamente. Ela para de atacar, ofegante.

NYXTHRA

Você contou para ele. Me traiu.

CAEDROS



Fiz o que era preciso.

NYXTHRA

Seu verme traidor! Você é o monstro! Se esconde atrás do seu precioso dever porque tem medo do que iria encontrar se olhasse para dentro!

Nyxthra se prepara para atacar, mas mãos de guardas a seguram e prendem braceletes de prata com runas em seus punhos, haviam tomado sua magia.

CÂMERA LENTA: Nyxthra grita e chora, guardas a levam para frente de uma estátua que as sacerdotisas haviam feito, Dax a aguarda, Caedros fica paralizado. Ela é jogada de joelhos na frente do Rei, ele diz algo que não podemos ouvir e Nyxthra responde cuspiendo no chão. Dax sinaliza e Caedros se aproxima. Nyxthra é segurada de joelho pelos cabelos por um guarda. Ela observa Caedros se aproximar segurando a espada e começa a rir. Ele ergue a arma.

E então o ar fica gelado, a respiração dos presentes começam a se condensar, as plantas a morrer e Nyxthra começa a murmurar um encantamento.

Caedros usa magia para tentar impedir, mas Nyxthra continua falando, Dax grita.

DAX

As algemas! Por que não funcionam?

CAEDROS



Ela está usando o calor e a vida do ambiente como fonte de energia, está canalizando.

O feitiço de Nyxthra toma força.

ANIS (V.O.)

Ela poderia ter feito muitas coisas. Matado o rei, matado Caedros, ousou dizer até reviver aquelas mulheres. Mas Nyxthra sabia que deveria ser mais doloroso, uma punição mais duradoura. E assim nasceu Panoptarium.

Uma aura prismática envolve Nyxthra, que agora grita as palavras. Caedros cai no chão, fraco. Nyxthra olha para ele com um ar irreduzível.

ANIS (V.O.)

Nyxthra deu a última palavra, no fim das contas, ela conseguiu o controle do reino, apenas não como inicialmente esperava. Em seus últimos momentos, Nyxthra lançou uma maldição em Lethe.

13. MONTAGEM

- a) Imagens de Caedros fugindo, se escondendo no pantano.
- b) Nxythra em suas diversas encarnações, mostrando seus rostos.
- c) Caedros matando a versão de Nxythra que utilizava uma túnica azul.
- d) Deyanira criança com seus pais.



- e) Deyanira criança na biblioteca estudando magia escondida.
- f) MORANA, mãe de Deyanira com Deyanira criança em seus aposentos. As mãos ensanguentadas e o corpo do pai de Deyanira no chão.

MORANA

Eu sabia que era você... Eu vim por isso. Você fará grandes coisas, minha filha. Lembre-se de mim e de onde veio.

- g) Morana enfiando uma faca em seu estômago e Deyanira observando.

ANIS (V.O)

Maldição que foi dividida em três partes: enfeitiçou primeiramente a si mesma: sua alma não teria descanso ou paz, ela voltaria de anos em anos, em alguma família nobre, para que a ameaça estivesse perto do rei, ela em algum momento se lembraria de seu passado e tentaria tomar o trono, isso aconteceria quantas vezes necessário até ela conseguir seu poder. Segundo: ela amaldiçoou seu rei e sua linhagem: a família real e toda a nobreza viveria e seria moldada pelo constante medo da volta de Nyxthra, cada nascimento de criança não seria uma dádiva, mas um alerta. E por último, ela amaldiçoou seu amor: o feiticeiro seria imortal, e toda vez que ela voltasse, ele deveria matá-la, apenas ele consegue matar a mulher e vice-versa, se fosse para morrer, seria um pela mão do outro. O feiticeiro viveria para reencontrar a mulher que ama, se apaixonar e então tirar sua vida, diversas



vezes, até que fosse feito o contrário. A maldição recebeu o nome de Panoptarium.

h) O Templo começa a ruir enquanto Nxythra lança a maldição (como a carta da Torre).

14. INT. TEMPLO - NOITE

DEYANIRA

Você lutou como se pudesse mudar o inevitável, Soren.

Deyanira materializa outra espada nas costas de Soren.

DEYANIRA

Olhe ao redor, já estivemos aqui antes, e antes disso também. E todas as vezes você escolheu algo que julgou maior, algo que até hoje jura que pode me deter. Mas a verdade sempre esteve diante de você. (ela abre os braços) A convergência de todas as minhas vidas, a força que sobreviveu a cada morte, a cada traição, a cada tentativa desesperada de me destruir.

A cada fala, uma espada surge e perfura as costas do mago. Soren cai de joelhos na quarta. Tenta se levantar, mas está fraco. A energia vibra pela pele de Deyanira em ondas espectrais.

DEYANIRA



Você me fez duvidar de mim mesma. Quis me prender às sombras do que já fui. Mas olhe ao redor, Soren. Olhe para o lugar que construí e que agora se desfaz em minhas mãos. Olhe para os ecos do nosso passado caídos sobre nossos pés, reduzidos a nada diante do que sou hoje.

Ela respira fundo, erguendo o queixo. Ela olha Soren caído no chão, com dez espadas em suas costas, ele se arrasta (como a carta dez de espadas).

DEYANIRA

E logo você se juntará a elas. (pausa) Se bem que, depois de todo esse tempo, talvez eu tenha uma contraproposta.

Soren ergue o olhar, o sangue escorrendo. Deyanira continua, em seu olhar surge, pela primeira vez, hesitação.

DEYANIRA

Nós já estivemos aqui tantas vezes, em tantos finais... Sempre separados por algo, caindo em lados opostos.

SOREN

Você nos separa.

DEYANIRA

Deixe-me falar, por favor. Deixe-me falar porque... Porque dessa vez acho que podemos ter um final diferente. E se dessa vez... Escolhermos algo novo?



Com um abanar de mãos, as espadas somem. Deyanira observa Soren tentar se levantar.

SOREN

(rindo amargo) Você quer o quê? Que eu me ajoelhe? Que eu me curve diante do que você se tornou? Isso não é redenção, Nyxthra, é um abismo. Eu não saltarei com você.

Deyanira enrijece ao ouvir o nome.

DEYANIRA

Caedros, não precisa ser assim! Pense em tudo que poderíamos fazer, o que poderíamos construir juntos! Não se lembra do que já tínhamos feito? Você não vê? Você sempre foi a única constante... Sempre meu único igual. Não façamos mais isso ser sobre derrota e morte, tornemos isso uma ressurreição. Estou cansada. Cansada de lutar, cansada de perder você, cansada de renascer apenas para repetir esse ciclo. Dessa vez... Você pode ficar, nós dois podemos. Não está cansado?

SOREN

Cansado? (ri) Eu estou exausto! Exausto dessa vida e desse ciclo.

DEYANIRA

Então venha! Seja parte disso!

SOREN



Parte de quê? De um reinado de trevas? De um mundo moldado à sua imagem distorcida? Eu estou exausto, mas prefiro morrer sendo eu mesmo do que viver como um monstro ao seu lado. Se está cansada, então pare. Mas eu sei que não vai. Porque você nunca soube como ser outra coisa além de destruição. Eu tenho meu dever.

DEYANIRA

Seu dever? O que o seu dever te deu? Uma vida eterna e amarga? Condenado a se torturar até que alguém faça isso por você?

SOREN

Meu dever me deu força para sobreviver a isso. Quem me deu a vida eterna e amarga foi você.

Silêncio. O templo parece se contrair ao redor deles. Os dedos de Deyanira tremem. Um lampejo de dor atravessa seu rosto e ela segura as lágrimas.

SOREN

Eu prefiro morrer com meu dever do que reinar como um monstro ao seu lado, ao contrário de toda a minha vida, isso eu posso decidir. O meu fim.

Deyanira ergue o queixo, lágrimas escorrem.

DEYANIRA

Que assim seja.



Ela avança, e sua adaga perfura o peito de Soren. Ele engasga, olhos arregalados. Sangue escorre de sua boca. Eles se encaram, eles choram.

Quando Soren cai, ela cai junto. Deyanira segura seu rosto, como se uma parte de si quisesse parar o inevitável, mas já estava feito.

DEYANIRA

De toda forma eu teria lançado esse feitiço... Só que para um fim diferente.

SOREN

(fraco) Eu sei... De toda forma funcionou para mim.

Eles se encaram por uma última vez, e então Soren fecha seus olhos. As mãos de Deyanira seguem firmes, segurando o corpo do mago enquanto ele se reduz a cinzas. A poeira voa pelo vento e gruda na pele de Deyanira, que absorve.

Ela fecha os olhos, engole o choro e, sem olhar para trás, deixa o Templo.

Ela havia vencido.

15. INT. SALA DE ANIS - NOITE

Anis suspira e sorve um pouco do chá, fazendo uma careta ao sentir o gosto da bebida já fria.



RAINHA CAMILA

Não entendo, por que me contou essa história?

Anis ergue o olhar e observa o céu noturno.

ANIS

Eu gosto das estrelas, elas contam histórias. Segredos. As estrelas já viram muita coisa. Dizem que quando uma estrela vê demais, ou assiste um ato muito terrível, ela explode. (ele aponta a mão cheia de anéis para um ponto no céu) Ali, uma estrela está faltando, e aquela ali está brilhando mais forte. Estranho, não?

Ele ergue as sobrancelhas pintadas para a Rainha, que franze as sobrancelhas em confusão.

16. EXT. ESTÁBULO - DIA

O dia está nublado. Dario observa o jardim. Ele se levanta ao ver uma figura encapuzada chegar em um cavalo.

DARIO

Oh dona Nira! Demorou mas chegou, num é? O que aconteceu com a Ireneia?

Deyanira desce do cavalo em silêncio.



DARIO

Cadê o moço? Num vai me dizê que ele fez a passagem?

Sem dizer nada, Deyanira entrega as rédeas do cavalo para Dario e se afasta do estábulo.

Dario, ao abrir a mão, encontra quatro moedas (septeres) em sua palma.

17. INT. SALA DO TRONO - DIA

As portas se abrem e Deyanira, ainda encapuzada entra. Todos a olham, sabem que há algo de errado. Ela começa a andar até o trono.

Hector, um nobre, dá um passo à frente.

HECTOR

Milady, não temos notícias do rei há dias! A senhora não recebeu nenhum recado?

Deyanira o ignora. Ela vai até o trono e se vira, olhando para todos. Ela se senta no trono, provocando murmúrios suspiros indignados. A mulher tira sua bolsa da lateral do corpo e a abre. Num gesto rápido ela tira de dentro da bolsa a cabeça do Rei Nótus e a joga. A cabeça sai rolando pelo salão e para em frente aos nobres, os olhos mortos e vazios os encarando.

Gritos surgem e a corte tenta fugir, mas as portas estão fechadas. Todos se desesperam.



Em meio ao caos, Anis se aproxima de Deyanira lentamente e se curva. Deyanira tira o capuz, revelando os olhos com veias. Anis ergue o olhar.

ANIS

Dama dos Sussurros, Soberana do Véu Sombrio, Deusa da Estátua Partida, e finalmente, Rainha de Lethe. É uma honra servir em seu reinado, mãe dos feiticeiros.

Deyanira sorri.

FIM



8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A estrutura mítica da Jornada do Herói, formulada por Campbell (2024), consolidou-se como um dos principais paradigmas narrativos do cinema contemporâneo. Entretanto, obras que tensionam ou subvertem esse modelo têm ganhado destaque, especialmente ao colocarem em xeque os papéis tradicionais de herói e vilão. Este trabalho parte da análise desse deslocamento narrativo para discutir como o conceito de sombra, desenvolvido por Carl Gustav Jung (2008) em *Aion: Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*, e sua abordagem arquetípica presente em Nichols (2007), que permitem uma interpretação mais profunda de personagens que encarnam contradições éticas e psíquicas.

A fundamentação teórica a seguir se organiza em três eixos principais: o primeiro discute a Jornada do Herói como estrutura mitopoética; o segundo apresenta os conceitos junguianos de sombra, com ênfase nas figuras femininas mascaradas; e o terceiro analisa o simbolismo arquetípico do tarô como representação do anti-herói. Tais conceitos serão utilizados para interpretar narrativas que conduzem o espectador por uma jornada ilusória, revelando, ao final, uma inversão simbólica entre mocinho e vilão.

Campbell (2024) propõe que todos os grandes mitos criados ao longo da história compartilham uma estrutura narrativa comum: a jornada do herói. Recebendo o nome de *monomito*, esse padrão está presente em diversas culturas, crenças e épocas. A ideia sugere a existência de uma estrutura universal que representa a experiência humana em sua totalidade – psicológica, espiritual e social. (Campbell, 2024, p.17-54)

O *monomito*, também chamada de Jornada do Herói, é interpretada como um reflexo dos processos psicológicos humanos ao longo da existência, um mapa simbólico para os desafios da vida. O processo de nascimento, crescimento, crise, morte simbólica e renascimento pode ser observado em mitos gregos, como por



exemplo Hércules, em crenças cristãs, como a jornada de Jesus Cristo, e atualmente está muito presente na cultura pop, em personagens como Luke Skywalker, no *blockbuster Star Wars*, de George Lucas.

Campbell (2024, p.56-232) divide a Jornada do Herói em 17 estágios, agrupados em três grandes fases:

I. **PARTIDA:** é o início da dissolução do ego. Para Jung, autor que influenciou fortemente as idéias de Campbell, o ego é a porção consciente da psique — a identidade construída, a máscara que usamos para navegar o mundo. A dissolução do ego não significa aniquilação da identidade, mas o seu rebaixamento em favor de um centro mais profundo: o Self. É o momento em que o herói deixa o mundo comum. É dividida em cinco estágios, sendo eles:

1. **O Chamado à Aventura:** o herói sofre uma intervenção em sua rotina e é obrigado a entrar em um mundo desconhecido ou a enfrentar uma jornada, rompendo o estado de conformidade. Isso pode ser um desafio externo (como um inimigo) ou interno (como uma crise existencial).
2. **Recusa do Chamado:** inicialmente, o herói hesita em atender ao chamado, seja por medo, insegurança ou apego ao mundo antigo. É a resistência ao autoconhecimento, a relutância em sair da zona de conforto.
3. **Ajuda Sobrenatural:** surge um mentor ou guia (pode ser uma figura espiritual) que oferece ferramentas, conselhos ou proteção. Arquetipicamente, é o sábio ou a força interior que auxilia na transição.
4. **Travessia do Primeiro Limiar:** o herói deixa o mundo conhecido para entrar em território desconhecido. Símbolo do nascimento para uma nova vida ou realidade.
5. **Ventre da Baleia:** é a entrada simbólica em um útero escuro. O herói desaparece do mundo conhecido. É engolido pela escuridão: a transformação interior começa.



II. INICIAÇÃO:

1. **Caminho de Provas:** o herói é testado, encontra aliados e inimigos. Passa por testes e desafios internos e externos que desenvolvem sua força e consciência.
2. **Encontro com a Deusa:** representa a união com o feminino, a plenitude, o amor, a intuição.
3. **A Mulher como Tentação:** desvios do caminho verdadeiro. Representa a sedução pelos desejos do ego.
4. **A Sintonia com o Pai:** conflito com a figura paternal ou a autoridade. Símbolo da aceitação da ordem e da lei superior.
5. **Apoteose:** Transcendência do ego. O herói atinge um estado elevado de consciência.
6. **A Benção Última:** o herói adquire o que veio buscar: sabedoria, poder, cura, libertação.

III. RETORNO:

1. **Recusa do Retorno:** o herói hesita em voltar. O novo mundo é mais real que o antigo. A sabedoria conquistada pode parecer inútil em um mundo que ainda dorme.
2. **Fuga Mágica:** às vezes, o retorno precisa ser dramático — uma fuga, perseguição ou jornada difícil. Reflete a dificuldade de integrar o novo conhecimento na realidade.
3. **Resgate com Auxílio Externo:** Alguém (um salvador ou força) intervém para que o herói tenha forças para retornar.
4. **A Passagem Pelo Limiar do Retorno:** o herói retorna ao mundo antigo, trazendo sua conquista ou ensinamento adquirido.



5. **Senhor dos Dois Mundos:** o herói vive no mundo antigo com a sabedoria do mundo que antes lhe era desconhecido. Ele integra o material e o espiritual, trazendo resultado ao seu renascimento simbólico.

6. **Liberdade Para Viver:** o herói transcende o ego, em consequência, vive em equilíbrio.

Tendo atravessado o limiar, o herói se move em uma paisagem onírica de formas ambíguas, curiosamente fluidas, onde ele deve sobreviver a uma sucessão de provações. (Campbell, 2024, p.99)

Esses conceitos foram desenvolvidos para associar e assimilar diversos mitos, tradições e ritos de passagem a uma única origem. Campbell defende que essas histórias que moldam sociedades e tradições são um reflexo interno do ser humano, expressões simbólicas de verdades universais sobre o processo da vida. O conceito de *monomito* é uma metáfora para a vida e morte, para as transformações internas que o ser humano sofre ao longo da vida. Ele escreve:

Os conceitos de Self e Sombra apresentados por Jung em *Aion: Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo* (JUNG, 2008) podem ser relacionados à Jornada do Herói, especialmente pelo processo de renovação psíquica e pela exploração dos arquétipos do Self e da Sombra, que são fundamentais para a compreensão da jornada psicológica do herói.

Dentro da Teoria Junguiana, o conceito de *sombra* serve para descrever a parte da psique humana que contém tudo aquilo que o ego recusa, toda e qualquer característica que o consciente não admite ser parte de si. Considerado o lado obscuro da personalidade, mas não necessariamente mal, a sombra agrega impulsos, desejos, traumas, medos e até habilidades reprimidas. (JUNG, 2008, p.13-23)

A noção psicológica do si-mesmo que deriva, por um lado, do conhecimento do homem total, e, por outro, se apresenta espontaneamente nos produtos do inconsciente sob a forma de uma



quaternidade arquetípica ligada por antinomias internas, não pode fechar os olhos para a sombra pertencente à figura luminosa e sem a qual ela não terá corpo e nem um conteúdo humano . (Jung, 2008, p. 64)

Para Jung (2008), integrar a sombra é algo essencial para alcançar a verdadeira força interior. Isso não significa ceder aos impulsos, mas tornar-se consciente deles e aceitá-los. De acordo com Jung, a sombra, quando reprimida destrói, e quando aceita, transforma. Campbell apoia indiretamente esse conceito em suas obras, afirmando que o momento em que o herói se depara com a necessidade de enfrentar um inimigo, é, simbolicamente, uma projeção de sua própria sombra . Na jornada, tanto a aventura quanto o interior, o herói é aquele que enfrenta a própria sombra, não somente monstros externos.

O tarô é um sistema simbólico composto por um conjunto de cartas que se presta à reflexão, interpretação e, tradicionalmente, à adivinhação. Surgido na Europa do século XV, o tarot não nasceu inicialmente com propósitos esotéricos. As primeiras evidências históricas apontam para o uso das cartas em jogos de salão, particularmente o jogo chamado *trionfi* (trunfos), que mais tarde evoluiu para o que conhecemos como tarot, deixando o termo “trunfo” como herança para os chamados Arcanos Maiores, um conjunto de cartas desse baralho que possui fundo arquetípico, como veremos mais à frente. (Nichols, 2007, p.18-24)

O baralho de Marselha é constituído por 78 cartas divididas em dois conjuntos: 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores. Os arcanos menores, por sua vez, são divididos em quatro naipes com 14 cartas cada (10 de números e quatro figuras, sendo elas rei, rainha, cavaleiro e valete). Segundo Nichols (2007) Podemos dividi-los em:

- **Copas:** sentimentos, relações, afetos (elemento água)
- **Ouros:** matéria, corpo, finanças, concretização (elemento terra)
- **Espadas:** mente, conflito, pensamento (elemento ar)
- **Paus:** energia vital, vontade, espiritualidade (elemento fogo)



Já os Arcanos Maiores, foco deste estudo, partindo do princípio de que o funcionamento das cartas de tarot está baseado na chamada correspondência simbólica, são responsáveis por representar arquétipos e forças da psique humana. A palavra "arcano" vem do latim *arcanum*, que significa "segredo" ou "mistério", refletindo a ideia de que essas cartas guardam conhecimentos ocultos sobre a existência humana e o funcionamento do mundo interior. Essas cartas não descrevem situações cotidianas específicas, mas estruturas simbólicas universais, tal como formulado por Carl Gustav Jung com o conceito de arquétipo - imagens primordiais que habitam o inconsciente coletivo.

Cada carta representa uma figura, situação ou princípio atemporal que ressoa no inconsciente coletivo da humanidade, ao contrário dos Arcanos Menores, que buscam ilustrar cenas da experiência cotidiana.

Os Arcanos Maiores condensam temas universais, como: nascimento, transformação, integração e equilíbrio em cartas como "O Mago", "A Morte", "O Mundo" e "A Temperança". Elas não são entendidas como figuras estáticas, mas como estados de consciência ou etapas de um percurso simbólico de amadurecimento e individuação.

O percurso dos Arcanos Maiores é frequentemente lido como uma narrativa: o "caminho do herói" ou "a jornada da alma", começando com a carta do Louco e terminando na carta XXI, O Mundo, e é nesse momento que encontramos os conceitos de Campbell e seu *monomito*.

Tomemos O Louco como o Herói. Esse arcano, numerado como 0, pode ocupar tanto o início quanto o final do baralho. O número zero não é apenas um ponto inicial, mas uma referência ao potencial puro: ausência de forma definida, mas plena possibilidade. O Louco é o arquétipo do buscador, do viajante espiritual, do espírito livre que se lança na jornada da vida sem saber seu destino. Em algumas tradições, ele também representa a sabedoria última: a capacidade de transcender todas as estruturas sociais, espirituais e pessoais. Ele tem a liberdade de ser posicionado no



início ou no fim de um baralho significa que o fim de uma jornada é também sempre o início de outra.

Tanto o Herói de Campbell quanto O Louco dialogam entre si em seus princípios estruturais, ambas narrativas simbólicas refletem a travessia do indivíduo por fases de desconhecimento, provação, revelação e retorno transformado - padrões que parecem, como sugeriria Campbell, formar um arquétipo universal da experiência humana.

A jornada da alma, semelhante com a jornada do herói de Campbell, com O Louco como herói que sai para a aventura da autodescoberta, passando por cada arcano que representa um estágio de sua jornada, até chegar no Mundo, que finaliza a narrativa cíclica de autoconhecimento, perda e integração.

Se organizarmos em paralelo, segundo Nichols (2007), ficaria da seguinte forma:

- **Partida** no Tarot: do Louco (0) ao Enamorado (VI), o Louco enfrenta as primeiras escolhas, ilusões e testes de identidade - semelhantes ao chamado e à preparação inicial do herói.
- **Iniciação**: do Carro (VII) à Torre (XVI), o Louco encontra desafios maiores, destruições de certezas (como a Torre simboliza) e purificações internas, semelhantes à fase das provações e abismos da Jornada do Herói.
- **Retorno**: da Estrela (XVII) ao Mundo (XXI), o Louco se reconcilia com o todo, descobre a esperança, a sabedoria e atinge a integração - como o herói que retorna trazendo algo novo para si e para sua comunidade.

O filme procura explorar a subversão da jornada do herói, contando a ascensão da vilã. Deyanira é a representação máxima da sombra integrada, ela se mostra como heroína, mas é seu lado oculto que está controlando a história. É uma inversão consciente do *monomito* de Campbell (2024), onde cada etapa da jornada do herói buscando por autoconhecimento é transformada em uma mentira simbólica. A vilã se apresenta como “escolhida”, manipulando os personagens e o público, fingindo



enfrentar um dilema moral para no final a sombra triunfar. Não há recompensa, apenas destruição, mas o espectador percebe isso tarde demais.

Deyanira usa uma empatia performática, projeções e fragilidades estratégicas para convencer todos ao seu redor de que é uma heroína torturada com o mundo sobre os ombros, manipula símbolos da jornada para se encobrir e lança luz em falsas acusações a Soren, para que o público duvide do mago, e até ele de si mesmo. Ela atribui ao seu parceiro características que ela mesma possui, como a sombra tende a fazer, e o público é seduzido por sua narrativa, o que até os momentos finais parece ser a luta contra o mal, revela-se como a sombra triunfando sobre o disfarce heróico.

O rompimento dessa trava ocorre no meio da narrativa, quando Deyanira realiza a dança e se consagra como Filha da Tormenta. Ali, com a dança com magia e espada representando o equilíbrio entre sua magia (instintivo), seu corpo (*self*) e a espada (mundo exterior), Deyanira não só abraça, como revela - mesmo que o espectador ainda não tenha consciência - sua individuação completa. O público vê uma projeção de aceitação, mas a personagem na realidade está se firmando dentro de sua fúria, está exercendo o desejo de controle do modo mais manipulador possível: sem que ninguém perceba, nem mesmo o espectador, seu feitiço atravessa a trama e atinge o público.

Dentro do universo arquetípico do tarô tradicional, usado para compor os traços de personalidade dos personagens principais e suas respectivas jornadas, pode-se analisar Deyanira e Soren como respectivamente O Diabo e O Enforcado.

Considerando que ambos os personagens possuem duas encarnações principais que marcam o início e o final da jornada - Nyxthra até Deyanira e Caedros até Soren - e levando em conta que Deyanira é o resultado de transformações e junção de forças mágicas, representando sua evolução espiritual, mesmo que para o mal, e Soren como um personagem quase que estagnado no tempo, amaldiçoado a percorrer o mesmo caminho diversas vezes, podemos analisar suas trajetórias da seguinte forma:

Nyxthra, a primeira encarnação e forma inicial da protagonista, encarna a carta da Torre. Em sua primeira forma, é a bruxa em ascensão. Ao encarnar a Torre,



representa o momento em que o ego, inflado e separado do inconsciente, precisa ruir para que uma nova configuração psíquica emergja.

Nyxthra sente seu poder crescer e deseja mais, sua ambição e desejo por controle a comanda. Apesar de saber que sua magia é perigosa, ela a utiliza deliberadamente, recusando os sinais internos de que há um desequilíbrio crescente. Assim como a Torre no tarô pela descrição de Nichols (2007, p.279-289), ela é altiva, isolada, construída sobre bases frágeis - e seu colapso se torna inevitável.

Esse processo ocorre através da dor, da traição de Caedros - seu único vínculo restante com a humanidade - A maldição que Nyxthra lança nesse momento representa mais do que uma explosão emocional: é o colapso do edifício psíquico que sustentava sua identidade anterior. Ela não é destruída, mas o que existe não pode mais existir.

No tarô, a Torre como arcano pessoal pode representar o momento em que a estrutura do ego não sustenta mais a alma, causando um despertar pela dor, uma revelação da verdade que vem pela destruição Nichols(2007, p.279-289). A Sombra pode muitas vezes forçar a integração por meio destrutivos. Nyxthra inicia sua integração pela perda de controle, realizando a morte simbólica de seu eu antigo, e, conseqüentemente, iniciando a primeira etapa de individuação.

Após sua queda, com a maldição lançada, a psique de Nyxthra não se dissolve, ela se reconstrói. Deyanira é a nova forma, ela emerge da destruição, mas não como redenção passiva. Ela abraça o que foi reprimido em Nyxthra: o desejo de glória, a potência mágica, o instinto, o poder destrutivo.

Deyanira não é uma nova alma: ela é Nyxthra depurada, reforjada nas ruínas da própria Torre, ela encarna a sombra que aguardava o momento ideal. Assim, ela se alinha ao arcano do Diabo, mas não como vilã inconsciente. Ela é a sombra integrada, a feiticeira que sabe o que é e o que quer, e isso é o que a torna fascinante como personagem. Deyanira é o resultado final da individuação. Ela não precisa mais negar, lutar ou se esconder: ela é inteira, e por isso mesmo, poderosa e ambígua. Sua trajetória é de alguém que caiu (como Nyxthra na Torre), passou por fragmentações



(outras encarnações) e, ao fim, retornou a si mesma, renascida como arquétipo pleno. Aqui, o Diabo não é maldade — é lucidez sobre o desejo. Ela é a síntese, o todo.

Em contraponto com Deyanira, temos Soren carregando o arquétipo da suspensão e repetição, O Enforcado. Como afirma Nicholson (2007, p.217-225), em suma, este arcano representa a suspensão forçada ou voluntária, o estado de limbo psíquico entre a morte e o renascimento, o sacrifício cármico, onde a alma é imobilizada até que aceite ver o mundo de cabeça para baixo, isto é, com outra consciência.

Soren, outrora Caedros, é um personagem marcado por estagnação e repetição cíclica. Ele não morre - não avança. Cada vez que reencontra Nyxthra (em uma nova encarnação), ele a mata, e isso o prende a um padrão arquetípico, um eterno retorno traumático que o mantém na posição de Enforcado invertido, não aquele que escolhe o sacrifício para crescer, mas o que fica preso ao sacrifício como punição.

A dinâmica desses dois personagens representa a mudança e a permanência, a morte simbólica e a vida suspensa, a aceitação da sombra e a recusa do inconsciente. Enquanto Deyanira colapsa e se refaz com mais consciência, Soren permanece no ponto de suspensão do trauma original.

Deyanira é o Self Final e Soren o Ego Estagnado. Ela percorre todas as fases da jornada, se fragmentando, desmoronando, morrendo, integrando e renascendo em totalidade. Porém Soren nunca chega a morte simbólica porque não se deixa transformar. Ele se sacrifica para manter a ordem, não para encontrar o Self. Sua existência é egoica, embora negue isso - porque se identifica com a função de herói, de justiceiro, de mártir.

Na cosmogonia simbólica que atravessa esse universo, cada personagem é um arquétipo vivo em processo de revelação. Não há maniqueísmo: há espelhos que distorcem, repetem ou quebram.

Nyxthra inicia a queda: seu desejo por poder, sua mágoa e seu orgulho são as faíscas que acendem a carta da Torre. Sua magia rompe a ordem, destrói tudo -



inclusive a si mesma. Mas a queda é apenas o início. É nesse colapso do ego que o processo de individuação começa.

Em sua forma final, Deyanira é a aceitação, resultados de diversas mortes simbólicas e existências fragmentadas, cada uma desvelando uma camada da Sombra. Deyanira não nega sua sombra. Ela a integra. Por isso é perigosa. Por isso é livre. Ela é Torre e Diabo: destrói ilusões, liberta impulsos, sustenta o caos sem ser engolida por ele.

Agora Soren, outrora Caedros, se condena à repetição. Ele é o Enforcado: um ser suspenso, atado ao próprio sacrifício. Ele nunca morre — porque nunca aceita renascer. Sua função é preservar a ordem, cumprir o ciclo, reencontrar Nyxthra e matá-la, até que ela o mate, ele não possui controle nem sobre o próprio fim. Ele representa o ego que recusa a dissolução, o espírito que se agarra ao conhecido, mesmo que isso o aprisione.

Apesar de carregar parcialmente o arco clássico - dever, sacrifício, combate com o “mal” - Soren não é o herói. Mesmo como vilã, Deyanira é a heroína, pois ela completou a travessia do Louco, ela é livre para queimar o próprio destino. Por isso que, no final da história, quando ela o mata, a repetição termina e ela retorna à capital que ajudou a fundar, é o herói de Campbell subvertido e volta ao local de onde partiu levando novos ensinamentos, mesmo que sejam trevas.

Deyanira mata Soren, mas também o liberta.

O espelho se parte, já que eles eram dois lados de uma mesma história.

Agora só ela existe. O ciclo se rompe.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul





9. REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Camilo Francisco Ghorayeb; Heráclito Aragão Pinheiro. São Paulo: Palas Athena, 2024.

JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2008. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9/2).

NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.



10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto alcança seu propósito ao analisar e desenvolver um roteiro de fantasia que não apenas se apoia na estrutura tradicional da jornada do herói, mas a subverte de forma consciente e crítica. Ao longo do processo, buscou-se refletir sobre como a forma narrativa é capaz de induzir o espectador a projetar expectativas heroicas sobre determinados personagens, mostrando ao final que tais expectativas podem ser ilusórias, construídas por convenções e arquétipos internalizados.

A protagonista, aparentemente moldada como heroína, revela-se uma figura que encarna a sombra, deslocando e projetando o papel do verdadeiro herói para aquele que silencia, renuncia e observa — e que, justamente por não ocupar o centro da narrativa, passa despercebido até a revelação final. Essa virada não é apenas um artifício de enredo, mas uma proposta reflexiva: o roteiro questiona a crença automática em certas jornadas, desafiando o público a perceber como a narrativa pode ser um mecanismo de manipulação simbólica.

Chegar a essa proposta foi resultado de um processo que envolveu pesquisa, inspiração em obras de fantasia e uma constante tentativa de fugir do óbvio, de resistir às soluções fáceis e aos clichês. A transposição do projeto de um longa-metragem para uma série ampliou as possibilidades narrativas, permitindo aprofundar as camadas psicológicas dos personagens e explorar com mais cuidado as ambiguidades da trama.

Concluo este projeto consciente de que ele não entrega respostas finais, mas abre caminhos para reflexões sobre narrativa, forma e expectativa. Ele convida não apenas a acompanhar uma história de fantasia, mas a pensar criticamente sobre as histórias que consumimos, sobre os arquétipos que nos atraem e sobre a facilidade com que compramos certas ilusões. Em última instância, trata-se menos de derrubar heróis e mais de olhar para o que nos faz chamá-los de heróis em primeiro lugar.